

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**Tese — Doutorado em Educação**

**ANDRÉA CRISTINA MARTELLI**

**O IMAGINÁRIO DA SEXUALIDADE NAS VOZES DE  
PROFESSORAS**

Área de concentração: **Ensino, Avaliação e Formação de Professores**

Tese apresentada para obtenção do grau de Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP, sob a orientação da Professora Doutora Áurea Maria Guimarães.

Campinas  
2009

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP  
Bibliotecária: Rosemary Passos - CRB-8ª/5751

	Martelli, Andréa Cristina.
M361i	O imaginário da sexualidade nas vozes de professoras / Andréa Cristina Martelli. -- Campinas, SP: [s.n.], 2009.
	Orientador : Áurea Maria Guimarães. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
	1.Sexualidade. 2. Imaginário. 3. Família. 4. Religião. 5. Gênero. I. 2.Guimarães, Áurea Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	09-239/BFE

Título em inglês : Imaginary sexuality from teacher's voices  
Keywords : Sexuality; Imaginary; Family; Religion; Gender  
Área de concentração : Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte  
Titulação : Doutora em Educação  
Banca examinadora : Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Áurea Maria Guimarães (Orientadora)  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Dirce Djanira Pacheco e Zan  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Carolina Bovério Galzerani  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cláudia Maria Ribeiro  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tânia Maria Rechia Schroeder

Data da defesa: 09/12/2009  
Programa de Pós-Graduação : Educação  
e-mail : [deiamartelli@hotmail.com](mailto:deiamartelli@hotmail.com)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

**Título: O imaginário da sexualidade nas vozes de professoras**

Autora: Andréa Cristina Martelli  
Orientadora: Áurea Maria Guimarães

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por  
Andréa Cristina Martelli e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 09/12/2009

Assinatura: Áurea M. Guimarães  
Orientador

COMISSÃO JULGADORA:

Áurea M. Guimarães  
M. Carolina Rosa Figueira  
Claudio J. de A.  
Rubio Almeida  
Paulo Rogério

2009

Ao meu pai Cornélio e a minha mãe Clair (*in  
memoriam*)

Porto seguro de minha história  
Saudades em minhas memórias

A minha mana Mara (*in memoriam*)

Mulher que soube viver suas diferentes personas

Camila e Helena

Minhas meninas-moças

Ensinam-me, diariamente, a arte de ser mãe

## AGRADEÇO

Sandra, Valéria, Margareth, Mare, Marlise, Ivete, Veroni, Eduarda, Fernanda  
Suas histórias mergulhadas em experiências e sensibilidades encharcaram de vida e cor esta  
pesquisa

Roseli, Júlio, Rafael, Fernanda, Alice, Paulo Rogério, Marco Antonio, João Henrique,  
Algacir, Diva, Gean, Maike, Gabriel, Maycon Robert, Ademir, Marlei, Vittoria, Arthur...  
Com vocês aprendo, cotidianamente, a ser mana, cunhada e tia...

Áurea  
Pesquisadora comprometida e corajosa em alçar novos vãos com seus orientandos...  
Palavras sábias em momentos de dúvidas e angústias

Acir e Georgia  
Amigos para a vida inteira  
Meus irmãos espirituais

Tânia  
Com sua generosidade intelectual e delicadeza peculiar mostrou-me um novo e belo  
caminho...

Carmem, Cida, Beth, Elenita, Edaguimar, Andreia, Ruth, Ivete, Marijane, Simone, Maria  
Inalva  
Mulheres, mães, professoras, pesquisadoras, amantes, esposas, filhas, amigas, irmãs...  
Presenças queridas

Cidinha Damaceno  
Pelo cuidado e carinho com a minha filha Helena durante as viagens a Campinas

Dirce, Carol e Cláudia  
Orientações preciosas nas encruzilhadas

Luzia, Maria Inês e Antonio Carlos  
Pela disponibilidade em contribuir com o meu trabalho

Aos colegas do Violar  
A nossa diversidade impulsionou novas ousadias a cada encontro

Aos profissionais da pós-graduação da Faculdade de Educação da Unicamp e do Centro de  
Educação, Comunicação e Arte da Unioeste  
Vocês trazem vida às geladas paredes da burocracia acadêmica

Aos homens que amei e amarei...

## RESUMO

Esta pesquisa problematiza o imaginário da sexualidade de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental da rede pública do município de Cascavel (PR). Busca a compreensão dos diálogos/conflitos estabelecidos com as instituições sociais na construção desse imaginário. Em suas vivências, as professoras abrem novos caminhos ou apenas vivem de acordo com os princípios institucionais apreendidos no decorrer de suas vidas? Para o desenvolvimento deste estudo, optou-se pela metodologia da História Oral, associando os gêneros da História Oral de Vida e da História Oral Temática. As professoras narraram suas vidas, suas experiências, suas memórias, suas histórias, que, nas entrevistas, foram balizadas por um assunto específico e previamente estabelecido: a construção e a vivência de sua sexualidade. Após transcrição das narrativas e análise, concluiu-se que a religião e a família são marcas expressivas no imaginário da sexualidade dessas mulheres. No entanto, elas constroem, no decorrer de suas vidas, minúsculas criações, pequenos desvios, fugas imperceptíveis e formas astutas de driblar os princípios institucionais. A circularidade entre o “dever-ser” e o “querer-viver” evidencia que, apesar das imposições sociais da igreja e da família, as professoras criam vivências de sexualidade que escapam do instituído.

**Palavras-chave:** Imaginário, sexualidade, educação, família, religião, gênero.

## ABSTRACT

This research inquires the sexuality imaginary of women teaching in the first grades of public elementary schools of the City of Cascavel (PR), to understand dialogues/conflicts established with social institutions for constructing that imaginary. In their living, those teachers open new paths or just live according institutional principles they learn along their lives? In developing the study, the methodology chosen was that of Oral History, associating Life Oral History and Thematic Oral History method types. Teachers narrated their lives, experiences, memories and stories, in interviews conducted under a specific previously dealt issue: constructing and living their sexuality. After transcribing and analyzing the narratives, the conclusion was that religion and family are significant marks in the sexuality imaginary of those women. Nonetheless, they construct, in the course of their lives, minute creations, little detours, imperceptible flights and clever forms of evading those institutional principles. Circularity of “must-be” and “want-to-be” exposes that, although church and family social impositions, teachers create sexuality livings that escape establishment.

**Keywords:** Imaginary, sexuality, education, family, religion, gender.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	IX
ABSTRACT .....	IX
UM CAMINHO ENTRE MUITOS.....	1
<b>CAPÍTULO I - SEXUALIDADES SITUADAS: MEMÓRIAS ENCARNADAS .....</b>	<b>13</b>
UMA VIDA TRANSFORMADA PELO TEMPO.....	15
CICATRIZES DE UMA VIDA .....	21
OS LIMITES NO DECORRER DE UMA VIDA.....	27
DESENCONTROS, ENCONTROS E ENCANTOS: UM SER EM CONSTRUÇÃO .....	31
MINHA HISTÓRIA, MINHA VIDA .....	37
MINHA VIDA, MINHA FAMÍLIA.....	41
SEXUALIDADE ANÔNIMA.....	45
INCERTEZAS COTIDIANAS .....	51
MINHA VIDA: UMA HISTÓRIA DE AMOR .....	55
EM MEIO ÀS ESTAÇÕES .....	59
<b>CAPÍTULO II - A SEXUALIDADE POR VÁRIAS VOZES .....</b>	<b>65</b>
SER MULHER, PROFESSORA E MÃE: (DES)CONSTRUÇÕES COTIDIANAS.....	67
EM NOME DO PAI, DA MÃE, DO MARIDO, DOS FILHOS, DAS FILHAS E DE DEUS: RELAÇÕES NA CONSTRUÇÃO E VIVÊNCIA DAS SEXUALIDADES .....	75
SER HOMEM E SER MULHER: UM APRENDIZADO SOCIAL .....	89
O OBEDECER E O TRANSGREDIR NA VIVÊNCIA DAS SEXUALIDADES .....	101
CAMINHO TRILHADO .....	111
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>113</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>121</b>
<b>ANEXO 1. ROTEIRO DAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>123</b>
<b>ANEXO 2. CARTA DE AUTORIZAÇÃO DO USO DO DEPOIMENTO SEM A IDENTIFICAÇÃO DO     NOME DA COLABORADORA DA PESQUISA.....</b>	<b>125</b>
<b>ANEXO 3. CARTA DE AUTORIZAÇÃO DO USO DO DEPOIMENTO COM A IDENTIFICAÇÃO DO     NOME DA COLABORADORA DA PESQUISA.....</b>	<b>127</b>

## UM CAMINHO ENTRE MUITOS...

Família, escola, trabalho, casamento, religiões, culturas, obrigações, prazeres, direitos, relações, sensações, sentimentos, entre muitos outros, desenham o mosaico da vida humana. No movimento desta, as pessoas dedicam seu tempo mais a este ou àquele aspecto. Em minhas experiências, compreendidas aqui como as transformações que experimento para alcançar outra forma de ser (cf. ORTEGA, 1999, p. 43), vivenciei em diferentes ocasiões — pessoais e sociais — pouca ou quase nenhuma atenção voltada ao corpo, aos prazeres, à sexualidade; parecia-me que pertenciam ao lado sombrio da sociedade e da vida das pessoas.

Nisto, percebia contradições. As que mais me chamavam a atenção eram o corpo escondido, os prazeres negados e a sexualidade, um segredo. Por outro lado, esse mesmo corpo, esse mesmo prazer e essa mesma sexualidade eram espetacularizados em diversos espaços sociais. Inquietavam-me esses desacordos entre esconder e mostrar, omitir e permitir, viver e denegar.

O ingresso em diferentes escolas propiciou-me a participação em conversas nos corredores e nas salas de aula — ora com os alunos e as alunas, ora com outros professores e outras professoras — sobre diferentes dúvidas, curiosidades e receios relacionadas à sexualidade.

O corpo, lentamente, ocupava o lugar de estrela entre os alunos e as alunas. A curiosidade sobre as diferenças entre o corpo do menino e o da menina, o encantamento e o medo das transformações em seus próprios corpos, a gravidez das mães, as proibições dos pais e das mães, as sensações prazerosas do encontro com o outro e com a outra, a ausência de diálogo em suas casas e a fascinação com os primeiros beijos e os primeiros toques no seu próprio corpo e no do outro e da outra desenhavam o cenário.

Já entre os professores e as professoras, pairava o receio de trabalhar ou não com a sexualidade em sala de aula, a insegurança sobre como trabalhar esse tema e a apreensão quanto à aceitação ou não desse trabalho pelos responsáveis e pelas responsáveis por alunos e alunas.

Minhas primeiras experiências docentes com a temática da sexualidade vêm de longa data. Entre 1987 e 1996, assumi a docência em turmas de 2ª, 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental. Nesse período, trabalhei com leitura e interpretação de textos e poesias, dramatização de peças teatrais, de cenas vividas pelas crianças em seus cotidianos e de músicas populares brasileiras e infantis. Discutíamos sobre as letras e os entendimentos de cada criança. Às vezes, produzíamos textos coletivos, em duplas ou individuais, desenhos livres.



Lembro-me da felicidade estampada no rosto das crianças quando traziam músicas e inventávamos coreografias ou movimentos corporais livres. Nesses dias, não me recordo de erguer a voz em busca de disciplina.

Ainda que motivada mais por conhecimento tácito do que embasamento teórico, eu buscava relacionar as atividades ao desenvolvimento do corpo e às dúvidas e curiosidades das crianças em sala de aula.

Como docente do curso de Pedagogia, ministrei a disciplina de Organização do Trabalho Pedagógico<sup>1</sup>. Nas salas de aula da universidade, discutia o papel do pedagogo nas escolas. A maioria dos alunos e das alunas pertencia ao quadro de docentes das escolas municipais. Ao iniciar a aula, o espaço de discussão era constantemente tomado pelas experiências deles e delas sobre as situações recorrentes vivenciadas com as crianças, as quais envolviam aspectos circundantes à sexualidade. O mais intrigante era que, em geral, narravam-se os sobressaltos com perguntas inesperadas e cenas presenciadas e o desconhecimento de como agir.

O despreparo em trabalhar sobre sexualidade com alunos e alunas foi narrado também por professores e professoras nos cursos de formação continuada. Que fazer diante de crianças que se masturbavam em sala de aula e no banheiro? Com crianças que exibiam seus órgãos genitais? Com os beijos na boca? E quando se deitavam umas em cima das outras? Estas perguntas e tantas outras ruborizavam nossas faces e punham em xeque nossas concepções sobre a escola, a educação e, principalmente, o nosso papel de professor e de professora.

Essas experiências pessoais e profissionais impeliram-me a enfrentar o desafio de trabalhar especificamente a temática da sexualidade com os professores e as professoras da rede municipal de ensino de cidades do oeste do estado do Paraná. Além disso, propus-me a oferecer uma disciplina optativa aos alunos e às alunas das licenciaturas da universidade onde atuo.

Tais atividades apontaram-me minha fragilidade teórico-metodológica a respeito desse assunto, bem como me instigaram a encarar uma questão: se o trabalho pedagógico com as situações que envolvem a sexualidade é pautado pelo imaginário de sexualidade dos professores e das professoras, que imaginário é esse?

Em relação ao trabalho com sexualidade nas escolas, creio que outras questões antecedem

---

<sup>1</sup> A experiência como supervisora em escola municipal, professora das séries iniciais do Ensino Fundamental e docente na universidade, ministrando disciplinas voltadas ao trabalho pedagógico e à prática de ensino, levou-me a cursar o mestrado na área de Supervisão e Administração Escolar (1997-1999). Não obstante, permanecia latente o desejo de pesquisar o tema da sexualidade.

a formação acadêmica. Como nós, professores e professoras, vivemos a sexualidade? Quais os mitos, as imagens, os preconceitos, os tabus, os sonhos e os desejos envolvidos em nossas experiências sexuais? Quais as marcas que carregamos na vida adulta das instituições sociais a que pertencemos? Procuramos caminhos para romper com o estabelecido ou nos desviar deste? Ou apenas seguimos modelos?

Diante da necessidade de aprofundamento teórico e do desejo de responder a tais inquietações e, quiçá, encontrar outras, persegui novo objetivo que aos poucos se materializava em minha profissão: o doutorado, tendo como tema de estudo a sexualidade.

Nas primeiras leituras para elaboração do projeto do doutorado, constatei que precisaria me desobrigar do meu conhecido referencial teórico, da minha definição de produção do conhecimento, da minha racionalidade técnica e fazer uso da “filosofia do martelo” — “ser capaz de destruir para que o que deve crescer possa fazê-lo em total liberdade” (MAFFESOLI, 2005b, p. 13) —, para construir um saber erótico a respeito da sexualidade. Esse saber não poderia estar envolto apenas pela razão, porque “a vida empírica está aí para mostrar que, ao lado da razão, a paixão ou a emoção ocupam um lugar inegável; pode-se até dizer, um lugar cada vez mais importante” (MAFFESOLI, 2005b, p. 165). A razão e a emoção coabitam no mundo e nas relações estabelecidas entre as pessoas<sup>2</sup>.

O desejo de construir novos caminhos em meu percurso de pesquisadora moveu-me à procura de novas metodologias. Na pesquisa empírica, desejava estar ao lado do professor e da professora, compreendendo suas falas, seus gestos, sua respiração, seu silêncio, seu corpo, sua expressão, seu riso, suas lágrimas — enfim, sua linguagem não-verbal.

Conheci e identifiquei-me com a História Oral<sup>3</sup>: essa metodologia vinha ao encontro de meus desejos. Nas leituras, compreendia que trabalhar com essa abordagem exige uma postura diferenciada de outras formas de trabalho com as entrevistas; há necessidade de um projeto prévio, da utilização do gravador, da escrita de um texto e da sua eventual análise, do arquivamento das fitas e da devolução social (cf. MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 30). “É exatamente na importância delegada à elaboração do texto como documento que a História Oral

---

<sup>2</sup> No decorrer da produção da tese, optei por utilizar o termo “pessoa” no sentido maffesoliano, ou seja, a pessoa aberta em direção ao outro e a si mesma, relacionada ao processo de identificações que desempenha papéis emocionais (cf. MAFFESOLI, 2005b, p. 107).

<sup>3</sup> “O verdadeiro nascimento da História Oral deu-se nos Estados Unidos, após a 2ª Guerra Mundial, quando os gravadores portáteis tornaram possível o registro efetivo da voz. Consideram-se as primeiras gravações de Alan Nevins, em 1948, como o marco da criação desse método” (GATAZ, 1996, p. 239). A introdução da História Oral no Brasil ocorreu nos anos 70; no entanto, sua expansão tornou-se mais significativa nos anos 90 (cf. AMADO; FERREIRA, 2006, p. ix).

difere de outros trabalhos ligados a entrevistas” (MEIHY, 1994, p. 55).

Se, de um lado, a História Oral vem conquistando espaço nas universidades, por outro persiste a desconfiança entre os seguidores de uma tradição clássica do historicismo e de algumas versões atuais que privilegiam a objetividade. Uma das desconfianças reside na matéria-prima da História Oral, ou seja, a oralidade materializada em “depoimentos e tradições, relatos e histórias de vida, narrações, recordações, memória e esquecimentos, etc., todos estes rotulados como elementos subjetivos de difícil manejo” (LOZANO, 2006, p. 18).

Como o próprio nome diz, a História Oral privilegia a oralidade e, mais do que isso, destaca e concentra sua análise na “visão e versão” (LOZANO, 2006, p. 16) das experiências vividas pelas pessoas. Em outras palavras, a subjetividade é o aspecto fundamental da vida e das experiências humanas que fervilham em trabalhos com essa abordagem. A meu ver, eis a pertinência da História Oral nesta pesquisa, dado que a sexualidade mistura-se à própria vida das pessoas, numa circularidade entre objetividade e subjetividade, entre pessoal e social.

Na revisão bibliográfica, não encontrei consenso entre os pesquisadores que optam pela História Oral — o que torna esse caminho mais frutífero e em constantes mudanças, sem o perigo da estagnação. Uns a consideram como uma ferramenta, outros como uma técnica; uns como forma de saber, outros como disciplina e outros ainda como metodologia<sup>4</sup>. Esse leque de possibilidades causou-me momentos de insegurança e angústia: afinal, qual era o estatuto da História Oral em minha pesquisa?

Lendo e relendo a obra de Meihy e Holanda, compreendi que, no meu processo de investigação, a História Oral constituiu-se como metodologia, pois as entrevistas configuraram o epicentro da pesquisa e a força centrífuga das preocupações (cf. MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 71-73).

Dentre os gêneros da História Oral — História Oral de Vida, História Oral Temática e Tradição Oral (cf. MEIHY, 2005, p. 147-170) —, optei por trabalhar de forma combinada com os dois primeiros. Em cada entrevista, os professores e as professoras narrariam suas vidas, suas experiências, suas memórias, suas histórias balizadas por um assunto específico e previamente estabelecido: a construção e a vivência de sua sexualidade.

Sendo as entrevistas, o coração de minha pesquisa e das problematizações e compreensões posteriores, organizei, em conjunto com a Universidade Estadual do Oeste do Paraná-Unioeste, uma atividade extensionista na modalidade de curso, objetivando mobilizar os professores e as

---

4 No que diz respeito a conceitos e definições sobre a História Oral, cf. “Textos para diálogo” (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 81-87), em que o autor e a autora expõem diferentes posturas teóricas a respeito da História Oral.

professoras, minha “comunidade de destino”<sup>5</sup>, a falarem sobre sua sexualidade. Na semana das inscrições (cujo único critério era pertencer ao quadro de professores e professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental das escolas públicas municipais da cidade de Cascavel, no Paraná), deparei com a agradável surpresa do número de inscritos no curso.

Nosso primeiro encontro na universidade: a sala repleta de professoras — ex-alunas, algumas amigas pessoais e outras desconhecidas — e com a presença de um professor. Minha ansiedade materializada nas mãos geladas e na voz trêmula. Nesse cenário, narrei um pouco da minha história e da minha pesquisa e, em seguida, ouvi as professoras e o professor.

Nos primeiros instantes, notei o constrangimento geral. Pairavam nuvens de curiosidade sobre as cabeças, pois o curso seria a respeito de uma temática raramente discutida naquela realidade social e educacional.

No final do encontro, quando solicitei colaborador e colaboradoras<sup>6</sup> para as entrevistas, uma sensação de apreensão acometeu-me. Eu precisava de professores e professoras dispostos a transformar experiências pessoais de construção e de vivências de sexualidade em documento escrito (cf. MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 63). Das 48 pessoas presentes, dez professoras se dispuseram a participar<sup>7</sup>.

As colaboradoras, todas graduadas, nasceram no período de 1960 a 1978. A mais nova tinha 29 anos de idade e a mais velha, 47, na data das entrevistas, que ocorreram no segundo semestre de 2007. Todas nasceram e cresceram nos estados da região Sul do Brasil e haviam constituído suas vidas no Paraná.

Nas primeiras entrevistas, a dificuldade em superar o modelo tradicional dominava-me: perguntas objetivas acompanhadas de respostas. Depois de contínuas orientações e de releituras, refiz as duas primeiras entrevistas. Estabeleci um roteiro flexível, com perguntas relacionadas a vida pessoal, profissional, emocional, religiosa e escolar permeada pela presença da sexualidade (esse roteiro está reproduzido no Anexo 1). Em algumas ocasiões, abandonei o roteiro e aceitei o movimento concedido pela professora no decorrer da entrevista, atenta aos objetivos da pesquisa.

Em todas as entrevistas predominou um clima afetuoso, agradável e respeitoso. As

---

5 “‘Comunidade de destino’ é o resultado de uma experiência que qualifica um grupo, dando-lhe princípios que orientam suas atitudes de maneira a configurar uma coletividade com base identitária” (MEIHY, 2005, p. 72).

6 “‘Colaborador’ é um termo importante na definição do relacionamento entre o entrevistador e o entrevistado. Sobretudo, é fundamental porque estabelece uma relação de compromisso entre as partes” (MEIHY, 2005, p. 124).

7 De fato, dez professoras e um professor dispuseram-se às entrevistas. A partir das observações feitas pelas integrantes da banca no Exame de Qualificação, decidi considerar somente as falas das professoras.

colaboradoras marcavam o dia, o horário e o local, de acordo com suas disponibilidades. Em cada encontro, “busquei compreender sua [da colaboradora] linguagem como veículo de significações, não tendo, portanto, a entrevista nenhuma intenção de intervenção na sua maneira de ser no mundo” (MELO, 2004, p. 57).

No processo das entrevistas, não ocorreram contratemplos: não houve desistência das colaboradoras, e as entrevistas aconteceram nas datas e nos horários previamente marcados por elas. Em cada entrevista, percebia — e “perceber é envolver de um só golpe todo um futuro de experiências em um presente que a rigor nunca o garante, é crer em um mundo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 399) — a necessidade e a dificuldade que as pessoas mostravam de falar sobre as construções e vivências de suas sexualidades. Nesse aspecto, concordo que “a maioria das coisas que fazem parte da nossa vida cotidiana são compreendidas razoavelmente até que se precise defini-las; e, a menos que solicitados, não precisaríamos defini-las” (BAUMAN, 2001, p. 128).

Cada professora deu um tom para sua entrevista, o que resultou em diferentes ritmos de narrativas. Não há como padronizar as histórias pessoais; cada pessoa traz em sua vida experiências ímpares, ressignificadas a todo o momento, mesmo porque existe uma “notória disparidade entre o que fazemos e como narramos nossas ações” (BAUMAN, 2001, p. 147).

Nos diferentes ritmos de narrativas, havia uma pergunta de corte — “o elemento fundamental e comum pelo qual devem passar todas as entrevistas” (MEIHY, 1991, p. 19) — que foi feita a todas as colaboradoras: “Estamos falando tanto em sexualidade; mas, afinal, para você, o que é sexualidade?” Esta pergunta construiria a linha atravessadora (cf. MEIHY, 1991, p. 19) das narrativas e da pesquisa: problematizar o imaginário da sexualidade dessas professoras e os diálogos/conflitos estabelecidos com as instituições sociais na construção desse imaginário<sup>8</sup>. Com relação a essas vivências, a questão é se as professoras constroem novos caminhos ou apenas vivem de acordo com os princípios institucionais apreendidos no decorrer de suas vidas. Em cada encontro com as professoras, rememorava minha própria vida, cruzava as minhas experiências com as delas, emocionava-me<sup>9</sup> com as dores e os prazeres de minhas

---

<sup>8</sup> Neste trabalho, compreendo o imaginário social como “um conjunto coordenado de representações, uma estrutura de sentidos, de significados que circulam entre seus membros [da sociedade], mediante diferentes formas de linguagem” (TEVES, 1992, p. 17). Nesse imaginário, “a polissemia das situações e a polissemia das palavras entram num balé sem fim, remetem incessantemente uma a outra e inserem-se, enfim, num vasto espectro cênico, o qual pode ser resumido na expressão imaginário social” (MAFFESOLI, 2005d, p. 58). “O imaginário social tende a privilegiar uma relação mais serena com o mundo em suas diferentes manifestações” (MAFFESOLI, 2007, p. 55).

<sup>9</sup> “A emoção não é uma simples desordem do organismo. Ela é inicialmente significação, modo de apreensão do mundo pela consciência” (DARTIGUES, 2005, p. 93). “A emoção não pode ser reduzida à esfera do privado, mas é cada vez mais vivenciada coletivamente” (MAFFESOLI, 1995, p. 76).

colaboradoras, pessoas que interferiram em minha percepção de mundo e de sexualidade. Assim, cada entrevista pautou-se pelo “encontro entre Seres-corpos no mundo, em que ambos, entrevistador e entrevistado, se colocam à prova, já que o Eu encontra-se com o Outro, e ambos mudam suas vidas, de alguma maneira, após o encontro” (MELO, 2004, p. 57).

Após as entrevistas, enquanto as falas ainda ecoavam em minha memória, fiz a transcrição, ou seja, transcrevi para o papel as palavras das colaboradoras, sem quaisquer alterações significativas. O cansaço físico e mental me traía, o que me forçou a ouvir repetidas vezes as fitas gravadas.

Das transcrições às textualizações, busquei construir um texto mais claro, coeso, sucinto e compreensível. As perguntas foram suprimidas e incorporadas ao discurso das professoras. As palavras alheias ao léxico consagrado, as expressões cuja construção gramatical era divergente da norma culta e os vícios de linguagem foram eliminados.

As diversas escritas da textualização resultaram na transcrição<sup>10</sup> das narrativas individuais, ou seja, no exercício de tentar incorporar ao texto escrito os silêncios, as mudanças de expressão do rosto, as diferentes entonações da voz e emoções. Em outras palavras, procurou-se “trazer ao[à] leitor[a] o mundo de sensações provocadas pelo contato [entre a entrevistadora e as colaboradoras], e como é evidente, isso não ocorreria reproduzindo-se o que foi dito palavra por palavra” (MEIHY, 1991, p. 30-31).

O conceito de transcrição manifesta uma ação criativa e uma relação dinâmica entre o sujeito e o objeto, o oral e o escrito, o documento e o(a) pesquisador(a) (cf. MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 160). É um novo texto que nasceu das entrevistas, das transcrições, das textualizações e da relação de compromisso assumida entre a pesquisadora e as colaboradoras. Por fim, transcriar é tentar incorporar na escrita as sensibilidades, os desvios, as reminiscências, os esquecimentos, as histórias e as vidas.

A tessitura das entrevistas e, conseqüentemente, das narrativas foi constituída pelas experiências vividas das professoras em suas histórias. Cada palavra narrada revezava a razão e a paixão, a objetividade e a subjetividade, o pessoal e o coletivo.

Na medida em que contamos nossa vida, não a recontamos literalmente como aconteceu, mas como desejamos que tivesse acontecido e como nos lembramos. Construimos novos

---

10 “Roland Barthes propôs o chamado ‘teatro de linguagem’ e através dele nos valem para operar a fase final de trabalho dos discursos: a transcrição” (MEIHY, 1991, p. 30).

significados para os fatos, as sensações e as emoções: “a história é tanto um processo de esquecer como de aprender, e a memória é famosa por sua seletividade” (BAUMAN, 2001, p. 148).

A opção pela História Oral e pela narrativa permitiu-se ouvir as vozes de mulheres-professoras. Essas mulheres dividem seus espaços e tempos entre trabalho com as crianças, nas salas de aulas, e atividades docentes que extrapolam o horário de trabalho — planejamentos de aulas e correções de avaliações — e suas obrigações como mães, esposas, donas de casa, filhas, amantes... Em muitas ocasiões, a vida delas se desenha no trajeto de suas casas à escola, ou à casa de seus familiares ou ainda aos templos. Envolvidas pelo movimento diário de suas vidas, restam-lhes poucos espaços e tempos para o convívio com outras pessoas e para compartilharem dúvidas, alegrias, vitórias, aflições, angústias, necessidades e experiências.

As entrevistas materializadas em narrativas não significam a mera descrição de fatos pessoais, isolados, fragmentados. Narrar, para Benjamin<sup>11</sup>, é mergulhar as palavras no mar da vida, palavras encharcadas de conceitos. Narrar é intercambiar experiências entre gerações e entre pessoas conhecidas e desconhecidas. É o movimento coletivo de culturas, diferenças, sensibilidades, conhecimentos, mitos, “verdades”, valores éticos, vidas. São as histórias e as memórias de cada uma das professoras impregnadas pelas marcas dos lugares e dos tempos vividos, assim como das relações estabelecidas. Em cada vida, traços da sociedade, das famílias, das religiões, das escolas, dos casamentos e delas mesmas.

Ao narrar nossas vidas, ressignificamos nossas memórias, compreendemos acontecimentos passados, preenchemos alguns espaços e descobrimos outros. Nas palavras narradas, contamos e recontamos nossas histórias e memórias, num processo incessante de construção e desconstrução de nós mesmos.

Quando narramos fenômenos de nossa vida ou escutamos alguém o fazer, nossa memória se faz presente. Para Benjamin (1994, p. 210), a memória é a “musa da narrativa”, é “a mais épica de todas as faculdades”, provocadora não do surgimento de “lembranças” lineares, temporais e verídicas, mas de “reminiscências” que rompem a sucessão cronológica dos fatos. Rememorar não significa o retorno nostálgico a um passado distante e, sim, “partir de indagações presentes, para trazer o passado como opção de busca atenciosa, em relação aos rumos a serem construídos no presente e no futuro. Não se trata apenas de não esquecer o passado, mas de agir sobre o futuro” (GALZERANI, 2004, p. 295). Os acontecimentos vividos são encerrados no domínio do

---

<sup>11</sup> O pensador berlinense Walter Benjamin (1892-1940) tornou-se um dos mais conhecidos integrantes da Escola de Frankfurt. “Autor de uma obra fragmentada, muitas vezes inacabada, estabeleceu um marco no pensamento e propôs um projeto estético e político para a crítica” (CULT, 2006, p. 45).

presente concebido como “sempre igual”, ao passo que, quando nos lembramos de um fato, isso ocorre sem limites; lembramo-nos de muitas coisas que vieram antes e depois, e de outras lembranças vividas, passadas, guardadas ou esquecidas, como se fosse uma ciranda de imagens<sup>12</sup>.

A memória e a história cimentam a tessitura das narrativas. Nas palavras de Benjamin (1994, p. 229), “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’”. Ao mesmo tempo, “a história, tal como os homens [e as mulheres] a fazem, não é um movimento contínuo, linear: ela é marcada por rupturas e se realiza através de lances que, em princípio, poderiam sempre ter sido diferentes” (KONDER, 1999, p. 14). A história “a contrapelo” não é “aquela dos vencedores, mas aquela que poderia ter sido outra, que foi sufocada, mas deixou interrogações, lacunas, brancos que são sinais tanto de alteridade e de resistência” (GAGNEBIN, 2006, p. 52; grifo da autora).

O sentido da história vem da ação de homens e mulheres e não pode ser pensado *a priori*, ou seja, antes que eles e elas façam suas escolhas e tomem suas decisões. Os fatos do hoje não determinam o amanhã; sempre contamos com a disposição das pessoas em surpreender (KONDER, 1999, p. 14) — considerando-se, aqui, as pessoas num significado amplo, que também envolve “elaborações culturais, isto é, visões de mundo e de sensibilidades” (GALZERANI, 2004, p. 298).

Ao narrar suas histórias, as professoras revolveram a terra do seu passado. Nesse passado silenciado, encontramos “contradições enterradas, como se fossem cartuchos de pólvora” (KONDER, 1999, p. 14).

As falas das professoras são embaladas por suas histórias e suas memórias: por experiências vividas, pela socialização de tradições, sensibilidades, histórias pessoais mescladas às histórias coletivas, de pessoas situadas em relação de uns aos outros e localizadas num determinado lugar do qual falam, sentem, rememoram, significam e ressignificam (MAFFESOLI, 2005c, p. 164).

O texto transcrito foi devolvido às professoras, o que assinalou o momento “de legitimação das entrevistas por parte das depoentes” (MEIHY, 1991, p. 31). Elas tiveram a liberdade de alterar, corrigir, ocultar e incluir fatos e frases; enfim, de modificar a escrita, caso

---

<sup>12</sup> As discussões sobre narrativa, memória e história fundamentam-se nas anotações das aulas da disciplina “Memória, Modernidade Capitalista e Educação”, ministrada pela professora doutora Maria Carolina Bovério Galzerani no segundo semestre de 2006. Dentre as referências bibliográficas estudadas na disciplina, destaco Benjamin (1987 e 1994), Galzerani (1999, 2002, 2004), Gay (1988) e Thompson (1981).



não identificassem suas vidas nas linhas escritas.

Para Benjamin (1994, p. 198), “entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”. Cada professora leu atentamente sua narrativa, e as reações foram variadas: algumas devolveram logo o texto; outras, com os olhos marejados, abraçaram-me e me agradeceram a possibilidade de conhecer um pouco mais a si próprias; três colaboradoras solicitaram mínimas alterações, imediatamente realizadas.

Das dez colaboradoras do início das entrevistas, só uma solicitou seu afastamento da pesquisa, com a justificativa de que lhe seria impossível ler a contento a transcrição de sua narrativa na turbulência das atividades finais do ano letivo. As demais foram aprovadas e autorizadas para a pesquisa<sup>13</sup>.

Transcorreram seis meses de trabalho minucioso e exaustivo desde a coleta de depoimentos até a transcrição individual ser aprovada e autorizada pelas colaboradoras. Nesse período, reli, reescrevi e reescutei as fitas gravadas e as narrativas, até produzir as transcrições.

Na busca por uma estética<sup>14</sup> sensível no trato do tema e diante das falas das professoras, assumi uma postura alicerçada na sensibilidade generosa (cf. MAFFESOLI, 2005b, p. 12), fazendo o exercício de não me chocar e nem me espantar com as experiências narradas.

Procurava antes compreender o ritmo próprio de cada vida pesquisada. Coloquei em suspensão (cf. MERLEAU-PONTY, 1973, p. 30) meus preconceitos ou julgamentos morais, para compreender o imaginário da sexualidade, sem denegar minhas crenças e valores — pelo contrário: reconhecendo-as, procurei abordá-las ponderadamente, descobrindo novas significações, novas aberturas, novas dimensões a respeito da sexualidade. Compreender a sexualidade é percebê-la do ponto de vista de quem a vive, reintegrando o mundo da ciência com o mundo da vida (cf. DARTIGUES, 2005, p. 71) e assumindo uma postura simpática<sup>15</sup> diante dos fatos narrados.

A história oral, sendo “sempre social” (MEIHY, 2005, p. 42), possibilita que a pessoa, ao narrar sua vida, o faça inserida em grupos sociais mais amplos que a circundam. Família, escola,

---

<sup>13</sup> As colaboradoras da pesquisa assinaram um documento de autorização para o trabalho com suas narrativas (ver Anexos 2 e 3).

<sup>14</sup> “A estética (*aisthesis*), o sentir comum, parece ser o melhor meio de dominar o ‘consenso’ que se elabora aos nossos olhos, o dos sentimentos partilhados ou sensações exacerbadas: ‘*Cum-sensualis*’” (MAFFESOLI, 2005c, p. 13; grifos do autor).

<sup>15</sup> “A simpatia será, pois, um modo de conhecimento que me permite compreender estados que não experimento, que eu talvez jamais tenha experimentado” (DARTIGUES, 2005, p. 61; grifos do autor).

igreja, ambientes de trabalho, grupos informais, etc., traçam a moldura das significações das nossas experiências.

As experiências da sexualidade, vividas por pessoas situadas num mundo inesgotável, não se limita às condições externas. De um lado, o mundo social (cultura, política, economia, religião, história, etc.); de outro, a subjetividade (quem, o que somos e como reagimos diante da vida), “que não é privilégio de um indivíduo isolado, mas pertence a uma pessoa que se situa numa vasta rede de inter-relações e que comunga em mitos comuns” (MAFFESOLI, 2005b, p. 142).

Vivemos nossa sexualidade no movimento interminável entre as imposições objetivas e as necessidades subjetivas. As vivências não são únicas e fixas, e é no movimento entre o que devemos fazer e o que queremos viver que constituímos nossas identificações.

A tese começa com as dez narrativas transcritas<sup>16</sup>. Estas nortearam a escrita do texto do capítulo seguinte, que se constitui na tentativa de problematizar o imaginário de sexualidade nas vozes das professoras e os diálogos estabelecidos com as instituições sociais na construção desse imaginário, como também de compreender se as professoras constroem novos caminhos ou apenas vivem de acordo com os princípios institucionais apreendidos no decorrer de suas vidas.

Os aspectos pessoais de vida foram entrecruzados com as vozes de alguns teóricos e de algumas teóricas e com as minhas problematizações e compreensões. Persegui na escrita um movimento cíclico entre os conceitos discutidos e a vida das entrevistadas, sensível ao fato de que nossa vida não segue o rigor dos trilhos de um trem nem a exatidão das equações matemáticas.

Convivemos com mudanças sociais, culturais e históricas, com a multiplicidade de situações imprevistas, com o entrecruzamento de nossas várias personas, com o esfacelamento de valores e hábitos e com o nascimento de outros tantos, com a nossa inserção pessoal num movimento maior chamado vida em sociedade.

O ato da transcrição das narrativas individuais está perpassado pelo desejo de que os leitores e as leitoras se identificassem como parte do texto e entendessem a este como parte de suas próprias histórias. Convido o leitor e a leitora, ainda que não tenham participado diretamente da pesquisa, a trilharem o caminho percorrido, que mostra o esforço para expressar diversas narrativas com suas nuances inter-relacionadas e abraçadas — e que, por isso, dependem umas das outras para dar materialidade a esta tese.

---

<sup>16</sup>Além das nove narrativas das colaboradoras da pesquisa, o Capítulo I inclui o meu memorial, que foi inserido na tese por sugestão da banca de qualificação.

## **Capítulo I - SEXUALIDADES SITUADAS: MEMÓRIAS ENCARNADAS**

## **Uma vida transformada pelo tempo<sup>1718</sup>**

Sempre fui uma criança muito obediente; aliás, a obediência conservou-se em todas as fases da minha vida. Como filha mais velha, sinto-me uma pessoa privilegiada por ainda conviver com meus pais, graças a Deus!

Amo muito meu pai e minha mãe! Ele é uma pessoa maravilhosa. Eu e minha mãe somos muito parecidas, mas nossas semelhanças se restringem ao físico, pois em termos de pensamento a diferença é gritante. Essas diferenças dificultaram e ainda dificultam muito nossa relação.

Minha mãe foi a sétima, entre 11 filhos. O namoro dela com meu pai iniciou na adolescência; ela contava 12 anos e ele, 16. Vivendo num tempo em que as pessoas precisavam casar-se e ter filhos, três anos depois se casaram. Eu nasci quando a minha mãe tinha 16 anos: ainda uma criança, com uma grande tarefa pela frente, cuidar de outra criança. O casamento e a maternidade chegaram muito precocemente na vida dela; a falta de tempo para o seu amadurecimento prejudicou nossa relação.

De repente, não mais que de repente, minha mãe deixou de ser uma criança para ser adulta, dona de casa e mãe de família; as mudanças tornaram-se um desafio. Engraçado, não consigo nomear o sentimento que tenho por ela; estranho para uma relação de mãe e filha. Às vezes parece ressentimento; ao mesmo tempo é um amor muito grande. Sinto tristeza e uma distância enorme dela, é uma relação confusa.

Atualmente, eu e meu pai vivemos uma relação meio distante. Muito diferente da minha infância; lá havia um sentimento de companheirismo entre nós. Eu tinha paixão por sair com meu pai, nossos passeios eram afetuosos. Um fato que me marcou: a paixão dele pela sinuca. Nós íamos ao bar para ele jogar sinuca; me colocava naqueles banquinhos altos de frente à estufa com salgados, e ao meu lado havia um vidro enorme de ovos cozidos coloridos. Intrigavam-me as cores; não me lembrava que a galinha punha ovos coloridos nem me passava pela cabeça o modo de colori-los.

Minha infância foi de muita obediência: a palavra do meu pai era lei. No caminho para escola, os ensinamentos do meu pai ressoavam em meus pensamentos: “Não corre, não briga, não conversa na sala de aula, faça as atividades, presta atenção, seja obediente, seja educada, não pode ser assim, não pode ser assado!” Não considero a severidade do meu pai uma falha. Ele quis me ensinar o melhor. Se sou o que sou e tenho o que tenho, devo a ele e também a minha mãe.

---

<sup>17</sup> Cada professora escolheu o título de sua narrativa.

<sup>18</sup> Tenho 36 anos, sou historiadora e docente nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Apesar de respeitar e obedecer aos meus pais, não fui uma filha exemplar. Na minha infância tive uma saúde bem frágil; como consequência, atravessei muitas dificuldades na escola.

Quando eu tinha 6 anos, meu paciente pai sentava comigo à mesa e me questionava: “Minha filha, quanto que é cinco mais cinco?”. Eu me lembro daquele dedão na minha frente; ele contava e recontava, contava e recontava e me perguntava: “E agora, quanto que é cinco mais cinco?”; eu chorava, porque não sabia. Um dia, na sala de aula, do nada, descobri: “Meu Deus! Cinco mais cinco é dez!” Fiquei tão ansiosa que eu não via a hora de sair correndo até a oficina para contar ao meu pai.

Percebo hoje dois momentos diferentes da importância da escola na minha vida. No começo, orgulhar o meu pai consistia no meu grande objetivo; com o tempo, a graduação foi se tornando importante em face das necessidades profissional, pessoal e econômica criadas pela vida adulta.

Da minha vida, os relacionamentos amorosos são os aspectos mais complexos, resultando, às vezes, na sensação que eu não nasci para namorar, não fui feita para o casamento e muito menos para sexo. Esse sentimento nasceu das minhas experiências com o outro, carregadas de sucessivas imperfeições. Às vezes, penso: “Por que as pessoas precisam casar-se? Por que as pessoas precisam ter filhos?”

Meu primeiro contato com um homem ocorreu aos meus 20 e poucos anos; quando peguei a sua mão, meu corpo tremia, meu Deus do céu, como tremia! Ah! Antes desse contato, vivi outra situação muito significativa. Minha ingenuidade era tanta, que um menino lindo pediu se podia me beijar, e eu respondi: “Posso pensar?” Passei um mês pensando; para minha sorte; era final de ano e viajei. Ao retornar, quem estava me esperando no portão? O menino. Fiquei tal como um picolé, porque sabia que estava prestes a cometer um ato ilícito. Encorajei-me e o beijei; aliás, encostei meus lábios nos lábios dele. Ai, meu Deus! Mas só fui aprender a beijar, de verdade, sete anos depois, com uma outra pessoa, com quem me relacionei por um período breve, sem intimidades.

Passado um tempo, iniciei uma nova relação e nesta vivenciei a minha primeira experiência sexual; só depois disto moramos juntos. Imaginava a minha primeira relação sexual somente após o meu casamento; como não ocorreu dessa forma, pareceu-me um acontecimento sem graça. Talvez ainda não estivesse preparada para conviver e compartilhar intimidades com alguém sem o ritual do casamento. Enfim, não é uma passagem nostálgica em minha vida. Com o passar do tempo, a distância entre nós tornou-se lugar comum. Ao chegar em casa mais cedo do que o habitual, defrontei-me com uma cena inesperada: percebi que ele havia estado com outra mulher na nossa cama, no nosso quarto, na nossa casa. Indescritível a dor que senti naquele

momento diante da traição.

A mágoa tornou-se minha companheira. Depois de uma decepção, é complicado nos entregarmos a outra relação. O medo é maior do que qualquer outro sentimento. Convivi um tempo sozinha, quer dizer, com as lembranças dolorosas daquela relação.

Na faculdade, conheci um outro homem que insistia em namorar comigo, insistiu muito e acabou indo a minha casa pedir-me em namoro ao meu pai, que tranquilamente autorizou. Considerei um mérito a atitude, demonstrando seriedade.

Comecei uma nova relação afetiva. O carinho e o cuidado sempre estiveram presentes entre nós. Como nem tudo é perfeito, ele não morava na cidade. Diante desse fato, nossas relações sexuais eram marcadas; toda vez que ele vinha para cá, nós saíamos com destino certo, e isso começou a me aborrecer.

Acreditando que apenas a distância era o empecilho do relacionamento, continuamos a namorar. Doce engano: a distância entre nós era causada pela existência da família dele em outro lugar. Outra decepção: ele era casado.

Os sofrimentos e as decepções foram extremamente intensos. Na verdade, tenho a sensação de que não quero mais me relacionar com ninguém; vivo com a impressão que padecerei outra vez.

A única possibilidade de um novo relacionamento é encontrar algum homem íntegro — tenho pedido isso a Deus —, de acordo com a minha religião. Se encontrar uma pessoa enviada por Ele, ainda posso pensar em ter uma relação sexual, em assumir compromisso por inteiro, em compartilhar minha intimidade; caso contrário, não. Por enquanto, eu me sinto bem, sem ter alguém ao meu lado.

A liberdade é uma sensação prazerosa. As pessoas para quem apresento satisfação dos meus atos são meus pais. É muito bom viver sem preocupar-me com a opinião do outro, se irei satisfazê-lo ou não, agradá-lo ou não.

Na minha vida, Deus tem um lugar especial. Eu penso muito nele; às vezes vou ao Centro Espírita Alan Kardec, às vezes eu vou à missa. Às vezes me sinto católica, às vezes espírita.

Na missa, dependendo do dia e dos cantos, não contendo minhas lágrimas; a minha emoção é tão intensa que foge do alcance das minhas explicações. Não sou frequentadora assídua da igreja, mas constantemente elevo meu pensamento a Deus. Meus pais nunca nos impuseram a religião católica, somente nos explicaram o valor da religiosidade na vida de uma pessoa.

Já quanto à sexualidade, nunca tive explicação dos meus pais. Quando menstruei, minha

mãe limitou-se a me entregar um absorvente. Ela não mantinha segredo acerca do desenvolvimento do corpo; por exemplo, o absorvente não me era um objeto estranho pelas inúmeras vezes que o busquei para minha mãe; no entanto, não me recorro de nenhuma conversa sobre a relação sexual, o sexo em si.

A atitude da minha mãe a respeito da sexualidade era uma mescla de omissão, indiferença e desconhecimento. Lembro-me de ter assistido ao programa “Globo Repórter” na mesma semana em que tive uma aula de Ciências na 8ª série; ambos abordaram a sexualidade. Conteí da reportagem e da aula, esperando da minha mãe algum comentário; ela exclusivamente falou: “Ah, a professora explicou!” Minha expectativa, naquela ocasião, era conversar; queria contar o que havia aprendido e quiçá aprender mais com ela; essa possibilidade encerrou-se com o seu silêncio. A escola e a mídia foram minhas fontes de informação e conhecimento.

Hoje, adulta, analiso as atitudes da minha mãe como resultado da falta de saber como e o que explicar, bem como por vergonha.

Nesse sentido, um aspecto continuamente me intrigou. Mesmo com a falta de diálogo dos meus pais conosco, os aspectos em torno da sexualidade jamais foram complicados, e não fomos curiosos. As dúvidas e a curiosidade foram fluindo naturalmente, de acordo com o nosso desenvolvimento; quando tinha oportunidade de aprender, eu aprendia. Quando adulta, meu pai utilizava-se de exemplos generalizados a fim de nos explicar algum acontecimento, como, por exemplo, a gravidez precoce.

O nosso bom comportamento não decorreu das proibições. Meu pai não nos proibia; sua tática era a confiança. De acordo com nosso comportamento, ganharíamos a nossa liberdade. Meu pai conquistou um respeito tão grande conosco — ou seria medo, talvez; não sei — que uma palavra dele valia muito mais do que uma surra.

Meu comportamento, indiferente do lugar ou da idade, condiz com os bons princípios ensinados por ele. Em virtude disso, eu não poderia viver minha sexualidade cometendo erros: por exemplo, fazer sexo com qualquer um na primeira noite ou ter vários parceiros na minha vida. Outra influência é a religião. Concordo com a religião na concepção de pecado, tratando-se da relação sexual com homem casado ou com várias pessoas ao mesmo tempo. Na minha concepção, não sei se conservadora, entendo que tudo na vida, inclusive no sexo, necessita de limite. Ultimamente, percebo nas pessoas um desejo insano de viver a sua sexualidade, desvalorizando a si mesmas e ao outro.

A origem desses meus princípios encontra-se também na admiração pela história de amor

dos meus pais. Minha mãe conheceu meu pai com 12 anos, quando ele tinha 16. A inexperiência sexual de ambos era peculiar. Tornaram-se homem e mulher, juntos. Considero a história deles um exemplo para mim, quase inexistente nos dias atuais.

A presença do meu pai e sua luta em prol da família, tanto em termos financeiros, quanto em termos morais, fortaleceram minha admiração por ele. A maneira como meu pai trata minha mãe e sua dedicação à família são adjetivos que gostaria de encontrar num homem.

Acredito que meu pai tornou-se um exemplo de homem na minha vida. Quero um companheiro nas dificuldades e nos projetos para o futuro, para além do sexo. A cumplicidade em crescer e aprender juntos. No entanto, as aprendizagens não surgem unicamente com o amor; essa difícil lição aprendi com as minhas dolorosas experiências; aprendi muito, inclusive a não confiar em qualquer pessoa. Agradeço a Deus essa oportunidade de crescimento!

No relacionamento sério, comprometido e preferencialmente abençoado por uma religião, a sexualidade é prazerosa, diferenciando-se do sexo em si. Na minha concepção, sexualidade é a beleza da pessoa, independente de ser homem ou mulher. É o charme, o rosto delineado de contornos suaves, o cabelo de brilho intenso, os quadris bonitos e definidos; não excluo o contato físico, mas o percebo mais amplo. É o abraço entre amigos, entre irmãos, entre o pai e o filho...

Relaciono música, dança e sexualidade. Quando escuto tango ou mambo, uma sensação prazerosa toma conta de mim, a ponto de quase perder o controle sobre meu corpo e sair dançando. Olho os movimentos, o contorno e o ritmo dos corpos se entrelaçando no espaço, ao som harmonioso e expressivo da música. Considero o tango fascinante e excitante!



## **Cicatrizes de uma vida<sup>19</sup>**

Sou a caçula de uma família tradicional, humilde e desestruturada! Filha de um casal desarmonioso, nascida e gerada no meio de uma das suas desavenças. Meu pai desejava o nascimento de um menino, pois já tinha cinco filhas. Por ironia, nasci no aniversário dele e carreguei o nome da minha mãe. Para celebrar essa data, meu pai visitou a minha mãe no hospital e a violentou minutos depois do meu nascimento.

Não tenho muitas lembranças agradáveis da minha infância; lembro-me dos gritos, do choro e da fome...

Perdi meu pai aos 4 anos. Neste dia, ele estava sóbrio, um momento raro, já que ele bebia muito e nos amaldiçoava.

Com a morte de meu pai, os modestos recursos financeiros que possuíamos já não eram suficientes. Minha mãe vendeu a serraria que era de nossa propriedade e com o dinheiro saldou as dívidas que tínhamos e construiu algumas casas de aluguel. Essas casas foram nosso sustento. Tempo sofrido! O lado idílico da nossa infância era a liberdade para brincar.

Quando a minha mãe ficou viúva, ganhamos bolsa de estudo num colégio particular canônico. O seu regime era bem severo, chegando à agressão física por parte dos responsáveis, os “irmãos”. Como éramos pobres, a culpa dos fatos errados recaía sempre sobre nós. Posteriormente às nossas várias insistências, minha mãe nos matriculou numa escola pública. Ali, aprendi o significado de humanidade, caridade e bondade. Algumas professoras, penalizadas com a nossa difícil situação financeira, nos arrumavam material escolar. Além disso, o carinho delas para conosco era prazeroso e afável. Lembro-me da professora de Matemática; no final da aula, ela dizia: “Enquanto espero meu marido, tomarei a sua tabuada, fique aqui ao meu lado!” Não esquecerei a aprendizagem com essa professora; muito além da tabuada, aprendi a bondade e o altruísmo. Não sei mensurar a influência dela e da escola na minha vida, mas lembro-me de dizer: “Eu queria ensinar como me ensinaram, demonstrar alguma coisa às outras pessoas, porque também tive pessoas que me ajudaram.”

Quiçá por acaso, formei-me professora. Demasiadamente presa às minhas regras, sou rígida com meus alunos e sempre exponho a minha vida como exemplo; a pobreza não pode nos impedir de lutar por uma vida melhor. Desejo transmitir a eles a importância da escola em minha vida, na minha formação. Graças a Deus, encontrei em meu caminho professores preocupados comigo.

---

<sup>19</sup> Meu nome é Marlise, tenho 35 anos, sou pedagoga e docente das séries iniciais do Ensino Fundamental.

A minha adolescência foi marcada pelo conflito entre a “revolução” e a busca pela “paz”. Almejava transformar o mundo com a participação em grêmios estudantis; ao mesmo tempo, apaziguava meu espírito na igreja. Percebia a contradição entre ambas; no entanto, naquele período não poderia excluir nenhuma das duas possibilidades da minha vida. Afinal, a vida não possui o rigor absoluto de uma equação matemática...

Fui uma adolescente dedicada, responsável e pontual, mas havia um vazio em minha existência: a ausência de carinho e amor por parte da minha mãe, a qual era preenchida pelas iniciativas das minhas irmãs mais velhas.

Quando eu tinha 10 anos, minha mãe casou-se novamente. Seis anos após a perda do meu pai. No início, fiquei insegura com uma nova figura masculina em casa, receava novas violências. Com o passar dos dias, estabeleci laços afetuosos passageiros com o meu padrasto, porque convivemos por um ínfimo tempo; logo ele faleceu. Esse novo relacionamento afastou minha mãe dos filhos, e esse distanciamento não me ocasiona boas recordações.

A ausência do meu pai e a presença distanciada de minha mãe me induziram a procurar amparo em outra pessoa. A busca pela proteção tornou-se um desespero. Esperei do meu avô o acolhimento de alguém preocupado com os netos sem pai, mas tive uma amarga ilusão: meu avô me molestou. Ele tornou-se um ser abominável! Convivi anos com esse trauma, esse sofrimento moral, meu Deus! Experimentei dor e ódio naquele infortúnio!

Primeiro a morte do meu pai, do qual tenho apenas flashes de lembranças. Ele batia na minha mãe e nos meus irmãos. Por medo, várias vezes dormimos fora de casa, no mato, no escuro, no frio e com fome. Sobre meu avô, meus sentimentos são inenarráveis; a única certeza é que o mal causado por ele marcou por anos a minha existência, o que foi amenizado somente com apoio profissional; no entanto, não esquecido inteiramente, está presente num silêncio sombrio. Um fardo na minha alma.

Poucos namorados e uma educação castradora marcaram minha adolescência. Numa ocasião, me recordo que experimentei meu primeiro beijo de leve, na boca; em outra, a desilusão de uma paixão não correspondida... culminou em minha primeira relação sexual. Quando terminamos o ato sexual, ele me olhou e disse friamente “Nossa! Foi um erro, que absurdo!” Acabamos naquele exato momento. Ora, se foi um erro, com o rompimento, ele se desfez!!!

Numa noite inusitada, tornei-me mulher! Logo após essa experiência, uma sensação de desespero invadiu-me; preocupei-me com o julgamento das minhas irmãs e em como explicaria a minha mãe o fato de não ser mais “pura”...

Chorei muito. Iniciei um processo de depressão; fiquei sem meu emprego e meus amigos. Isolei-me do mundo, tranquei-me em casa e do medo fiz meu maior aliado.

Aos 18 anos, conheci meu marido. Nosso relacionamento foi estranho desde o começo. Encontrava-me numa estrada sem saída; desempregada e pressionada intensamente pela minha mãe, comecei a namorá-lo.

Uma vez, fomos surpreendidos em momentos íntimos pela minha sobrinha, a qual não perdeu tempo e correu contar a minha mãe. A reação desta foi a pressão pelo casamento, com essas palavras: “Não sustento mulher para homem!” Mesmo sem móveis nem casa, não nos restava outra opção a não ser morar juntos. Aos poucos, construímos nosso lar. No entanto, eu sempre estava alheia ao meu marido; no meu interior, acreditava que o tempo se encarregaria de me ensinar a amá-lo. Os anos passaram, acostumei-me com aquela vida, e nos isolamos num mundo somente nosso.

Comecei a trabalhar e retornei aos estudos. Quando prestei vestibular numa cidadezinha próxima, deparei-me com a primeira traição do meu marido. Naquele momento meu castelo ruiu. Queria ir embora, mas para onde? Não tinha aonde ir. Conversamos, ele pediu-me desculpas e fez promessas de amor. Por fim, nos acertamos perante aquele acontecimento.

Por várias ocasiões, pensei em abandoná-lo, mas um sentimento de pena impedia-me. Acompanhei-o na mudança para outro estado, após sua aprovação num concurso. Durante esse momento, pensei em abandoná-lo; no entanto, ele condicionava sua decisão a minha companhia, fazendo-me retroceder quanto à idéia de separação. Passamos um ano complicado, somente eu e ele; o tempo dele exclusivamente destinado ao trabalho, e eu numa quitinete espantosa. Hoje em dia, alívio-me quando percebo que aquele tempo passou.

Acabamos casando na igreja, apesar das minhas dúvidas a respeito dessa decisão. Na lua de mel, em meio a tantas novidades, descuidei-me e engravidei. Minha filha tão desejada nasceu. Sentia-me forte com ela em meus braços, uma criatura tão frágil!

Com o tempo, replanejava minha vida, sem a presença do meu marido; pensava: “Cursarei uma faculdade, arrumarei um emprego e me separarei!” Tudo se encaminhava nessa direção, até engravidar do meu segundo filho.

Lecionava numa escola e levava meus filhos comigo. Quando pensei que vivia uma fase isenta de perturbações, descobri por acaso outra traição do meu “querido” marido. Enquanto eu trabalhava e estudava, ele me traía com a nossa empregada. Em face dessa situação, somente pensei: “Você provará do mesmo remédio!” A partir de então, nosso casamento transformou-se

numa mentira.

A minha intenção era esperar meus filhos crescerem e me separar do pai deles. Toda vez que pensava nisso, algo acontecia para retardar minha decisão. Meu filho precisava de remédio, e eu não conseguia comprar com o meu salário. Então, permaneci nesse casamento.

Após o acontecimento com a empregada, não soube de nenhuma outra traição dele; em compensação, eu pensava que jamais conseguiria ser fiel novamente. Na intenção de me reconquistar, ele fez de tudo para me agradar, um esforço inútil. Às vezes, ainda quero me separar, o que me impede não é a questão financeira; o que tira minhas forças é ele ser um ótimo pai, um bom amigo e companheiro. O pior é que, apesar de suas qualidades, jamais consegui amá-lo de verdade.

Em alguns momentos, sinto raiva de mim mesma, pois procurava outros homens para dar-lhes o meu amor. Isso era tão frio, porque eles não queriam nada além de sexo. Isso havia se tornado um ciclo vicioso e eu sem coragem de rompê-lo.

Num determinado período, quis me separar novamente; meus filhos me disseram: “Mamãe, você vai deixar a gente e o papai? Se você for, sentiremos a sua falta, e se ele for, também sentiremos falta. Iríamos chorar até morrer!” As falas me sensibilizaram, e eu sei a falta que faz um pai e uma mãe...

Sinto que poderíamos viver uma vida maravilhosa, se eu conseguisse amar meu marido e não o traísse mais ou se tivesse coragem de me separar e ver o que o futuro me reserva.

Por dois anos, frequentei a terapia ocupacional; vou à missa regularmente e rezo todas as noites. Tento de todas as formas descobrir que motivo me impede de decidir e de ser feliz! Será que sempre serei aquilo que não quero ser?... Será que me libertarei dessa máscara que eu mesma criei? Perguntas ainda sem respostas...

Atualmente, não saio com outros homens. Digamos que alguns de nossos problemas foram resolvidos. São processos morosos...

Casei-me na igreja de acordo com os preceitos religiosos católicos, até porque desde a minha infância havia uma rigidez muito forte relacionada a valores religiosos, principalmente a proibições voltadas à relação sexual fora do casamento. Na minha criação, a ameaça do pecado era constante.

Atualmente, não relaciono mais Deus ao pecado, à punição, ao castigo; vejo-o como um ser piedoso, benevolente e misericordioso, disposto a nos perdoar, nos ouvir e nos guiar. O tempo e a maturidade me fizeram olhar Deus de uma forma diferente da infância.

Atualmente, continuo católica. Após o nascimento dos meus filhos, percebi quão importante era o suporte religioso, apesar dos limites existentes nessa religião, como também nas demais.

Os resquícios da minha educação familiar e religiosa pautadas no pecado e na punição contaminam minha sexualidade.

Às vezes, meu marido reclama. Apesar da nossa convivência de 15 anos, possuo certos pudores em nossa vida sexual; por exemplo, uma relação sadomasoquista não faz parte do meu desejo, e não a farei apenas a fim de saciá-lo. Nego-me a certas práticas; nesses momentos, meu marido fala: “Ah, mas você ainda é do tempo do feijão com arroz!” Na mesma hora, respondo: “Prefiro feijão com arroz bem feito, bem temperado, do que um bife mal passado!” Não me violentarei para propiciar prazer a ele.

No início do casamento, tive que desempenhar o meu “papel de mulher”, ou seja, sujeitar-me aos desejos e caprichos do meu marido somente para cumprir uma tarefa, mas com o tempo conquistei o seu respeito. Hoje sou mulher, mãe, profissional e se eu não souber o que eu quero, me transformarei numa marionete. Desse jeito fica difícil viver...

Criado na rua, meu marido considera tudo normal; eu, não; minha família era mais rígida. Ele vem de uma história e educação bem diversas da minha. Essas diferenças criam conflitos entre nós; ao mesmo tempo, se fôssemos iguais, não combinaríamos.

A dificuldade maior em quebrar algumas barreiras na vivência da minha sexualidade não resulta da educação do meu marido ou das nossas diferenças e, sim, das experiências dolorosas da minha história; os abusos de meu avô, a falta de referências masculinas na minha vida, a minha primeira relação sexual... Não saí ilesa dessas amargas experiências.

Em face disso, minha sexualidade não foi vivida de forma saudável ou prazerosa. Precisei reaprendê-la. Com o tempo, a sexualidade tornou-se prazer, o meu prazer, que se expressa de várias formas. Boa comida, bom local, roupas, cabelo, um jeito, um olhar; são detalhes do quebra-cabeça da vida a dois; o que é gostoso e agradável guardamos; o contrário disso abandonamos.

Sexualidade... Às vezes, não penso coisa alguma sobre, nem quero pensar, mas pelo meu pensamento passam fragmentos de ideias, sem princípio, nem fim, nem nexos. Sexualidade é música, é um lugar agradável ou roupas leves. O movimento livre no espaço com meu corpo, olhando-o, sentindo-o e, se eu desejar, tocando-o.

## Os limites no decorrer de uma vida<sup>20</sup>

Éramos quatro irmãs e dois irmãos. Quando minha mãe saía, meu pai não gostava que ficássemos sozinhas com nossos irmãos. Havia uma rigidez e um silêncio extremo a respeito da sexualidade; aliás, sobre tudo.

Por sermos evangélicos, não tínhamos televisão em casa, nem livros, nem revistas. A impressão era do não pertencimento a esse mundo; desconhecíamos o que se passava na realidade mais ampla do que a nossa.

Meus pais tentaram esconder a sexualidade dos filhos: tentativa inglória. A proibição não eliminou nossa curiosidade sobre o nosso corpo e dos nossos irmãos; a transgredíamos com muita cautela e cuidado para não sermos pegos.

O medo em relação ao meu pai não era exclusividade dos filhos; minha mãe do mesmo modo o sentia. O medo era tanto, a ponto de ela mudar sua forma de ser e assumir a rigidez dele.

Nos casamentos antigos existia a submissão da mulher ao homem; pelo menos, percebi isso com meus pais.

Apesar de toda severidade dos meus pais, fui bastante danada; paquerava escondido na igreja e na escola; na frente dos meus pais, somente namorei a partir dos 18 anos.

A escola tornou-se “meu espaço” — sinônimo de liberdade e refúgio. A repressão da minha casa terminava ao chegar à escola.

Minha vida resumia-se à escola, à igreja e a casa. Habituei-me com as proibições dos meus pais e da religião; nem comentava mais as atividades de meu interesse, previamente abria mão delas. Recordo-me do desejo de participar da fanfarra; abdiquei disso, nem ousei pedir aos meus pais.

Passei minha vida obedecendo aos dois, pelo menos diante deles. Quando aparecia oportunidade, fazia alguma coisa censurada por eles. No entanto, essas ocasiões foram raríssimas; na maior parte do tempo, desempenhei o papel de filha “boazinha”.

Nas brincadeiras inocentes, descobríamos com o toque e com a proximidade o corpo do outro. Conversávamos entre as amigas a respeito das nossas curiosidades e descobertas, continuamente olhando para os lados, atentas ao aparecimento repentino de alguém. Ao mesmo tempo em que meus pais me reprimiam, inventava uma forma de saciar minhas curiosidades. Poxa! O ser humano é curioso, sobretudo naquela idade.

---

<sup>20</sup> Meu nome é Ivete, tenho 44 anos, sou pedagoga e docente nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Atualmente, percebo a limitação da minha infância e adolescência. Meu passatempo favorito e permitido era escutar música; talvez por isso continue sendo. Gosto muito das músicas antigas e românticas do Roberto Carlos: com elas, meu pensamento desliza ao passado para recordar acontecimentos que eu poderia ter vivido e não vivi.

Continuo indo muito à igreja e esporadicamente à pizzaria com a família. Sou bem caseira; nem aos jantares dos professores costumo ir. Tenho como princípio a união da família; então, se meu filho ou meu marido não vão, ficamos em casa. Jamais saio para diversão sem a companhia do meu esposo e dos meus filhos. Esse ensinamento trago dos meus pais e da própria religião.

Adulta, identifico aspectos da influência religiosa em minha vida. Sempre mantive uma conduta correta diante do meu marido. Casei-me há 23 anos, tenho dois filhos e os criei na mesma religião. Meus filhos — graças a Deus! — são músicos na igreja; prestam satisfação dos seus atos; na maioria das vezes, estão conosco, ou em casa, ou na igreja. Apenas ao trabalho e à escola vão sozinhos. São filhos que me proporcionam muitas alegrias, como meu marido.

Outro aspecto é a interferência religiosa na vivência da minha sexualidade; essa considero problemática. A repressão vivida levou-me ao desconhecimento do meu próprio corpo, assim como não me sinto à vontade com muitos toques, beijos e carinhos. Às vezes, receio que meu marido comece a procurar outra, porque, além de não gostar muito do contato físico, ando muito estressada, exausta. Talvez se eu tivesse namorado mais, conhecido outras pessoas, hoje o casamento não se transformasse nesta rotina.

Analiso a repulsa ao toque físico como reflexo da relação com meus pais. Perto do meu pai jamais admiti um beijo do meu marido ou uma carícia no rosto, no cabelo; continuo assim até hoje. Quando meu marido aproxima-se de mim, em meus pensamentos repassa o filme da minha infância. Ajo dessa forma acanhada, não sei se por respeito ou por medo do meu pai. Penso que o medo ainda fala mais alto.

O casamento na minha vida significou a libertação dos meus pais. Nos primeiros anos de casada, vivia em lua-de-mel, mas ainda assim ficava preocupada se alguém nos visse namorando. Meu marido fala: “Aí, você tem que dar graças a Deus que eu tirei você das garras do Faraó!”

Quanto aos meus filhos, posso dizer que eu sou mais moderna do que meus pais; tanto eu quanto meu marido dialogamos com eles. Não sei se o convívio social, a escola, os cursos, o acesso à televisão e aos livros contribuíram para pensar com mais abertura sobre a educação deles. Além disso, não quero que eles passem pelo que passei na minha infância.

Apesar de ter mudado um pouco, ainda não gosto muito do toque e do beijo, e meus filhos são bastante carinhosos. Esse aspecto me atrapalha, considero mais simples beijar e abraçar um aluno do que meus filhos. Às vezes, sinto falta de ser mais carinhosa com eles.

Com meu marido, minha timidez não diminui. Certas vezes, gostaria de ser mais livre com ele, ter mais prazer, mais vontade; ao mesmo tempo em que eu tenho desejo para o sexo, eu me encolho. Incrível como as vivências de outras fases da vida interferem na minha vida adulta.

Quando não são as memórias, é o cansaço por causa do trabalho. Meu marido me procura, me acaricia; como não reajo, me deixa de lado. Outras vezes, acabo ficando nervosa com seus carinhos; o sono fala mais alto do que o desejo. Quero somente dormir.

No outro dia, me arrependo, com receio de ele encontrar outra mulher para satisfazê-lo. Acredito que a mulher seja mais sossegada. Por exemplo: sou capaz de lidar bem com a ausência de sexo; já o homem, não: parece que sente mais vontade. Percebo no homem, especificamente no meu marido, uma disposição constante para o sexo, independente do horário, do dia, do cansaço; nada inibe sua vontade.

Nunca parei para pensar nas diferenças entre o homem e a mulher quanto à necessidade sexual; se são naturais, biológicas ou construídas socialmente. Quem sabe por sempre ouvir que o homem sente mais desejo sexual, acabei naturalizando essa ideia.

Frequentemente, a maioria das pessoas relaciona sexualidade a sexo: eu não concordo com isso. Deixe-me pensar... A sexualidade é comigo e com o outro; conhecer meu corpo, me olhar no espelho, me aceitar da forma como sou, tocar o outro para sentir a pele, a maciez, a temperatura, como expressão de afeto. A mulher e o homem possuem sexualidades diferentes.

Algumas músicas, ah, músicas! Dependendo da música, relembro de momentos agradáveis da minha vida, os quais não são ligados necessariamente ao sexo e, sim, à minha sexualidade.



## **Desencontros, encontros e encantos: um ser em construção<sup>21</sup>**

Talvez tenha aprendido na infância o significado da perda. Não me recordo muito bem, mas, após meu nascimento, perdi quatro irmãos nas gestações de minha mãe. Sou filha única, e a ausência de meu pai foi um marco em minha vida. Guardo lembranças dos momentos de extraordinária afetuosidade com ele; seu colo era meu lugar preferido, brincávamos e corríamos um atrás do outro. Além de carinhoso, a vaidade era uma de suas marcas. Quando saía para comprar roupas, as velhas vinham embrulhadas no pacote. Adquirir casa ou carro, bens materiais, não era sua prioridade e, sim, desfrutar momentos em companhia dos amigos e da família. O importante era viver a vida.

Recordo-me muito bem do que levou meus pais a se separarem. Fui testemunha da primeira desavença entre os dois, quando presenciei meu pai beijando outra mulher no meu quarto. Não julguei o episódio com malícia; contei a minha mãe, e ela me respondeu com um tapa. Já tinha ouvido comentários sobre este relacionamento do meu pai, porém, minha mãe só acreditaria se descobrisse por si mesma; até que um dia isso aconteceu.

Após minha mãe flagrar meu pai aos beijos com outra mulher, os dois discutiram muito. Os objetos pessoais tornaram-se o alvo de fúria. Minha mãe quebrava os pertences do meu pai, e ele, os dela.

Presenciei essa cena com receio de se machucarem fisicamente, pois emocionalmente não tenho nem o que comentar. Por fim, somente a casa foi demolida. Lembro-me vagamente da minha mãe dizendo ao meu pai: “Leva tudo, tira tudo que você quiser; a única coisa que você não leva daqui é a minha filha!” Na ocasião da separação, por mais que eu amasse meu pai, havia decidido ficar com minha mãe. A separação deles não diminuiu em nada meu amor e respeito por ele, pois para mim ele foi um bom pai. Um ano depois de sair de casa, meu pai faleceu, e aí eu o perdi.

Para minha mãe e eu, ficaram uma televisão e uma cama de casal; alguns objetos foram destruídos durante a desavença; outros, que ficaram inteiros, meu pai levou. Atravessamos várias dificuldades nesse tempo. Minha mãe trabalhou como boia-fria e como diarista em várias casas. Para não me deixar passar fome, ela abriu conta num bar e com uma chapinha montou um fogão do lado de fora de casa, para cozinhar arroz, feijão e carne, tudo na mesma panela.

Durante esse período, jamais abandonei a escola. Minha mãe nunca cogitou ou apoiou

---

<sup>21</sup> Meu nome é Mare, tenho 36 anos, sou pedagoga e docente das séries iniciais do Ensino Fundamental.

essa hipótese. Numa época, ela trabalhou como zeladora numa escola particular; em decorrência disso, estudei lá. Por influência de uma professora e por causa da minha afinidade com crianças, cursei o Magistério. Posteriormente, a faculdade de Pedagogia. Aos poucos, assumi as rédeas da minha vida, contando com o apoio incondicional da minha mãe.

Da minha infância, recordo-me das brincadeiras escondidas com os bonecos; fazia-os se beijarem, os beijava, os abraçava. Divertia-me também com os meninos, brincando de pega-pega ou de brincadeiras mais ousadas, como abaixar as calças do colega. Uma época de lembranças prazerosas.

Na adolescência, ia com os amigos à sorveteria aos domingos, e essa era nossa diversão. Fazíamos festinhas em casa; sentia uma sensação agradável durante as danças, quando encostava meu corpo no do menino de quem eu gostava; uma lembrança afável em minha vida. Nas conversas com as colegas, trocávamos informações e curiosidades a respeito da sexualidade, muitos risos e piadas sobre o assunto.

Em virtude da confiança que minha mãe depositava em mim no tocante aos namorados, procurava agir de forma responsável. Não desejava decepcioná-la: a vida já tinha se encarregado disso.

Na medida em que superamos diversos obstáculos, nossa relação de mãe e filha fortaleceu-se. No entanto, há um acontecimento, o qual tornou nosso elo indestrutível. Numa ocasião, caí numa fossa com uma chaleira de água fervendo. Como gritei! Ouvi uma vizinha falar: “Minha Nossa Senhora da Aparecida!!! A sua menina caiu na fossa!” Escutei o passo firme da minha mãe vindo em minha direção; pegou-me pela mão e retirou-me daquele lugar. Trago no braço e nas costas as cicatrizes da queimadura e no coração a certeza de que fui gerada duas vezes, pela mesma mulher.

A minha mãe é batalhadora, corajosa e alegre; apesar das situações dolorosas de sua vida, jamais a vi derrotada. É meu exemplo de mulher.

Embora nosso relacionamento fosse e continue sendo aberto, jamais dialogamos a respeito da sexualidade. Ela nunca me explicou a questão da virgindade ou da relação sexual; ensinava-me através de frases simples: “Quando você for maior de idade e se sustentar, poderá fazer o que quiser.” Associei essas frases a princípios de responsabilidade, de compromisso, de seriedade comigo e com a vida. Com ingenuidade e bondade, minha mãe me educou, quem sabe melhor do que muitas pessoas cultas.

Além disso, minha mãe não queria repetir comigo a sua educação. Percebia isso em suas falas: “Se sua avó tivesse me orientado em relação ao casamento, não teria casado: curtiria tranquilamente a vida de solteira!” Talvez as mágoas relacionadas às imperfeições encontradas

em seu marido tenham marcado negativamente seu pensamento sobre casamento.

Minha mãe não frequentou escola, fato esse que não a tornou menos esperta e inteligente. Aprendeu com as experiências alheias: observava conversas das pessoas em seu trabalho e construiu suas opiniões a respeito dos assuntos que permeavam seu cotidiano.

Meus pais jamais me forçaram a frequentar a igreja católica ou outra qualquer. Somente identifico a marca da religião na minha vida quando comecei a catequese, já com uma idade bem avançada. Assim, possuía opinião própria e fazia algumas críticas referentes à religião, ocasionando confrontos com a catequista. Na medida em que percebi o estilo das suas aulas, estrategicamente tornei-me uma aluna exemplar, respondia o que ela queria ouvir e não o que eu pensava.

Embora não frequente a religião católica assiduamente e a questione em alguns aspectos, possuo minhas crenças. Acredito num ser divino iluminando-nos e ajudando-nos a conduzir nossas vidas. Sou batizada nessa doutrina, na mesma em que casei e batizei minha filha.

Meu casamento na religião católica ocorreu por respeito à religiosidade do meu marido e da sua família. De fato, morávamos juntos e, por pressões familiares e da própria igreja, decidimos “regularizar” nossa relação. Se por um lado amenizo a importância do ritual religioso, por outro o casamento tornou-se uma necessidade naquele momento em minha vida. A curtição e a liberdade da vida de solteira transformaram-se num vazio; a festa e os namoros cederam lugar à busca pelo companheirismo, pela compreensão, pelo diálogo e pela segurança.

Na religião, ainda noto, sobretudo entre as pessoas com as quais convivo, o tratamento diferenciado dado ao homem e à mulher. Os familiares do meu esposo residem numa pequena cidade, e observo o comportamento das mulheres em relação aos seus maridos; como sou diferente! Até porque, na tal cidade, a igreja é um dos únicos passeios. Nas raras vezes que assisto uma missa, identifico um sermão apologético da inferioridade da mulher: “Ela tem que se doar à família, lavar a roupa do marido, limpar a casa, colocar a comida na mesa e cuidar dos filhos!” A família do meu marido reproduz literalmente o discurso da igreja nas relações entre os casais e entre os pais e os filhos. Penso isso porque, em público, a afetividade entre eles é inexistente; não me recordo de presenciar qualquer gesto carinhoso do meu sogro para com a minha sogra — tanto que, quando abraço alguém lá, fico na mira de olhares surpresos, sinto-me um ser de outro planeta no meio do povo.

Lá, o espaço geográfico também é dividido conforme os gêneros: de um lado os homens, do outro as mulheres, preferencialmente sem toques físicos entre os casais. Isso me causa muita estranheza.

Atualmente, tenho repensado meus valores. Preciso equilibrar minha vida pessoal com a

profissional; tenho percebido que minha dedicação excessiva ao trabalho tornou-se um empecilho no meu casamento. Levo o stress profissional para casa; por muitos momentos, percebo a absorção de situações que não são minhas.

A convivência de um homem e uma mulher modifica nossa vida; pessoas diferentes aprendendo a acostumar-se uma com a outra. Em alguns momentos, me questiono como conviver com tantas diferenças. Meu marido estudou até a 7ª série; eu cursei pós-graduação; seu trabalho é braçal, o meu intelectual; seus programas favoritos na televisão são os policiais locais e telejornais, raramente assisto televisão; ele gosta de música sertaneja e gaúcha, eu, de pagode, axé e MPB. Por conta dessas diferenças, não há muito diálogo entre nós, do mesmo modo que os programas sociais diminuíram consideravelmente; preciso resgatá-los.

Recordo-me que, quando solteira, escutava as colegas falando: “Não, não vou namorar aquele cara, porque o nível cultural dele não é igual ao meu, não dará certo!” Eu pensava: “Por que eu não posso descer ao nível dele e trazê-lo até o meu?” Hoje, com a experiência do meu casamento, aprendi que as mudanças só acontecem quando o outro estiver disposto a elas; ao mesmo tempo, você precisa respeitar a individualidade do outro. Então, como conviver com as diferenças, se nem sempre as aceitamos?

O casamento também interfere na sexualidade. O dia a dia te acomoda. Perde-se o encanto de tornar os dias interessantes; chega-se num ponto de ficar com os cabelos espantados, tomar o café sem lavar o rosto, sem escovar os dentes, atitudes impensáveis durante o namoro. Os defeitos sobressaem, ficam mais evidentes no outro. Desaparece a conquista diária.

Sei que os contos de fadas não existem, mas acredito na conquista. De vez em quando, há necessidade de inovação e de surpresa no relacionamento a dois, principalmente quando percebemos que o desejo começa a adormecer.

Um dia desses, uma matéria sobre relacionamentos sólidos de alguns casais chamou-me atenção; independentemente do que acontecesse no decorrer do dia, não abdicariam da relação sexual. Incrível, analisei-me. Na maioria das vezes misturamos nossos problemas: do trabalho, da situação financeira, das frustrações, dos filhos e deixamos de lado nossa vida sexual.

Percebo certa ausência no meu desejo sexual por conta de outros aspectos de minha vida. Atualmente, meu prazer consiste em abraçar e beijar minha filha, cuidar da minha casa, investir na minha vida profissional. Apesar de esses aspectos serem importantíssimos, ao mesmo tempo preciso investir um pouco mais em mim. Tenho me deixado um pouco de lado. Não sei quando nem como, me abandonei como mulher.

Penso na sexualidade como um todo: o andar, o falar, o tocar no cabelo, o sorriso, a forma como você transforma as coisas comuns em prazer. Sexualidade é prazer. Prazer é tudo que é gostoso, que me faz sentir bem, amada, querida; enfim, uma sensação de bem-estar.

Pessoalmente, a mulher amamentando é uma imagem impregnada de sentidos. Por exemplo: o prazer do bebê em sugar o seio, o prazer da mulher em amamentar e do seio no momento da relação sexual.

## **Minha história, minha vida**<sup>22</sup>

Comecei minha vida circundada pela natureza viva, brilhante, esgaravatando a terra, farejando ninhos de passarinhos, subindo em árvores — essa foi a minha infância!!! Nasci e vivi até meus 7 anos no Rio Grande do Sul. Uma família de sete filhos, seis mulheres e um homem.

Sim, o caçula veio homem, para a alegria do meu pai. O nascimento do meu irmão significou a continuidade do seu sobrenome, coisa muito valorizada entre descendentes italianos. Na ocasião, meu pai expressou grande alegria: matou um boi e convidou toda a vizinhança para um churrasco. Sinal de riqueza? Que nada! Não éramos ricos, mas nada nos faltava. Meu pai era um agricultor, e seu ritmo de trabalho possibilitava a sua companhia cotidiana em nossas vidas. Quando eu tinha 7 anos, viemos para o Paraná. Aqui, aconteceram algumas modificações em nossas vidas em virtude do trabalho do meu pai.

Na cidade, meu pai obrigou-se a trabalhar em outro ramo, o de cooperativa agrícola. Com a nova rotina de trabalho, ele não tinha mais tempo, sempre cansado; passamos a morar de aluguel e a nossa situação financeira decaiu. Houve uma fase na nossa vida que só não passamos fome por causa da criatividade da minha mãe e dos trabalhos informais realizados por mim e pelas minhas irmãs.

As adversidades desse tempo serviram como experiência de vida para o que somos hoje. Como tive que batalhar desde pequena, aprendi a lutar e a correr atrás dos meus objetivos.

Nossa vida não era mais só brincar; tudo tinha mudado, exceto o carinho, principalmente do meu pai. De origem italiana, ele demonstrava com intensidade seus sentimentos; ele odiava ou amava, não existia o meio termo. Minha mãe, mais contida, não demonstrava seus sentimentos: o abraço, o beijo e o colo eram atitudes quase inexistentes para ela.

Apesar desses problemas enfrentados, considero a minha infância perfeita, com muito amor e carinho dentro de casa. Mesmo o ciúme pela proteção exagerada dos meus pais ao meu irmão mais novo não me marcou de forma negativa.

Somos católicos. Eu e a minha irmã somos catequistas. Acredito que muitos acontecimentos sociais são causados pela falta de religião nas famílias, dentre eles a violência. Na minha concepção, a religião fundamenta a nossa vida, não no sentido do fanatismo, mas na opção por um caminho melhor.

No domingo, a ida à missa com toda a família reunida era nosso compromisso sagrado.

---

<sup>22</sup> Meu nome é Margareth, tenho 38 anos, sou pedagoga e docente das séries iniciais do Ensino Fundamental.

Todos nós íamos de mãos dadas pela estrada íngreme e longa até a igreja. Por mais que tivéssemos problemas e discussões, até porque isso pertence à família, não deixávamos nunca nossa missa do domingo.

Voltávamos da missa com a mãe, enquanto meu pai ia ao bar. Ele bebia sua pinga, depois voltava para almoçar em casa. Teve uma época de alcoolismo na vida de meu pai, pois ele bebia sempre. Não chegava a cair pelas ruas nem entrava em confusão, mas sempre tinha a parada no bar.

Depois do almoço, colocávamos os pelegos debaixo das árvores, no tapete de grama verde em torno da nossa casa, e a família sentava ao redor do pai para conversar. Mais tarde, ele ia jogar o seu baralho.

Eu agradeço a Deus pela minha família. A união é nossa força, nos apoiamos em todas as circunstâncias. No entanto, com a retirada de meu pai do cenário da vida, nos distanciamos um pouco, até por conta da dor causada pela sua ausência. Parece que acabou o encanto. Quando nos reunimos nas datas festivas, as lágrimas rolam com as lembranças, ora trazidas por nós, filhos, ora pela minha mãe. Não nos desunimos; apenas é muito sofrido ver a família festejando: sempre falta alguém. O laço da paternidade criado por ele foi muito forte.

Meu pai é meu exemplo de vida, o meu herói. A forma como ele se expressava diferenciava-se muito da minha mãe. Ele era ciumento conosco, mas nunca falou “Vai tirar essa roupa!” e, sim, “Minha filha, veste uma roupa mais comprida! Olha esse decote!”. Minha mãe, no entanto, exclamava “Ai, meu Deus!”, como se fosse o fim do mundo se vestir daquele jeito.

Talvez a forma de expressão e a ausência de diálogo por parte de minha mãe com os filhos sejam resultados da sua educação, embora nunca tenha nos falado da sua relação com nossos avós. Apesar da não permissão dela sobre algumas conversas na nossa adolescência, conversávamos entre as irmãs e também com nossas tias paternas. Ao mesmo tempo em que minha mãe esforçava-se em manter a sexualidade em segredo, nas brechas íamos descobrindo e saciando nossa curiosidade.

Em nosso caminho surgem provações pesadas para superá-las. A experiência de continuar a viver após um grave acidente modificou-me intensamente. Fiquei em coma por muito tempo; consegui resistir; minha filha, não. Perdi minha filha. Das dores por mim sentidas, nada se compara a essa; uma parte minha foi com ela. O natural são os filhos sepultarem os pais e não o contrário.

Prossigo meu caminho, trabalho dedicada, passeio com os amigos, convivo com minha família; conduzo minha existência com muita fé, alegria, entusiasmo. No entanto, no meu íntimo

existem dois vazios: meu pai e minha filha. Com certeza, no lugar em que se encontram, olham por mim e sussurram ao meu ouvido: “Continue sem nós fisicamente, pois, espiritualmente, estamos aí, ao seu lado!” Talvez aqui se encontre a minha força para continuar.

Com o sofrimento das minhas experiências, aprendi que precisamos viver intensamente cada momento a nós concedido. Conheço as normas e regras da minha religião e, principalmente, a forma de minha mãe encarar a vida; procuro não ofender nem machucar as pessoas e ajo de forma a não escandalizar ninguém. Mas vivo discretamente, sem anular a minha sexualidade.

As regras e as imposições não interferem em minha sexualidade, porque consigo ser livre apesar delas, sem podar meus instintos. A dança é um pouco disso na minha vida: danço expressando meu corpo, minha sexualidade, sem fazê-lo de forma vulgar.

Algum tempo atrás, queria muito me casar. Pensava que as pessoas não nasceram para viver sozinhas, e o casamento era a fuga da solidão. Atualmente, não sinto mais isso. Às vezes, o casamento é a coisa mais solitária da vida de uma pessoa, porque o sentimento não encontra eco; uma relação é feita a dois, jamais por um. O casamento é importante, não tudo na vida.

Eu penso que a opção por relacionar-se ou não, seja no casamento oficial ou nos relacionamentos a dois, não deve basear-se na ilusão ou na solidão. Isso interfere de maneira negativa na sexualidade.

As aparências enganam nossos sentidos; as pessoas se conhecem na medida em que convivem. Os defeitos aparecem, e principalmente as diferenças, no cotidiano. Quando as pessoas percebem a escolha da pessoa errada, tentam se adaptar a essa escolha. Na minha concepção, esse erro é o maior. Na medida em que mudamos nossa forma de viver a fim de satisfazer o outro, deixamos de ser nós mesmos; assumimos uma postura falsa, nos prejudicando imensamente e até nos frustrando. O relacionamento deve ser algo agradável aos dois; caso contrário, a própria vivência saudável da sexualidade é ameaçada.

Compreendo a sexualidade como o meu jeito de ser; aliás, o jeito de toda pessoa ser. A maneira como agimos perante o outro, como nos percebemos, as roupas que usamos, as expressões corporais. Sexualidade é a nossa expressão diante das nossas relações sociais, seja no trabalho, nas amizades, nas relações amorosas. Quando retraímos nossa sexualidade em função dos outros e da sociedade, nos tornamos infelizes.

Relaciono a sexualidade com a coragem da mulher e do homem ao encarar a vida, assumir seus gostos, lutar por seus sonhos, ao expressar-se sem preocupação com o olhar ou o julgamento do outro. Eu, por exemplo, amo me expressar através da dança: ao fazer isso, me sinto livre.

A sexualidade é a liberdade do corpo e da alma da pessoa, é expressão de vida.



## **Minha vida, minha família<sup>23</sup>**

Extremamente caseira. Meu marido e meus filhos são minhas companhias preferidas. Quando estamos juntos, aproveito ao máximo; nada me tira do lado deles. A tranquilidade do meu lar é o meu melhor refúgio das atribulações da profissão de professora. Aliás, a busca de tranquilidade é uma das principais características da minha vida.

A relação com os meus pais é de contínua tranquilidade; jamais presenciei uma circunstância de vício, de violência e de agressão. O meu pai era sossegado, do tipo de pessoa que via a tempestade se juntando e continuava sentadinho. Já minha mãe era agitada, até porque a educação dos filhos e a ordem da casa eram suas responsabilidades. De vez em quando, ela nos dava umas varadas, sempre merecidas, mas nada que nos traumatizasse. A nossa relação continua agradável até hoje.

Com a minha irmã, era uma relação de disputa. Tínhamos quase a mesma idade, o que causou certa rivalidade até a nossa adolescência. Atualmente, nossa relação é afetuosa.

Da minha adolescência, não me recordo de nada relevante.

Quando ingressei na escola, as famílias apostavam muito nela. “Você vai para a escola aprender, ser alguém na vida, ter uma profissão decente; não pode ficar como eu, lavando roupa, ou igual ao teu pai, trabalhando em empresa, sendo escravo dos outros” eram falas corriqueiras em minha casa. A escola foi significativa em minha vida: tenho boas lembranças dos meus professores.

Já em relação à religião, lembro-me como um fato bem chato!!! Nasci e cresci numa família católica; continuo nessa religião e não pretendo deixá-la. Uma forte marca da religião em minha vida foi a proibição, o castigo e o pecado. Eu e minha irmã, aos 6 ou 7 anos, pedíamos perdão a Jesus se porventura cometêssemos um pecado, por mais insignificante que fosse.

Eu não me lembro a origem desse medo do pecado. Meus pais comentavam entre eles; no entanto, não nos aterrorizavam. Realmente, não me lembro de onde adveio esse medo.

A questão da proibição e do pecado influenciou a vivência da minha sexualidade: “Não pode isso, não faz aquilo! Não toca ali, é feio!”. Diferente dos tempos atuais, a religião naquela época não tocava em assuntos referentes ao relacionamento.

Na minha família, não havia qualquer tipo de informação a respeito da sexualidade. A minha primeira menstruação foi cercada de medo. Eu ouvia minha avó, minhas tias e minha

---

<sup>23</sup> Tenho 32 anos, sou pedagoga e docente das séries iniciais do Ensino Fundamental.

mãe cochichando o tempo todo sobre essa fase da vida da mulher. Era tanto segredo que eu imaginava um fato extremamente horrível, quase uma doença. Comecei a ter enxaqueca na adolescência; isso parecia ser um sintoma; eu as ouvia sussurrando no cantinho: “Porque ela vai se formar!”; eu pensava: “Ai, meu Deus, o que é isso?” Eu cheguei aos 11 anos achando que a gravidez fosse resultante do beijo. Assim, acabei criando mitos e medos em torno da minha curiosidade e do meu próprio desenvolvimento.

Apesar da existência do medo do pecado em minha infância, na minha vida adulta superei isso: a religião não interfere mais em minha sexualidade.

Acredito em Deus; essa crença me direciona. Eu vou às celebrações religiosas; no entanto, seleciono muito o que escuto. No mundo atual, as pessoas precisam de um direcionamento religioso: eu tenho e considero muito benéfico para mim e para a minha família.

A minha família tem uma importância imensurável em minha vida. Tanto meus pais, quanto meu marido e meus filhos. Só o pensamento da perda de alguém muito próximo a mim já me assusta. A minha família faz parte do meu convívio diário, não deixo de vê-la por longo tempo. O diálogo entre mim e meu marido é franco, é a base da nossa relação.

O casamento é necessário em minha vida. Não me vejo uma pessoa vivendo bem sozinha; se eu ficar sem esse marido, arrumarei outro logo. Acredito que as pessoas não nasceram para viverem sozinhas; ao contrário, precisamos do outro. Particularmente preciso de uma pessoa comigo.

Apesar de viver em sociedade, sou uma pessoa introvertida. Então, sinto a necessidade de ter um companheiro para dividir as minhas angústias, os meus anseios, os meus desejos, as minhas alegrias e tristezas. Bem como pela questão sexual, a qual faz falta na vida de qualquer pessoa, pertence a nossa natureza humana. Eu não acredito numa pessoa que fale “Ah, eu não preciso de ninguém, eu não sinto falta, eu não preciso disso!”. Por isso também a importância do casamento.

Com o casamento passei a me respeitar mais e a conhecer melhor meu corpo. Meu olhar sobre vários aspectos mudou sob influência positiva do casamento.

Se há influência do meu casamento em minha sexualidade, o mesmo não acontece com o meu trabalho. O nervosismo do dia não atrapalha a minha noite. Procuo separar a profissão do pessoal, porque a primeira pode interferir negativamente em minha vida familiar e em minha sexualidade.

A sexualidade é o desenvolvimento da pessoa, desde seu nascimento, o desenvolvimento do corpo, as atitudes, os pensamentos sobre a vida sexual dela, dos prazeres, dos sentimentos, dos desejos e dos anseios.

Nesse momento, não consigo relacionar sexualidade com nenhuma imagem. Sinceramente, não tenho uma imagem nem várias. Só alguns acontecimentos cotidianos me chamam atenção. Por exemplo: meu filho de 4 anos olhou a propaganda de um livro sobre o desenvolvimento de meninos e meninas e, referindo-se à imagem da capa, em que apareciam duas crianças nuas, ele disse: “Olha, mãe! Esse aqui está pelado, essa menina está pelada!” Falei para ele: “Ah, bom! Isso você enxerga, só enxerga o que interessa!” Percebi com esse acontecimento a curiosidade do meu filho no que diz respeito ao corpo e às diferenças entre o homem e a mulher.

Tudo isso é o que penso sobre sexualidade na minha vida. Não sei até que ponto estou certa ou não. Tomara que eu tenha contribuído com alguma coisa na sua pesquisa.

## **Sexualidade anônima<sup>24</sup>**

Morava no sítio, numa casa nos fundos do pátio da escola onde minha mãe lecionava. Meu ingresso na escola foi atípico. A Secretaria de Educação realizou o exame de leitura com os alunos; mesmo não estando matriculada por causa da idade, fiz o exame e consegui a melhor nota da turma. Depois do resultado, autorizaram-me a frequentar, regularmente matriculada, a 2ª série. Uma marca em minha infância é a falta da professora da 1ª série e do meu primeiro dia de aula. Pode ser um detalhe, mas para mim foi uma frustração, por ser filha de professora.

O pátio era meu local preferido. Ali brincava, morava e estudava; a minha infância se resumia àquele espaço, demarcado pela minha história.

A religiosidade na minha família sempre foi muito rígida. Minha mãe era catequista e coordenadora de grupo de oração. Além de frequentar a igreja, tínhamos que ter comportamento exemplar e ser os melhores alunos, por sermos filhos da professora.

Já o meu pai não tinha estudo, mas era alfabetizado. Ele arrendava terra e passava quase vinte dias fora de casa e nós ficávamos no sítio. Meu pai era alcoólatra; de vez em quando agredia a minha mãe, ocasionando momentos tensos em nossa família.

Numa ocasião, minha mãe fez um curso na cidade; passou quinze dias fora de casa. Ficamos com a minha irmã e com o meu pai. Eu me lembro que, numa noite, ele bebeu e brigou com a minha irmã, porque ele a viu de mãos dadas com o namorado. Minha irmã apanhou muito dele; com medo, fomos dormir na casa do vizinho. Andamos pelo meio do mato, no escuro, até chegarmos lá. Estávamos amedrontados. Essa foi a única cena de violência e medo vivida na minha infância, relacionada com meu pai e a bebida. Apesar disso, considero minha família perfeita.

Quando eu tinha 14 para 15 anos, nasceu minha irmã. Seu nascimento confundiu meus sentimentos, pois me tirou o colo. Antes, as atenções eram todas minhas; aproveitava meu status de caçula e brigava com meus irmãos, apenas com a finalidade de vê-los apanhar. Após este nascimento, passei a ser a irmã do meio.

O ciúme que tinha pela minha irmã mais nova só foi superado na adolescência, quando minha mãe se aposentou, e mudamos para nossa casa na cidade.

Comecei a namorar no primeiro ano do Magistério, namorei gostoso e beijei muito na boca. Eu sempre saía junto com meus irmãos, participava do grupo de jovens na igreja,

---

<sup>24</sup> Meu nome é Sandra, tenho 34 anos, sou pedagoga e docente das séries iniciais do Ensino Fundamental.

fazia Magistério e Contabilidade. No curso de Contabilidade, encontrei talvez o grande amor da minha vida, meu primeiro amor de verdade. O nosso primeiro beijo aconteceu no dia 25 de dezembro; se essa data já tinha um significado em minha vida, pela religiosidade, cresceu seu valor pelo beijo do meu grande amor.

Minha primeira relação sexual aconteceu durante meu noivado. Por dois motivos preservava minha virgindade; primeiro, pelas afirmações sucessivas da minha mãe: “Mulher que tem relação sexual antes do casamento acaba ficando solteira!”; depois, por causa dos preceitos religiosos da minha educação. Na minha compreensão, meu corpo mereceria ser tocado por alguém especial em minha história. Nosso corpo é sagrado; atualmente ainda, penso dessa maneira.

Uma noite, eu, meu noivo e seus pais fomos à formatura de modelo da minha cunhada. A minha sogra buscou-me e trouxe-me logo após o encerramento do jantar.

Ao colocar o pé na entrada da minha casa, minha mãe surpreendeu-me com seus berros histéricos: “O que você estava fazendo na rua, sua puta? Sua biscate!” Na tentativa de acalmá-la, expliquei que não estava sozinha com meu noivo, mas minhas palavras não tiveram efeito algum. Ele e seus familiares assistiram ao espetáculo do carro.

Constrangida, fui ao carro me despedir e pedi ao meu noivo que voltasse a minha casa, depois de levar seus pais embora. Sem saber direito o acontecido, ele voltou. Ao chegar, pedi que me tirasse dali. Saímos com o fusca — nunca irei me esquecer desse carro —, e eu já tinha em mente qual era o meu objetivo: tornar-me mulher. Paramos o carro e fizemos amor pela primeira vez. Eu perdi minha virgindade no banco de um fusca vermelho! Que lindo! Que romântico! Ainda não sei o que me causou tanta determinação naquela noite, se o próprio desejo e a segurança do que eu queria ou a raiva que sentia pela minha mãe, por ter sido injusta comigo. Independente do motivo, jamais me arrependi.

Quando o pai do meu noivo adoeceu, ele permaneceu no hospital durante todo o período da internação. Na inocência, fui ao baile da minha formatura com o meu irmão e lá encontrei um amigo do meu noivo, com quem dancei. Ao saber, ele ficou muito aborrecido e terminou nosso noivado. Logo após o rompimento, passei um mês em São Paulo na casa de um parente.

No retorno a minha cidade, desembarquei na rodoviária e encontrei um outro ex-namorado. Conversamos assuntos triviais, e, antes de nos despedirmos, ele perguntou se ainda namoraríamos, pois não havia me esquecido. Não sei exatamente por que — quem sabe pelas frases da minha mãe, que ressoavam na minha cabeça? — contei da minha primeira relação

sexual com meu noivo, na época. Em seguida, numa atitude de hombridade, ele apenas reafirmou seu interesse em reatar o namoro; não me julgou nem condenou. Admirei-me, pois aconteceu ao contrário do que minha mãe sempre me alertava: tornei-me mulher antes do casamento com um homem, e outro queria reatar nosso relacionamento, mesmo sabendo que eu não era mais virgem.

Apesar da atitude respeitosa desse homem, reatei com o meu ex-noivo, nos casamos e tivemos dois filhos.

Atualmente, a religião é uma forma de moralidade que transmito aos meus filhos. Por opção, meu filho mais velho é catequista, frequenta a missa regularmente e participa dos grupos de jovem; eu limito-me a expor a história da religião na sociedade, identificando seus pontos positivos e negativos.

Reconheço a interferência da religião em minha vida, no caso da vivência da minha sexualidade. Atualmente, eu sou separada, mas eu não tenho ninguém. Por quê? Porque no meu íntimo o casamento é para sempre. Até por questão de preconceito da sociedade e de respeito para com os meus filhos, eu não sairia com qualquer um.

Esses conceitos decorrem da religião e também da maneira como minha mãe me tratava. Em toda minha infância e adolescência, convivi com a mulher sendo menosprezada e aceitando a submissão. Ao mesmo tempo em que não me considero submissa, eu percebo esses traços na minha formação. Acabo vivendo uma situação de conflito.

Minha convivência com meu pai foi até os anos 90, depois me obriguei a aprender a viver, apesar da sua ausência. Sua perda abriu uma grande ferida em meu peito, a qual não cicatrizou, apenas amenizou um pouco a dor.

Eu e a minha mãe nos distanciamos. A situação financeira dela é estabilizada, mora sozinha, e, no entanto, deparo-me com a dificuldade de não ter ninguém com quem deixar meus filhos para fazer um curso ou para viajar. Não disponho do apoio dela, mas ainda conto com o da minha ex-sogra. A minha convivência familiar maior é com meu irmão, que mora em outra cidade. A minha família tornou-se meio estranha para mim.

Encontro-me num período de mudança em minha vida: uma separação recente, com alguns problemas pendentes. Preciso de um tempo sozinha, e um novo relacionamento não cabe nesse momento. Também — ah, pelo amor de Deus! Primeiro é dominada pelo pai, depois pelo marido, depois larga do marido e quer arrumar outro para ser dominada, ah, não! Dá um tempo!

Tenho outros projetos a médio e longo prazo. Aos 48 anos estarei aposentada — com dois

filhos lindos e maiores de idade —, disposta a realizar velhos sonhos.

O casamento foi uma consequência da minha vida adulta. Aos 18 anos, tive um filho e assumi uma casa sozinha. Atualmente, eu vejo como uma experiência, que fez parte da minha vida e passou. Eu gostava de ser casada, ter uma família, ter o pai junto com os filhos; mas qual é o preço disso, será que vale a pena?

A relação a dois interferia na minha sexualidade, justamente pelos tabus que foram criados, tanto pela religião, quanto pela minha família.

Outra atividade que influencia na sexualidade é o meu trabalho. Você trabalhando oito, 12 horas por dia, como estará no final da noite? Lógico que você ainda sente alguma excitação, porém bem menos aguçada; a sensibilidade da pele e a situação emocional são agredidas pelo trabalho. Se eu fosse uma madame, permaneceria em casa esperando o maridinho com a janta pronta (feita pela empregada); no decorrer do dia, teria feito ioga, massagem, compras, salão; quiçá, a situação poderia ser outra.

Não tive essa experiência para classificá-la como boa ou má. A experiência da minha vida é ser ao mesmo tempo profissional, mãe, dona de casa e mulher. E mesmo com essas diferentes personagens, jamais me deitei com dor de cabeça, bem como nunca me neguei a uma relação sexual. Em algumas, eu nem queria, mas fazia para agradar o companheiro. Outras vezes, transava com ele por vingança pelas coisas que ele havia aprontado.

O homem e a mulher desempenham papéis muito diferentes na sociedade e também na cama. Os homens necessitam da virilidade todas as horas do dia, todos os dias da semana. Para o homem, quem exerce o comando na relação sexual é ele. Sendo que, na realidade, nem sempre é dessa maneira. Em muitas ocasiões, o disfarce é a melhor estratégia da mulher, ou seja, deixe-o pensar como melhor lhe convir.

Na questão financeira, entretanto, alguns homens não se importam em não controlar a situação. Meu marido se sujeitava ser sustentado por mim. Diante da minha família, me sentia constrangida, porque meus irmãos sustentavam a sua casa e consideravam o cúmulo as condições do meu casamento.

A mulher muitas vezes sacrifica-se na intenção de se sentir mais competente diante do seu companheiro. Ela desempenha o papel de dona de casa, de profissional, da esposa sempre presente em qualquer situação, de mãe, de mulher. Eu, especificamente, passei oito anos da minha vida comprovando, não a alguém, quem sabe a mim mesma, minha competência.

A tortura psicológica sobre a mulher é monstruosa. Há cobrança social por sustentar o

marido; ao mesmo tempo, em casa você percebe isso como um meio de não ser tão desvalorizada. Então, a questão de sustentar a casa e o marido tem dois lados; de fora, você pode ser considerada uma infeliz; por outro lado, para quem vive a situação, pode ser uma forma de poder.

Apesar das exigências sociais feitas à mulher, ela precisa, por ela mesma, viver a sua sexualidade. A sexualidade é a convivência, a fala, o toque, o beijo, a intimidade, e a expressão mais profunda é o ato sexual em si. Ao abraçar meu aluno, ao beijar meu filho, eu expresso a minha sexualidade.

Eu nunca tive problemas com o toque, com o abraço, com o beijo, talvez porque nunca admiti que o ciúme do meu marido chegasse a esse extremo. Algumas vezes, percebo como algumas amigas repelem o toque e o beijo, como se essas manifestações caracterizassem exclusivamente o ato sexual e não a amizade. Acredito que o ser humano foi feito para ser tocado e se tocar, sem julgamento malicioso.

Filme pornográfico é uma coisa que me causa náuseas, tratando-se mais precisamente de sexo. Às vezes, meu marido me chamava para assistir; eu nunca concordava. Esses filmes transformam uma necessidade humana em fato repugnante. É a banalização daquilo que é sagrado, não em termos religiosos, mas sagrado no sentido humano. Porque os animais se reproduzem daquele jeito.

Prefiro filmes românticos ou eróticos, aqueles que insinuam, mas não mostram. Torna-se extremamente interessante aproveitar a nossa imaginação para criar as cenas segundo nossos desejos, nossos sonhos e nossas necessidades. O filme *Ghost* reúne essas peculiaridades: não me canso de vê-lo.



## **Incertezas cotidianas<sup>25</sup>**

Minha família é serena. Meu pai, muito autoritário e fechado e a minha mãe, mais liberal. Eles não brigavam na nossa frente; apenas me recordo de uma ou outra briga, mas nada que alterasse o meu estado psicológico nem o das minhas irmãs. Ainda hoje, a opinião deles é de suma importância nas decisões sérias da minha vida.

Na relação com minhas irmãs, a proteção e a briga se confundem. Somos capazes de trocar roupas, mas sempre surgem conflitos; confidências sobre nossas vidas íntimas, essas não trocamos nunca; talvez elas não caibam nas diferentes fases das nossas vidas, por causa da diferença de idade.

Durante a minha infância, morávamos em lugares amplos, com área de lazer e piscina, com muito espaço para brincar, o que tornou esse período da minha vida muito prazeroso. Fui uma criança extrovertida e alegre: brincava muito, caprichosa com as atividades escolares e com muita facilidade em conquistar novos amigos. Nas férias, a família costumava viajar para a casa dos meus avós, para a celebração das festas do final do ano.

Apesar de toda a diversão que podia ter nas férias, gostava mesmo era de realizar as tarefas da escola, a ponto de dividir essas atividades com as brincadeiras. Talvez aqui esteja a origem da minha profissão, pois as professoras eram exemplos até nos momentos de lazer. Mas acabei sendo professora por acaso.

Ao mesmo tempo em que amo ser professora, tenho um pouco de medo de trabalhar com criança, pelos cuidados exigidos. Por ser idealista, algumas circunstâncias me aborrecem. Ressignifico cotidianamente o que é ser professora e reafirmo a minha escolha: deixo as decepções e continuo a me dedicar à educação.

Com a morte da minha avó, duas sensações distintas me ocorreram. Percebi que meu interesse pelas crianças diminuiu e aumentou minha vontade de conviver com os idosos. Também me dei conta do quanto poderia aprender se tivesse me interessado pelas histórias que nunca escutei de minha avó sobre meus antepassados que vieram da Itália. Quanta coisa ela poderia ter me contado e ensinado...

Ainda influenciada por essa perda, me cadastrei no Centro de Voluntários da cidade onde moro. Conheci algumas instituições; só que a incompatibilidade entre os horários de funcionamento do Centro e os meus tornou-se um impedimento para essa nova

---

<sup>25</sup> Meu nome é Valéria, tenho 29 anos, sou pedagoga e docente das séries iniciais do Ensino Fundamental.

experiência pessoal e, quiçá, futuros projetos profissionais. Trabalho há bastante tempo com crianças; então, por curiosidade e até certa piedade, gostaria de trabalhar com idosos. Hoje, se tivesse a opção de trabalhar com crianças ou com idosos, os últimos seriam a minha escolha. O que, a meu ver, está distante de acontecer.

Na minha casa, a questão religiosa é bem rara; meu pai vem de uma família católica e a minha mãe, de uma evangélica. As escolhas religiosas nunca causaram discórdia entre eles; o respeito entre ambos fundamentou a relação. Talvez a minha mãe gostasse que seguissemos o seu caminho; no entanto, nunca demonstrou qualquer tipo de frustração e nos deixou livres para nossas escolhas religiosas.

Na medida em que reclamava da vida, experimentava essa liberdade e me questionava quais seriam as minhas atitudes para mudá-la. Foi assim que busquei na religião meu caminho. Há dois meses, venho frequentando o Centro Espírita. A doutrina espírita contribuiu muito nas minhas decisões, no que eu quero para mim e para as outras pessoas; agora eu percebo a necessidade da religiosidade em nossas vidas.

Quando não estou trabalhando, divido o meu tempo entre internet, cinema e amigos. Conquistei amizades verdadeiras e leais.

Minhas relações amorosas não são tão duradouras como as amizades. As poucas relações amorosas que vivi foram agradáveis, mas terminaram sem motivo aparente. Acredito que o trabalho e a independência afastaram meus relacionamentos.

Na maioria das vezes, meus passeios sociais são com os amigos. Não fico em casa esperando o grande amor aparecer na minha frente; mas, quem sabe, um dia talvez encontre alguém que combine com meu estilo de vida.

Mesmo profissional formada, meu pai preocupa-se com meus horários e por vezes tenta controlá-los, causando-me revolta. Inclusive, nesses momentos, penso em morar sozinha; logo esse sentimento ameniza, e percebo a preocupação por detrás desse controle.

Procuro ser um exemplo de profissional e de filha, evitando magoar ou decepcionar meus pais. Por vezes, esse aspecto interferiu em algumas opções, até mesmo relativas à minha sexualidade.

As conversas sobre sexualidade com os meus pais caracterizaram-se pelo improvisado. Recordo-me uma vez que, no caminho do colégio, li a palavra “pênis” escrita num muro. Olhei e falei: “Pai, o que é pênis?”. Ele respondeu de uma forma imediata e curta: “É pinto!” Em outra ocasião, gritei: “Mãe, estou sangrando!”, e ela apenas disse: “Você virou moça.” Eles tratavam esses acontecimentos com muita naturalidade e de forma direta; não explicavam minuciosamente

o desenvolvimento do corpo, ou aspectos relacionados à sexualidade. Mas nunca se negaram a responder quaisquer perguntas nossas.

As minhas restrições relacionadas ao sexo não se vinculam à religião ou à família; minha mãe nunca chegou e disse “Olha, não faça, porque é feio; não faça, porque é pecado!” nem meu pai. Talvez as restrições sejam frutos da minha formação escolar; quem sabe também das perguntas sempre respondidas, mas nunca explicadas e da proibição de questionar e tocar o corpo; essas ausências marcaram muito minha memória.

O casamento, o vestido, o véu não pertenciam e ainda não pertencem aos meus sonhos. Eu penso que o casamento, na maioria das vezes, é um mero documento, porque são duas pessoas estranhas que se conhecem e resolvem viver juntas. A minha mãe sempre falou: “O meu vínculo é muito maior com vocês do que com o pai de vocês, porque para mim ele era um desconhecido com quem passei a conviver”.

Acredito muito numa relação baseada em sentimentos honestos e recíprocos. Queria morar com alguém para trocar experiências, conversar sobre a vida, sobre seus problemas e vibrar com as conquistas de ambos. Considero casamento mais pelo lado de uma grande amizade com sentimentos.

Observo as pessoas casadas do meu convívio profissional regulando o seu comportamento, privando-se de algumas situações e falas, principalmente quando estão perto um do outro. Essas mudanças não deveriam acontecer num relacionamento; as pessoas devem ser o que são e não assumir um papel que não lhes pertence, principalmente no caso da mulher. A doação é um traço da mulher; o homem é mais acomodado. Na relação, a mulher acabou assumindo a responsabilidade dos dois.

Acredito também que a profissão nos obriga a interpretar uma personagem, afetando o casamento. As pessoas se comportam e falam de acordo com a sua profissão; principalmente quando se trabalha com crianças, a cobrança social de exemplo é maior ainda.

Nossa! Como é difícil falar em sexualidade, sobre a minha sexualidade! Talvez porque nunca falei dessa maneira, ou por não saber o que falar, ou ainda pelo vínculo direto que faço entre sexualidade e sexo; no entanto acredito que é muito além disso. A sexualidade é um pouco de tudo... Como posso explicar esse tudo? O conhecimento e o respeito ao nosso corpo...

Quando penso em sexualidade, lembro-me de algumas palestras de escola, quando convidavam profissionais especializados. Lá chegavam à escola com sua parafernália (mapas do corpo humano, do aparelho reprodutor, o pênis e vagina de borracha e os preservativos).

Iniciavam o trabalho, perguntando: “Vamos falar de sexualidade? Vocês sabem como se usa uma camisinha?” Os alunos ficavam nas cadeiras, ouvindo informações desses profissionais, que nem sempre eram novidades. A minha experiência escolar resumiu a sexualidade à reprodução e como evitá-la. Essa é a imagem que vem a minha mente quando penso em sexualidade.

## **Minha vida: uma história de amor<sup>26</sup>**

Minha infância foi bem simples, num sítio, com uma família numerosa. Meu pai era bondoso, honesto, sensível e bastante religioso. A religiosidade foi a melhor herança deixada por ele para mim. Lembro-me que todo domingo nos pegava pela mão, fazendo um cordão, e nos levava à igreja. A ausência dele na minha vida é uma grande dor, por tudo que ele me ensinou, pelo exemplo que era. Minha mãe era muito brava, briguenta, nos batia bastante, bem diferente do meu pai. Ambos eram analfabetos.

No início da minha vida escolar, andava cinco a seis quilômetros até a escola. Meus anos escolares foram sacrificados; a fim de continuar meus estudos, tive que abdicar do convívio familiar. Por gostar de estudar e ter uma saúde frágil, minha mãe me poupou do trabalho cedo; o mesmo não aconteceu com minhas irmãs.

Minha educação sempre foi muito rígida; acredito que um pouco da minha timidez seja resultante disso.

Comecei a namorar aos 16 anos. Quando eu saía com o namorado, levava dois ou três irmãos juntos, porque sair sozinha seria uma afronta aos meus pais.

Meu primeiro namorado era dois anos mais velho; namoramos por quatro anos e marcamos o casamento. Quando comecei a namorar, meu pai não aceitou e começou a agir de forma brusca comigo, talvez implicância por ciúme.

Já noiva, conheci um colega de classe, pelo qual me apaixonei verdadeiramente. Entrei na igreja, jurando amor e fidelidade a um homem e chorando por outro.

Acabei me casando, aos 19 anos, ainda virgem e sem amor. Naquela época, não era concebível ter relações sexuais antes do casamento. Além disso, o perigo da gravidez e os ensinamentos da minha mãe me coíbiavam de qualquer outro comportamento diferente do esperado por ela.

No mesmo ano do meu casamento, meu marido morreu de infarto em meus braços. Foi muito difícil; entrei em depressão: me culpava por sua morte, porque ele sabia do meu amor por outro homem. Com o tempo, descobri que sua morte decorreu de um problema de saúde.

Retornando a minha cidade e ao mesmo colégio, reencontrei meu grande amor; meu atual marido. Parecia que ele guardou seu amor por mim, sabendo que um dia eu retornaria. E retornei.

---

<sup>26</sup> Meu nome é Veroni, tenho 47 anos, sou formada em Letras e docente nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Na adolescência, nunca aprendi “nada sobre nada”! Talvez isso tenha contribuído com essa dificuldade em lidar com a minha sexualidade de forma natural. Ainda tenho dificuldades acerca desse assunto, mesmo sendo casada e com filhos. Os livros da escola, pobres em informações, foram meus companheiros de descobertas sobre o desenvolvimento humano; a cada leitura, mais dúvidas surgiam, e as explicações eram inexistentes. Com meus pais, tudo era errado e proibido.

Das minhas experiências vividas, considero qualquer tipo de proibição maléfica às pessoas. A severidade dos meus pais antecipava qualquer proibição; aprendi a não pedir coisas que de antemão os desgostavam. Na medida em que não havia muitos pedidos, não havia muita proibição.

No meu casamento, existem grandes diferenças entre mim e o meu marido. Uma delas é a religiosidade. Eu sou da Renovação Carismática, participo assiduamente da igreja; já meu marido é ateu. Rezo para que um dia ele seja tocado e se aproxime de Deus; eis uma angústia em minha vida. Acredito que, se ele tivesse religião, o seu comportamento poderia melhorar.

Antes, eu sofria com a falta de fé dele; hoje sofro menos. Eu sofro quando ele começa a implicar por eu frequentar assiduamente à igreja e os encontros religiosos; por vezes, acabamos discutindo. Logo após o meu casamento, eu abandonei a igreja, mas esse abandono me fez muito mal; quando atravessamos uma fase muito difícil, retornei. Quando perco as minhas forças, eu as reencontro na religião.

Apesar da importância da religião em minha vida, não há influências em minha sexualidade, no sentido de proibições, como, por exemplo, o sexo oral. Nas palestras da igreja, falam que a boca não é para isso e consideram pecado essa prática, mas na própria Bíblia diz que você tem que fazer o que for necessário para satisfazer o seu marido. Quanto à traição, meus conceitos morais, a religião e os valores aprendidos durante toda a minha vida não permitem que eu traia o meu marido. A traição é inaceitável numa relação, pois compromete tudo que se construiu no decorrer da vida.

A religiosidade, a educação familiar, as referências trazidas da minha infância, o conhecimento proveniente dos livros interferiram — e ainda interferem — na forma como vivencio minha sexualidade. Dessas vivências nasceram meus conceitos de certo e errado.

Outra diferença é o valor dado ao sexo. Meu marido considera o sexo noventa por cento do casamento; já eu, nem cinquenta. Não adianta brigar o dia todo, não se respeitar nem se falar direito e à noite querer sexo. Na minha concepção de vida, o que vale é o carinho, o respeito, a convivência e, por fim, a relação sexual. O casamento, para mim, é uma sociedade entre duas

peessoas, as quais constroem uma vida juntas e dividem tudo, inclusive as diferenças. Uma sociedade que deveria ser respaldada na sinceridade, mas nem sempre é assim.

No casamento tem a questão do ciúme e, como sou casada com um italiano, isso se reflete em nossa relação. Quando namorávamos, ele praticamente me obrigava a usar vestido; mesmo eu não gostando muito, acabei aprendendo a usar. Ainda precisava pôr anágua! Tudo isso me fez muito mal e me fez chorar muitas vezes. Eu sofri bastante com essas cenas de ciúmes: me sentia injustiçada por nunca ter dado motivos para esse sentimento.

Quando meu filho nasceu, eu trabalhava como secretária, mas, como a empregada pediu demissão, desisti da minha profissão e permaneci em casa por 15 anos. Estudei quando meus filhos eram pequenos. Queria voltar a trabalhar, mas meu marido era contra. Como ele trabalhava e ganhava razoavelmente bem, não aceitava que eu trabalhasse. Então voltei a estudar; só que, para o meu marido, minha intenção na universidade era ver homens. No intento de evitar brigas, optei pelo curso de Letras, que é frequentado, em sua maioria, por mulheres.

Depois dos 40 anos comecei a lecionar, de modo que a profissão não interferiu na minha sexualidade. Hoje eu tento aprender, para não trabalhar conceitos errôneos com meus alunos.

A sexualidade na minha vida foi um assunto velado, tanto por causa da educação dos meus pais, como pela própria religiosidade, daí minha dificuldade em falar a respeito. Hoje, adulta e mais esclarecida, compreendo a sexualidade como o comportamento das pessoas; o vestuário, a beleza, a fala, ou seja, é o todo, um conjunto.

Quando penso em sexualidade, penso na mulher, não em qualquer mulher, mas naquela que suscita olhares pela beleza do seu corpo, pelo desenho do seu rosto e pelo balanço brilhoso de seus cabelos, um símbolo sexual.

## **Em meio às estações<sup>27</sup>**

Transformar em letras o movimento de uma vida, escolher dentre as experiências vividas as mais significativas, viajar pelo caminho das reminiscências é percorrer um terreno movediço. Narrarei minhas memórias, revezando a multiplicidade de personagens — professora, mulher, filha, amante, mãe, amiga.

Escrever torna-se um aprendizado solitário. Por vezes, as palavras teimam em mudar de lugar; por outras, elas desaparecem, e nos silenciemos diante da vida que corre através do tempo, sem nos permitir parar. Escrever esse memorial causou-me inúmeras faltas de ar. Inicialmente, pensei em procurar um médico; com a observação dos sintomas, percebi que o ar diluía-se nos detalhes de minha história, e que a sua ausência era uma forma peculiar de resistir às lembranças dos momentos felizes e, do mesmo modo, dos dolorosos, perdidos nos buracos do tempo.

Essas linhas escritas esboçam as memórias de minha existência, ressignificando cada história, cada sentimento, cada experiência. Não me recordo precisamente dos fatos como os vivi; as imagens são escassas e descontínuas, ressurgem aos flashes, aos vazios. Algumas lúcidas, outras opacas, outras extintas.

Várias vezes sentei-me em frente ao computador com o intuito de iniciar meu memorial. As mesmas imagens, rabiscadas em diferentes formas, sobrevoavam meus olhos. Resistia, não desejava trazê-las nessas primeiras páginas. A recorrência das imagens venceu-me.

Já adulta, as imagens fortes e alegres da mulher que me trouxe ao mundo umedecem minha face e estremecem minha voz. Idas e vindas a Curitiba, segredos entre os adultos, soluços no quarto dos meus pais, a providência de uma peruca, novenas e terços; esse ambiente ganhou sentido na descoberta da doença de minha mãe, a crueldade que, lentamente, definha as pessoas e que nos faz conviver com a morte de quem amamos: o câncer.

Numa manhã, o cessar das bolhas de oxigênio anunciava que minha mãe despedia-se do cenário da vida...

Diante da dor, culpei Deus por não valer-se de sua misericórdia e bondade para salvá-la. Que Deus era esse que consentia a morte de sua filha? De que adiantaram tantos terços rezados por ela no alto de sua doença? Afastei-me da Igreja e dos seus preceitos. Nas raras ocasiões em que frequentei a Igreja, depois da morte de minha mãe, fui instigada pelo respeito e pela solidariedade ao meu pai e pelos ensinamentos dela.

---

<sup>27</sup> Meu nome é Andréa, tenho 36 anos, sou pedagoga e leciono na universidade.



Passaram-se vinte anos e, outra vez, a perda de pessoas amadas. Primeiro meu pai; um italiano semianalfabeto, alto, dançarino, grisalho, de olhos verdes, de caráter forte e severo. Num intervalo de 15 dias, minha mana Mara, a herdeira dos olhos verdes, exausta de lutar mais de 15 anos por sua vida e desamparada com a perda sofrida, rendeu-se à doença.

Ainda hoje convivo com o vazio das perdas. Ao mesmo tempo, convivo com a alegria de minhas filhas, com o prazer de meus amores-desamores, com o entusiasmo em meus sonhos profissionais, com a cumplicidade de pessoas amadas, com a presença carinhosa de meus irmãos... A minha vida é um desenho de cores, de sabores, de dores... Igual a tantas outras vidas...

De algumas imagens guardadas de minha infância, lembro-me das minhas singelas festas de aniversário (eu e meu pai tínhamos a mesma data de nascimento); da boneca que chorava ao se deitá-la para trás; do meu choro diante do incêndio na escola; do uniforme do colégio das freiras, ocultando todas as partes do meu corpo; do dia em que declamei uma poesia para Nossa Senhora Medianeira; da decepção diante da descoberta de que o velhinho de roupa vermelha, barba branca e com um saco de presentes era meu pai; do nascimento dos meus sobrinhos, roubando meu colo; da voz doce de minha mãe — havia um código secreto entre nós, desconhecido por ela: se me chamasse pelo nome completo estava brava, se fosse pelo apelido era o chamego —; da mudança de cidade, de escola, de amigos; das danças na internada gaúcha; das viagens com meu pai e meus irmãos ao Rio Grande do Sul; das brincadeiras na rua.

Ah, a escola! Deliciava-me com as companhias dos amigos, as descobertas comuns e as brincadeiras às escondidas. A escola, sem a sala de aula, era doce e amável.

No segundo ano do Magistério, fui aprovada no concurso público para professor municipal. Na escola, primeiro a função de agente de saúde; em seguida, a docência da disciplina de Educação Física.

A docência nessa disciplina combinou duas paixões: uma antiga, o corpo, e outra recém-descoberta, o ensinar. O corpo e suas manifestações escreviam o contorno de minhas aulas e constituíram-se num elo de aproximação entre mim e os alunos, sobretudo aqueles que eram mais velhos do que eu. Nós — professora e alunos — descobríamos traços comuns: a idade, as dúvidas sobre o nosso corpo e a ausência de diálogo em nossas casas diante delas.

Em minha adolescência, não me recordo de qualquer conversa com meus pais ou minhas irmãs mais velhas em torno da sexualidade. A descoberta da minha primeira experiência sexual cessou o silêncio familiar; um irmão explicou-me que eu não possuía idade suficiente para

iniciar a minha vida sexual e pediu para que eu esperasse ficar mais adulta. Surpresa em face da atitude dele restou-me a promessa de obediência, como se isso fosse possível...

Aos 17 anos, a notícia de minha gravidez provocou alvoroço em minha família. Casei, mudei de cidade, não passei no vestibular e não consegui emprego. Passei um ano em casa, numa cidade desconhecida, longe dos amigos, dona de casa, mãe e mulher. A passagem mais significativa de filha a mãe. Minha vida real distanciava-se da sonhada. Em meio a tantas mudanças, restava-me vivê-las.

O sonho de cursar o ensino superior acomodou-se à minha nova realidade: cursei Pedagogia e retornei à sala de aula. Aos poucos, reconstruí minha vida ao lado da minha filha Camila, agora com 18 anos, e do meu então marido Jaime.

Como professora, descobri junto às crianças suas angústias, suas dúvidas, suas ansiedades, suas curiosidades a respeito do corpo, do nascimento dos irmãos, das diferenças entre o menino e a menina... Circundada de preconceitos, tabus e mitos, desenvolvi atividades ingênuas, na tentativa de criar um espaço na sala de aula para a discussão dos temas curiosos dos alunos. O brilho dos olhos, as falas incessantes, a agitação do corpo, os exemplos familiares pertenciam ao cenário da sala de aula.

Pedagoga. Agora, dividia meu tempo entre a supervisão escolar, numa escola municipal, e a docência, nas disciplinas de Sociologia e Psicologia no Ensino Médio, em colégios estaduais, e de Estágio Supervisionado sob forma de Prática de Ensino de 1º Grau, Princípios e Métodos de Orientação Educacional e Medidas Educacionais, na universidade, como professora temporária.

A docência passou de falta de opção a opção de vida. Descobri-me nas salas de aula por onde passei, com as crianças, com os jovens e com as pessoas maduras.

Nesse ínterim de descobertas profissionais, fagulhas de insatisfações com o casamento perseguiam-me. Éramos dois jovens com seus sonhos roubados, responsáveis pela educação de uma menina. Minha vida — reduzida ao marido, à filha e ao trabalho — me constrangia; desejava outras vidas. O casamento antecipado impossibilitou-me desfrutar de liberdade; ainda não havia vivido sem a vigilância de alguém, da casa paterna à casa do marido. Consumia-me em meio à obrigação de manter minha família e às indagações sobre o papel do homem, da mulher e da sexualidade, princípios esses apreendidos na família. Emaranhada em hesitações, o fim do casamento pareceu-me a decisão mais razoável. Separei-me de meu marido e de minha filha, não havia possibilidades materiais de sustentá-la — aliás, nem emocionais. Das várias facetas de minha vida, considero a maternidade a mais complexa de viver.

Pela primeira vez, encontrava-me sozinha e desfrutava da sensação de não prestar satisfação de minha vida a ninguém. Dedicava-me à profissão, a minha filha e a relacionamentos eventuais. Das aprendizagens, a mais significativa consistiu em basear minhas decisões em meus princípios e em minha vontade e não mais na obediência aos meus pais ou a um marido.

Desfrutei de minha vida sozinha durante um tempo e depois me casei outra vez, dessa vez por opção.

Durante três anos, o tempo dos meus dias diluía-se entre meus trabalhos. Na universidade ministrava disciplinas relacionadas à organização do trabalho pedagógico e atuava como supervisora pedagógica numa escola municipal. Acordava cedo, esperava o ônibus, dava aulas na universidade, depois do almoço na cantina tirava um cochilo no sofá do colegiado e caminhava ao encontro das crianças. Quando sobrava tempo, conseguia tomar banho e entrar em outro ônibus ao encontro dos adolescentes. Fechava a porta do meu apartamento perto da meia-noite, atordoada pelo vaivém dos ônibus e pelo eco das falas misturadas em meus ouvidos. Nesse momento, meu corpo não suportaria leituras. Caminhava numa estrada com direções opostas: de um lado, o desejo em continuar meus estudos; de outro, a necessidade de sobreviver.

Diante de experiências e anseios, escrevi um projeto para o mestrado, com o intento de compreender se a ação do diretor escolar era influenciada pela formação acadêmica ou por questões subjetivas.

Aprovada na Unicamp. Alegrias e dúvidas alternavam-se em meus pensamentos com sentimentos de perdas e conquistas. A possibilidade de realizar um sonho profissional mesclada com o distanciamento das pessoas que eu amava.

Residi em Campinas um ano, sem bolsa e sem salário, sustentando-me com as economias do salário de professora. Um mundo novo descortinava-se aos meus olhos; no entanto, permanecer nessa cidade não pertencia aos meus planos. Concluí os créditos e regressei a Cascavel para a pesquisa empírica.

Minha qualificação coincidiu com o resultado de minha segunda gravidez. Um ano após a qualificação, participei do concurso público para docentes do ensino superior na mesma universidade que atuei como colaboradora no período de três anos. Na semana seguinte ao concurso, defendi minha dissertação em Campinas, ainda exausta pelos estudos para o concurso público e pelos cuidados dispensados a Helena, minha segunda filha, que, na ocasião, tinha 3 meses. Concluí a dissertação rodeada por fraldas, livros, viagens, amamentações e orientações.

De longa data, as diferenças na vida do homem e da mulher chamavam-me a atenção,

porque me intrigavam as imposições sociais feitas ao comportamento da mulher, de maneira especial, à sua sexualidade. Entre mim e meu segundo marido, Moacir, existia um padrão duplo de comportamento; a ele, os direitos; para mim, os deveres do relacionamento. Quando conversávamos a respeito de sexualidade, a confusão instaurava-se, e nossas brigas tornaram-se frequentes, principalmente quando eu agia com a mesma liberdade que ele. Minha concepção de igualdade entre homem e mulher construiu um abismo entre nós, culminando na separação.

Posteriormente ao meu ingresso como efetiva na universidade, fui eleita coordenadora do curso de Pedagogia. Coordenava o curso, lecionava as disciplinas de Organização do Trabalho Pedagógico e Prática de Ensino III e desenvolvia atividades de extensão acerca da temática de sexualidade, direcionadas aos professores municipais. Nessas atividades, a recorrência de questionamentos e inquietações referentes à vivência da sexualidade do professor ou da professora sobressaía-se às dúvidas do trabalho com as crianças.

Com o término do mandato de coordenadora, em 2006, redirecionei minhas atividades de ensino, de pesquisa e de extensão ao trabalho com a sexualidade. Não foi um modismo passageiro ou um devaneio metafísico que me impeliram a essa temática, mas, sim, um desejo de quase 15 anos em compreender a sexualidade.

Numa tarde, em minha casa, expus a uma amiga meu desejo de investigação: intrigavam-me as vivências e as influências sociais na sexualidade dos professores; seduzia-me conhecer os mitos, os desejos, as imagens, os preconceitos circundantes àquele aspecto. Atenta às minhas palavras, imbuída de uma generosidade própria, ela indicou-me leituras sobre o conceito de imaginário.

Com leituras preliminares, elaborei o projeto de doutorado para a seleção na Unicamp, sendo aprovada no processo seletivo de 2006.

Em agosto desse ano, iniciei os créditos e as viagens de dois mil quilômetros, semanalmente, concomitantes à docência de duas disciplinas na universidade. Só no ano subsequente consegui afastamento integral para qualificação, um dos raros estímulos nas universidades estaduais paranaenses.

As viagens a Campinas configuraram-se num aprendizado peculiar. A poltrona de número 5 da Viação Garcia tornou-se minha segunda cama. Ali conheci pessoas diferentes, ouvi histórias, sistematizei meus encontros com minha orientadora, ensaiei os seminários e decifrei teóricos complicados. Associava palavras sem propósito, rabiscava minha tese, e o ônibus encostava na plataforma 12 da rodoviária de Campinas. Sentada mais de 13 horas; sensações de desconforto misturavam-se com a alegria de reencontrar amigos e amigas queridas e com as palavras sábias e intrigantes de minha orientadora. Regressava a Cascavel carregada de

angústias e confiança.

A poltrona de número 5 pertence ao processo do meu doutoramento. Seguramente, se o fizesse sem a necessidade de locomover-me de um estado a outro, minha tese teria sido bem diferente desta que ora se materializa.

## **Capítulo II - A SEXUALIDADE POR VÁRIAS VOZES**

## Ser mulher, professora e mãe: (des)construções cotidianas

Como narrei nas palavras iniciais, o tema da sexualidade ocupa meus pensamentos há anos; inquieta-me, provoca-me e abala minhas (in)certezas de mulher, mãe, professora, amante...

Na escola, “a discussão da sexualidade fascina muitos e apavora outros tantos; ou talvez melhor seria dizer que ela fascina e apavora, ao mesmo tempo, a muitos” (FURLANI, 2005, p. 10)<sup>28</sup>. Desde seu nascimento, esta instituição organiza-se de forma a silenciar a sexualidade de professores, professoras, alunos, alunas, pais, mães e daí por diante. Tentativa inglória!

A escola conquistou múltiplos sentidos na vida de nossas colaboradoras. Para elas, a escola não se limitava a produzir e transmitir conhecimento formal: as relações ali estabelecidas demarcaram-na como espaço de convivência, de liberdade e de compartilhar dúvidas e curiosidades com outras adolescentes, bem como da possibilidade da conquista de uma profissão e, em consequência, uma vida melhor.

Para nossas colaboradoras, a escola não se definia apenas por aspectos pedagógicos tradicionais, políticas oficiais, relações verticais e autoritárias, relações horizontais, livros didáticos e atividades repetitivas. Era, ao mesmo tempo, edificada por desejos, vontades, sonhos, pelo afetivo, pelo pessoal — enfim, por toda a circularidade da vida que invade os muros escolares. Poderia dizer que, na memória de nossas colaboradoras, encontramos diferentes escolas: mais alegres, humanas e significativas; um mosaico de escolas, desenhado por várias mãos, com diferentes contornos e tons.

Na escola — como instituição formal de educação ou como lugar de socialidade que tem como traços estruturantes o simbólico, o imaginário, o tempo, o espaço, a troca, a violência —, a sexualidade está sempre ali, latente e pulsante, manifestando-se incessantemente, pois não há como separá-la, nem definir onde pode e deve aparecer. Negá-la tornou-se letra morta. Os aspectos relacionados à sexualidade pertencem, queiramos ou não, à vida escolar. Perambulam pelas conversas dos estudantes e das estudantes, nos desenhos e nas palavras rabiscadas nas portas dos banheiros e nas paredes das salas, nas brincadeiras e nas piadas, nos namoros, nas primeiras sensações afetivas, bem como nas salas de aula, nas falas e ações dos professores e das

---

<sup>28</sup> “De fato, a partir da segunda metade dos anos 1980, no Brasil, passou-se a discutir muito mais a sexualidade (e a homossexualidade) em várias instâncias sociais, inclusive nas escolas. A preocupação em engajar-se no combate à doença (Aids) fez com que organismos oficiais, tais como o Ministério da Educação passasse a estimular projetos de educação sexual, e, em 1996, o MEC incluiu a temática, *como tema transversal*, nos seus Parâmetros Curriculares Nacionais (os PCNs, a nova diretriz para a educação do País). Vale notar, contudo, que as condições que possibilitaram a ampliação da discussão sobre a sexualidade também tiveram o efeito de aproximá-la das ideias de risco e de ameaça, colocando em segundo plano a associação ao prazer e à vida” ( LOURO, 2008b, p.36; grifo do autor).

professoras e dos alunos e das alunas (cf. LOURO, 2003a, p. 131).

A discussão em torno da sexualidade, das relações de gênero e suas relações com a educação formal saiu dos bastidores da sociedade brasileira, a partir dos anos 80 do século passado, para conquistar seu lugar nas universidades<sup>29</sup>, nos eventos<sup>30</sup> e na organização de grupos de pesquisa<sup>31</sup>.

Atualmente, assistimos a uma proliferação de discursos acerca da sexualidade e dos aspectos inerentes à sua vivência. De um lado, algumas instituições buscam regulá-la “por meio de discursos úteis e públicos” (FOUCAULT, 2005a, p. 28), por outro lado, outras instituições procuram compreendê-la inserida nas demais relações sociais.

Apesar das mudanças na sociedade, permanece lugar-comum entre professores e professoras o receio de abordar o tema da sexualidade com alunos e alunas. Poderíamos compreender como uma das causas desse receio a ausência de trabalhos voltados à sexualidade ou à educação sexual na maioria dos cursos de formação de professor e professora.

No entanto, em relação aos cursos de formação de professores e professoras, não acredito na inserção no currículo de disciplinas que tratem da sexualidade, puramente, em seu caráter biológico ou psicológico, e, sim, que tais disciplinas “deveriam conter falas e vivências sobre a sexualidade humana, despertando possibilidades do corpo e das emoções” (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p. 50), problematizando os mitos<sup>32</sup>, os preconceitos, os tabus<sup>33</sup>, as inverdades e as imagens — enfim, tudo o que carregamos em nossas vidas e que envolve nossas compreensões e vivências sobre a sexualidade. Haja vista que conhecer e discutir essa temática não se reduz a aprender a estrutura dos órgãos genitais, tampouco diferentes formas de contracepção ou

---

<sup>29</sup> “No Brasil ( de forma mais visível a partir de 1980), a temática também passa a se constituir como questão acadêmica, na medida em que, em algumas universidades e grupos de pesquisa, vem a ser discutida, especialmente com apoio nas teorizações de Michel Foucault” ( LOURO, 2008b, p.33).

<sup>30</sup> No ano de 2003, durante a 26ª Reunião Anual da Anped, um entusiasmado grupo de pesquisadoras, pesquisadores, docentes e estudantes mobilizou-se para propor à Associação um grupo de estudo voltado para a investigação e o debate de questões teóricas e temáticas dos campos dos gêneros, das sexualidades e da educação sexual. Depois de várias discussões teóricas, metodológicas e políticas, o grupo de estudo passou a ser grupo de trabalho, o GT 23.

<sup>31</sup> Dos grupos de pesquisa voltados à discussão de gênero, de sexualidade e de educação, citamos o Grupo de Estudo Interdisciplinar em Sexualidade Humana (Geish), fundado em 1992, vinculado à Faculdade de Educação da Unicamp; o Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (Geerge), criado em 1990, vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul; o Núcleo de Estudos da Sexualidade (Nusex), criado em 2000, na Universidade Estadual Paulista (Unesp. Campus de Araraquara) (cf. MEYER; RIBEIRO; RIBEIRO, 2004); e o Núcleo de Estudos de Gênero (Pagu), criado em 1993, vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp ([www.pagu.unicamp.br](http://www.pagu.unicamp.br)).

<sup>32</sup> No decorrer desta tese, “mito” é tratado como “o desconhecimento, a falta de informação ou a análise fantasiosa da realidade” (FURLANI, 2003, p. 87).

<sup>33</sup> Compartilho a opinião de Furlani (2003, p. 87): “No conceito de tabu passa a prevalecer o comportamento da discriminação e do preconceito para o conjunto de palavras, atitudes, práticas e valores morais que a sociedade não aceita, conferindo-lhe significados negativos”.



de prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis, mas significa, sim, problematizar o uso do corpo e seus prazeres. Restringir a sexualidade aos genitais limita os usos do corpo e nossas potencialidades de vivenciar múltiplos prazeres.

Acredito numa discussão sobre a sexualidade na escola que dê oportunidade a alunos e alunas de compreendê-la como construção social, cultural, histórica e política. Que contribua para uma análise que lhes possibilite “discutir e compreender os mitos sexuais como elaboração na história e na cultura” (FURLANI, 2003, p. 20), bem como lhes permita compreender os mecanismos sociais que limitam a vivência de uma sexualidade livre e múltipla, repleta de possibilidades, de sentidos, de significados.

Pautada na problematização e na compreensão das imposições sociais, a educação sexual em escolas pode proporcionar “uma vivência mais positiva e livre do corpo, do prazer advindo dele, deste prazer compartilhado com o outro [e a outra], da sexualidade pessoal” (FURLANI, 2003, p. 30). A escola é “capaz também de imprimir nos sujeitos novas formas de pensar e agir, desmistificando, por exemplo, modelos e padrões de homens e mulheres” (JESUS, 2007, p. 194) que habitam a sociedade.

A escola é atravessada pelos gêneros. É impossível pensar sobre escola sem que se compreenda e problematize o masculino e feminino (cf. LOURO, 2003a, p. 89) e até quem assume na sala de aula a função de transmitir o conhecimento, o professor e a professora. No caso das séries iniciais, o predomínio da docência feminina no Brasil é uma evidência histórica.

No Brasil, até o século XVIII, predominava a docência masculina e religiosa — os jesuítas, além de catequizar os índios, investiam na formação dos meninos e dos jovens brancos. Já na segunda metade do século XIX, vivemos com a inserção das mulheres nas salas de aula e, pouco a pouco, com o seu predomínio como docentes (cf. LOURO, 2003a, p. 94-95). A “feminização” do magistério está associada “à expansão da rede escolar do ensino básico, fruto das transformações políticas, sociais, culturais e econômicas que se cristalizaram no século passado e nas primeiras décadas do século atual” (HYPOLITO, 1997, p. 48).

Esse processo de “feminização” traz atributos que são “tradicionalmente associados às mulheres, como o amor, a sensibilidade, o cuidado, etc. para que se possa ser reconhecido como uma profissão admissível e conveniente” (LOURO, 2003a, p. 96-97). Novas teorias psicológicas e pedagógicas “passam a considerar o amor como parte do ‘ambiente facilitador’ da aprendizagem” (LOURO, 2003a, p. 98), de um modo especial no magistério para crianças<sup>34</sup> Aos

---

<sup>34</sup> Nas palavras de Louro (2003a, p. 107): “Com a crescente força da Psicologia na elaboração das teorias pedagógicas e didáticas, a ênfase na função apoiadora e na criação de um bom ambiente para a aprendizagem (um ambiente de

poucos, se estabelece a relação entre magistério e domesticidade, ou seja, o magistério de crianças exige certos cuidados e “características culturais próprias da constituição histórica da mulher como ser social” (HYPOLITO, 1997, p. 55).

No imaginário social<sup>35</sup>, a professora é uma extensão da mãe. As atividades do magistério aproximam-se das realizadas em casa. Existe uma identificação social intencionalmente construída entre a mãe e a professora: ambas cuidam, ensinam, educam e demonstram sentimentos à criança. Por várias vezes, assumimos o papel de mãe de nossos alunos, não o de professora. Em outras palavras: As professoras são compreendidas como mães espirituais – cada aluno ou aluna dever ser percebido/a como sei próprio filho ou filha (LOURO, 2003a, p. 97). Além disso, outro elemento facilitou a aceitação social de que as mulheres exerçam essa profissão: “a possibilidade de compatibilização de horários entre o magistério e o trabalho doméstico, já que aquele pode ser realizado em um turno” (HYPOLITO, 1997, p. 55).

A opção pelo magistério associa-se também à imagem<sup>36</sup> e às concepções sobre a profissão definidas como vocação, amor, abnegação, doação e missão, que reverberam numa docência impregnada da ideia de que gostar de criança e possuir algumas habilidades adquiridas com experiência basta para ser professora (cf. FONTANA, 2000, p. 33). As figuras de mãe e professora são amarradas nesse imaginário. “É como se ambas — convencidas do dever sagrado de conduzir a humanidade, nas pessoas de seus filhos e filhas e alunos e alunas — carregassem o fardo eterno de não terem cumprido esse intento” (VASCONCELOS; ANDRADE, 2004, p. 10).

No imaginário social, considera-se frequentemente que ser professora é uma função santificada, como se o magistério feminino fosse uma missão árdua, um sacrifício, um trabalho heroico, não uma profissão (cf. VASCONCELOS; ANDRADE, 2004, p. 10). Para Mare, uma de

---

trocas afetivas e de valorização dos interesses das crianças/alunos e alunas) apontou de modo mais claro a adequação das mulheres ao magistério, em especial ao magistério infantil”.

<sup>35</sup> Fundamentada em Michel Maffesoli, Guimarães (2004, p. 61) argumenta que “a temática do imaginário mostra que o que chamamos realidade tem um componente irreal. A realidade emergiu daquilo que chamamos de irreal, dos pequenos sonhos de cada um, dos pequenos desejos que, por sedimentação sucessiva, vão culminar naquilo que se deseja. Essa dimensão fantástica da vida cotidiana é fruto de uma duplicidade que se instala entre dois pólos: de um lado, a organização política e econômica do social, de outro, um processo feito de acasos, de passividade, das paixões, dos encontros, das coerções e das pequenas mortes de todos os dias. Todos os elementos da vida social são formados em conjunto, integrando o imaginário, o simbólico, o lúdico e a paixão, os quais garantem a sobrevivência dos indivíduos, apesar das imposições dos poderes constituídos. [...] A temática do imaginário é a evidência de toda essa carga simbólica evidente nas sociedades complexas. A nossa cultura é a da complexidade, que não se explica a partir de um só elemento, mas por uma pluralidade deles que são integrados pela via simbólica. O imaginário não é o irracionalismo, mas uma maneira hiper-racional de pensar a sociedade complexa”.

<sup>36</sup> Compartilho a opinião de Maffesoli (1995, p. 93-94): “A imagem é antes de tudo um vetor de comunhão, ela interessa menos pela mensagem que deve transportar do que pela emoção que faz compartilhar. Nesse sentido, a imagem é, de parte a parte, orgiaca, *stricto sensu* passional (*orge*), ou ainda estética: seja qual for seu conteúdo, ela favorece o sentir coletivo (*aisthesis*)” (grifo do autor).

nossas colaboradoras, a dedicação excessiva ao trabalho e a internalização de problemas profissionais ocasionaram danos à sua vida pessoal; ela comentou ainda que precisava rever a relação do trabalho e a vida pessoal.

Essa mistura entre a vida pessoal e a profissional não é uma exclusividade de Mare. Na longa jornada de trabalho, composta de elaboração e correção de atividades avaliativas, planejamento dos conteúdos para ensinar e explicar, a transmissão de conhecimentos envolve diversos relacionamentos interpessoais por vezes extremamente tensos. Não obstante as atividades pedagógicas, o cotidiano da professora inclui uma carga excessiva de trabalhos burocráticos, o cumprimento de prazos na elaboração de projetos — os quais muitas vezes não revelam sua necessidade na escola —, jornadas pedagógicas com palestrantes deslocados da realidade educacional, reuniões com longa duração (cf. WEBLER; RISTOW, 2006, p. 3). Essas atividades constroem o cotidiano da vida das professoras e podem dificultar o descanso ao longo do dia, como também limitar a convivência com sua família e reduzir os momentos de lazer.

Apesar da necessidade do trabalho como forma de sobrevivência na sociedade, precisamos reaprender que nossa vida não se limita a este único aspecto, embora esse seja significativo, tanto material como pessoalmente, na medida em que o transformamos em peça central, esmagamos nossas demais potencialidades humanas. Matamos nosso lado dionisíaco e exaltamos o apolíneo. O prazeroso seria conseguir viver nossas diferentes *personas*<sup>37</sup> estabelecendo uma relação mais agradável com nossas responsabilidades. Como romper com a acepção de mundo que prevalece nessa sociedade<sup>38</sup>, o tempo como senhor da produção e o ócio como sinônimo de vagabundagem?

Fernanda<sup>39</sup> acredita que aprendeu a separar a vida profissional da pessoal. Ela, como outras mulheres, preocupa-se em relativizar o trabalho em relação aos outros aspectos de sua vida (cf. MAFFESOLI, 2001a, p. 164) — a docência como uma de suas facetas, em meio a tantas outras.

Outro elemento de destaque é a vigilância da sexualidade das professoras, desde o século

---

<sup>37</sup> Para Maffesoli (2005c, p. 304), a *persona* se contrapõe à ideia de indivíduo, pois, “no decorrer de uma mesma existência, cada um muda diversas vezes. Variações, modificações, conversões, revoluções, inúmeros são os termos que traduzem essas mudanças. E elas afetam sua aparência física, de início, mas também suas representações, suas relações amiais ou amorosas, sem falar da sua vida profissional”. O autor ressalta que a *persona* se constrói “na e pela comunicação” e envolve “a imaginação, os sentidos, o afeto, e não apenas a razão” (MAFFESOLI, 2005c, p. 310).

<sup>38</sup> “A valorização cultural do trabalho, era uma das características consideradas positivas da migração de sulistas ao oeste do Paraná. A descendência expressiva dos migrantes era de italianos e alemães, os quais eram considerados portadores de mão de obra esmerada e de maior valor produtivo. Os sulistas sustentavam a imagem de sua disposição ao trabalho, em contraponto, apelidaram os nortistas de ‘pêlo duro’, essa expressão no Rio Grande do Sul significava gado sem raça, em decadência” (DEITOS, 2004, p. 51-52). Para uma leitura aprofundada da colonização do oeste do Paraná, cf. Emer (1991).

<sup>39</sup> Este nome é fictício, para preservar a identidade da colaboradora.

XVIII. Nesse sentido, as formas distintivas da sexualidade feminina devem ser mascaradas por trajes e modos, na medida do possível assexuados. Se fecharmos os olhos, qual a imagem da professora do primário que povoa nossos pensamentos? A vida da professora necessitava ser discreta e reservada (cf. LOURO, 2003a, p. 106). Existem várias tentativas de manter, por meio de discursos, a imagem da professora assexuada e, ao mesmo tempo, revestida de um manto de altruísmo para com as crianças. Uma imagem que merece ser, aos poucos, ressignificada. Dentre os vários papéis que desempenhamos, somos profissionais da educação.

Em nosso cotidiano — compreendido aqui como espaço de experiências e como construção histórica, cultural e social —, muitas vezes esquecemos que, ao mesmo tempo em que somos professores ou professoras, somos pessoas sexuadas. Na sala de aula e na escola, habituamo-nos a esconder nossas emoções, a disfarçar nossos desejos, a controlar nossos impulsos, a deixar os problemas pessoais no armário de nossas casas e assumimos a “fachada habitual da profissão”<sup>40</sup>. Para Valéria, uma das colaboradoras de nossa pesquisa, a profissão a obriga a assumir uma personagem, pois, quando se trabalha com criança, é grande o peso da cobrança social do exemplo.

A professora é, em muitas ocasiões, a primeira pessoa que estabelece vínculos com a criança num grupo social mais amplo. É a estranha que se torna íntima, graças ao tempo diário partilhado com os alunos e as alunas, bem como às relações estabelecidas no interior da sala. A posição da professora como exemplo para as crianças decorre da própria função social da docência, do lugar ocupado no processo ensino-aprendizagem e da autoridade advinda do conhecimento. O que temos aqui é uma ambiguidade no exercício da profissão, que, por um lado, exige posturas profissionais éticas — que às vezes podem se desviar para atitudes moralizadoras — e, por outro, saber fazer uso de suas múltiplas relações.

Além de todo o imaginário social a respeito da professora e de sua sexualidade, há um aspecto que interfere na vivência da própria sexualidade por nossas colaboradoras: o cansaço físico decorrente do trabalho diário com as crianças. Para Ivete, o cansaço é tanto que chega a se irritar com os carinhos do marido e o sono fala mais alto do que o desejo. Sandra comunga dessa mesma opinião. As condições de trabalho das professoras das séries iniciais da escola pública são um dos fatores preponderantes para esse cansaço físico; elas lecionam em salas de aula com grande número de crianças, com escassez de material didático diversificado e

---

<sup>40</sup> Para Maffesoli (2001c, p.187), “essa fachada se encontra entre professores, no exército, na família, nas relações de amizade, nas relações afetivas, em resumo, em todas as ‘instituições’ em que existe um face a face entre elementos diversos”.

com alunos e alunas que, por vezes, desconhecem regras de convivência nos diferentes espaços sociais, entre outros problemas.

Ser mulher e professora é um aprendizado construído ao longo de nossas vidas nas relações de diálogos e conflitos com as instituições sociais, dentre as quais a família e a religião.

A intensidade dos enlaces destas instituições na vida de nossas colaboradoras ficou evidente em nossa pesquisa.

## **Em nome do pai, da mãe, do marido, dos filhos, das filhas e de Deus: relações na construção e vivência das sexualidades**

Cuidado, proteção, modelos, carinho, castigo, sustento, amor, segurança, ciúmes, punição, educação, cólera, proibição, permissão, pecado, obediência, respeito, infância, abandono, fases, vida, raiva...

Nossas sensações referentes à família conjugam-se numa mescla de amor e ódio, como gotas de sumo de limão numa ferida aberta. Como lidar com esse moralismo?<sup>41</sup> Como pessoas situadas em determinada sociedade, aprendemos códigos e atitudes preestabelecidos — concordemos ou não com estes —, dentre os quais o cultivo de sentimentos apropriados à família ou aos pais, de tal modo que, se nos flagramos com sentimentos “inconvenientes”, nos consternamos. Vivemos sob o modelo da família como instituição sagrada; os pais são revestidos de autoridade sobre a vida dos filhos, já que são os doadores dessa vida e arcam com a responsabilidade de sustentá-los e educá-los. Aos pais, cabem o respeito e a obediência (cf. MIOTO, 1989, p. 34). Numa sociedade cristã como a nossa, ser obediente é mérito absoluto: “Manter-se obediente é a condição fundamental de todas as outras virtudes” (FOUCAULT, 2006, p. 69).

Para Eduarda,<sup>42</sup> a obediência não decorria das proibições do pai, pois a tática desse era a confiança, não a proibição. Enquanto conversávamos, porém, ela hesitou, questionando-se se realmente nutria respeito ou medo por ele. Outra colaboradora, Ivete, afirmou que o medo não era exclusividade dos filhos e das filhas, também era da sua mãe em relação ao seu marido.

Engendrados nas relações familiares, nossos comportamentos — muitas vezes baseados no conformismo e na submissão (cf. MIOTO, 1989, p. 59) — nos acompanham nas demais instituições de que participamos ao longo de nossas vidas (cf. VALDÉS, 2005, p. 320). As famílias — na maior parte do tempo — não nos ensinam conhecimentos oriundos da ciência, mas, sim, a lidar com a própria vida e a transferir as atitudes privadas — casa e família — para as atitudes públicas – escola, igreja, trabalho, relacionamentos (cf. MIOTO, 1989, p. 23).

---

<sup>41</sup> Com base em Maffesoli (2005c, p. 16), refiro-me a “moral [como] universal, aplicável em todos os lugares e em todos os tempos; a ética, ao contrário é particular, às vezes momentânea, que funda uma comunidade e elabora-se a partir de um território dado, seja ele real ou simbólico”. “A moral é muitas vezes inspiradora ou acompanhante da ordem estabelecida. Ao contrário, a ética se manifesta ora nos sobressaltos dos períodos de efervescência, ora, de maneira mais difundida, pela duplicidade cotidiana que, aceitando aparentemente as diversas imposições morais (que concerne, em particular, aos regulamentos do trabalho e do sexo), encontra numerosos expedientes para expressar o querer viver obstinado da socialidade” (MAFFESOLI, 2005a, p. 16-17).

<sup>42</sup> Nome fictício, para preservar a identidade da colaboradora.

Esse movimento entre as objetividades e as subjetividades transforma a família em fenômeno cultural e histórico (cf. MIOTO, 1989, p. 20); apropriamo-nos e recriamos os aspectos do cotidiano da cultura na qual nascemos: os modos de comer, de vestir, de falar, de diversão, de utilizar o tempo, os gostos musicais; enfim, o modo de viver. Vivenciamos fatos naturais, como o nascimento e a morte, condicionados pelas vivências, interpretações, normas e valores culturais<sup>43</sup>.

As relações familiares atravessam caminhos polissêmicos; revezam-se paixões, angústias, contradições, conflitos, ternuras e daí por diante.

As famílias contribuem na socialização e no disciplinamento da nossa sexualidade por meio de uma força simbólica e pragmática, que articula um “dever-ser” pessoal e social. Para Ivete, a tentativa do pai e da mãe de esconder a sexualidade de seus filhos e filhas constituiu-se num esforço em vão. Em sua infância e adolescência, obedecia ao pai e à mãe, apesar de não titubear em desobedecê-los longe de seus olhares. Mesmo com toda a proibição, ela e seus irmãos saciavam suas curiosidades com muita cautela para não serem pegos em flagrante. O pai e mãe de Valéria usavam de exemplos generalizados para explicar aspectos relacionados ao desenvolvimento do corpo, a conversa não era recheada de detalhes, embora jamais se negassem a responder as questões que ela lhes fazia.

Margareth supõe que a falta de diálogo com a mãe em relação à sexualidade decorreu de sua educação, só que as proibições não aniquilaram conversas com as tias mais velhas e entre as irmãs. Mare, por sua vez, contou que, apesar de construir um relacionamento aberto com sua mãe, a sexualidade nunca foi pauta de conversa; sua mãe lhe ensinava princípios de comportamento. Fernanda disse que a falta de diálogo em sua casa acarretou a criação de mitos sexuais<sup>44</sup> — aos 12 anos acreditava que a gravidez decorresse do beijo — e medo em torno de sua curiosidade e do seu desenvolvimento. Aos 16 anos, Veroni namorava escoltada por dois irmãos; para seu pai, sair sozinha de casa com o namorado seria uma heresia. Na infância, Mare deleitava-se em seu quarto com suas bonecas ou, na escola, em brincadeiras que envolviam os meninos e o toque nos corpos deles. Na adolescência, nas festas de domingo à tarde, dançava seduzida pelo encontro com o corpo do outro e, nas conversas com as colegas, divertia-se com a troca de informações e curiosidades. Ivete, nas brincadeiras infantis, descobria o corpo do

---

<sup>43</sup> Compartilho do conceito maffesoliano de cultura, num “sentido amplo, antropológico”, incluindo “os fatos da vida cotidiana, as formas de organização de uma sociedade, os costumes, as maneiras de vestir-se, de produzir, etc.” (MAFFESOLI, 2001b, p. 75). Na visão desse mesmo autor, “o cotidiano é o ‘lençol freático’ da cultura” (GUIMARÃES, 1990, p. 15).

<sup>44</sup> Compreendo mito sexual “como o conjunto de ‘concepções errôneas e falácias criadas a partir de rumores, superstições, fanatismo ou educação sexual falha” (FURLANI, 2003, p. 18).

outro por meio de toques. Sandra, quando cursava o Ensino Médio, beijou muito na boca e namorava, mesmo com a atenta vigilância dos irmãos.

Durante a infância e adolescência, apesar das amarras sociais, desvendamos aos poucos alguns “segredos da vida”. Nem as falas frequentemente moralistas dos pais, nem os sermões religiosos dos padres determinaram a vivência da sexualidade, embora a marcassem sobremaneira. Quando a curiosidade vencia o combate, saciávamos nossas inquietações, vivíamos nossas diferentes experiências, subvertendo as interdições familiares e religiosas. Lembro-me de transformar a missa em refúgio para namorar no banco da igreja e para pegar na mão do menino, na hora de rezar o pai-nosso; e comparecia a festas religiosas, na intenção de encontrar os moços bonitos da cidade. Tanto as nossas colaboradoras, como eu e, quiçá, você construímos no decorrer de nossos dias formas de fugir das zonas de policiamento, pois aquilo que proíbe tem em seu cerne a semente de sua transgressão.

Muitas fugas da infância têm como cenário o pátio, as árvores, a escola e o galpão, dentre outros. Embora a vigilância sobre a sexualidade fosse constantemente redobrada, não conseguia abafar as curiosidades e desejos, mas apenas cercear manifestações mais livres. “As perguntas, as fantasias, as dúvidas e a experimentação do prazer são remetidas ao segredo e ao privado” (LOURO, 2007, p. 27). Nesses espaços, experimentávamos os segredos prazerosos da vida... Doce encantamento sobre nós mesmos, misturado com o temor do flagrante... Nos esconderijos sem normas nem interdições, explorávamos nosso corpo e seus enigmas. Por mais que o pai e a mãe procurassem nos controlar, construíamos maneiras de resistência, de transformação e de transgressão às tentativas de disciplina sobre o corpo (cf. LOURO, 2007, p. 24).

Nas escapadas infantis, vivenciamos as modificações dos nossos corpos e os primeiros contatos com o corpo do outro<sup>45</sup>. Uma parte desejava beijar! Desejava abraçar o outro! Sentir o corpo do outro! Desejava sentir o corpo envolvido no corpo do outro! Outra parte ponderava: e o pecado? E o medo? E o castigo? Que fazer com os ensinamentos do padre? E os do pai e da mãe? Negar? Duvidar? Desobedecer? Seguimos vivendo com os nossos diferentes “eus” fervilhando em nós. Vozes confusas suscitavam inúmeras imagens. De um lado, predominantemente, a religião e a família; de outro, nosso corpo e suas manifestações.

A família é o local de nossas primeiras experiências e de nossos primeiros envolvimento afetivos — local demarcado pelas instituições que lhe são exteriores. Nesse espaço, as famílias

---

<sup>45</sup> “Os jogos sexuais fazem parte dessas brincadeiras em que os contatos — entre crianças da mesma idade — não causam danos físicos ou psicológicos e não têm a conotação que o adulto lhe imprime, ou seja, da relação sexual, nem é algo feio, errado, prejudicial ou ruim” (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p. 58).



constroem modelos para a vida cotidiana, como o desejar, o comunicar, o trabalhar, o participar e o relacionar (cf. VALDÉS, 2005, p. 321).

Nas relações familiares burguesas do século XIX, a divisão dos papéis sexuais era rígida. O marido — autoridade dominante sobre a família — provia o sustento com o trabalho em lugares públicos. Já as mulheres conviveram durante muitos anos num âmbito restrito ao privado, ou seja, a casa; responsáveis pela criação e educação dos filhos, “deixavam de lado as transformações políticas e econômicas que se processavam à volta delas” (POSTER, 1979, p. 188).

No período de 1918 a 1968 — período de constituição das famílias de origem de nossas colaboradoras —, o trabalho e o sustento da família eram encargos do homem, enquanto a mulher ocupava seu tempo, da melhor forma possível, cuidando dos filhos. Essa era uma evidência em todos os meios sociais (cf. SINGLY, 2007, p. 130).

A partir dos anos 60, o movimento social das mulheres, o feminismo e a instauração do divórcio por consentimento mútuo iniciam a crítica ao modelo da “mulher dona de casa”. A instituição matrimonial e os papéis sexuais não desapareceram, mas perderam muito da sua legitimidade (cf. SINGLY, 2007, p. 130).

A própria organização familiar, contrariando os guardiões da família burguesa — pai, mãe, filhos e filhas, aceitassem eles ou não —, sofreu transformações na sociedade moderna. “Na sociedade da separação e do divórcio, a família nuclear gera uma diversidade de novos laços de parentesco associada, por exemplo, às chamadas famílias recombinadas” (GIDDENS, 1993, p. 109). Diferentes desenhos pululam no cenário real daquela época: mulheres com carreiras profissionais; mães e pais juntos ou separados; casais homossexuais; mães e pais que educam os filhos sozinhos; criação de diversas instituições especializadas em cuidados maternos... As pessoas buscam adaptar-se às mudanças da sociedade moderna, ao mesmo tempo em que estas mudanças redesenham o funcionamento e a estrutura da família (cf. SCAVONE, 2001, p. 57) e o jogo das relações familiares (cf. MIOTO, 1989, p. 35).

O tecido resistente do modelo burguês ocidental, nuclear, patriarcal e monogâmico de família, que prevalecia até os anos 80 do século passado, desfia-se em meio a outras experiências familiares. As antigas e as novas famílias entrecruzam-se na tessitura da sociedade.

Na infância, a mãe — do Chapeuzinho Vermelho, da Cinderela, da Branca de Neve e da Bela Adormecida — povoava meus pensamentos. Nos contos infantis, a mãe assume uma figura meiga, amável, dócil, carinhosa e protetora; já na vida real nos deparamos com outras “mães”. Minha imagem de mãe foi se ressignificando, na medida em que conversava com as

colaboradoras.

Margareth narrou que sua mãe possuía extrema dificuldade em demonstrar seus sentimentos por meio de abraços, beijos ou colo. Fernanda contou que sua mãe era agitada, porque a educação dos filhos e a ordem da casa eram suas responsabilidades. Entre Sandra e sua mãe ocorreu um distanciamento na vida adulta. A indefinição dos sentimentos maternos — ora um amor muito grande, ora um ressentimento — é a experiência de Eduarda. Na história de vida de Mare, sua mãe tornou-se um exemplo de força e coragem devido à forma como reagia diante da vida e dos problemas.

Nas palavras de nossas colaboradoras, o pai tornou-se um exemplo de homem em virtude de sua luta em prol da família, de dedicação à família e da forma como tratava a mãe. Mare guarda afetuosas lembranças do colo e das brincadeiras com seu pai. Margareth, filha de descendente de italianos<sup>46</sup> cresceu com um pai que demonstrava com facilidade e intensidade seus sentimentos, aspectos que o transformaram em seu herói. Veroni descreveu seu pai com palavras doces e amáveis. Alguns pais foram lembrados pelo alcoolismo, pelas surras e pela violência contra as pessoas de sua intimidade. Mesmo quando admitiam os defeitos de seus pais, as colaboradoras não os qualificaram como problema grave; até agradecem muito a eles pelas mulheres que se transformaram na vida adulta.

Nesse emaranhado de sensações e sentimentos, há uma peculiaridade significativa da relação entre os pais e suas filhas. Das nove colaboradoras da pesquisa, apenas quatro ainda convivem com o pai. A perda e a saudade suscitam imagens afáveis dos que já partiram dessa vida. Quiçá, no imaginário dessas mulheres, a despedida eterna do pai pode ter amenizado os momentos desagradáveis de suas relações, uma vez que a ausência suaviza as tristezas vividas em tempos longínquos. Para algumas pessoas, em seu imaginário, há uma santificação da pessoa quando essa morre. Basta olharmos atentamente as narrativas.

Com nossos pais, aprendemos que somos um pouco de tudo e um pouco de nada. Somos e sentimos muitas coisas ambíguas pela vida e pelas pessoas. Nem sempre definimos nitidamente quem e como eram nossos pais ou os sentimentos que alimentamos em relação a esses dois aspectos de convívio.

Em muitas ocasiões, a mãe tem extrema facilidade em negar os pedidos e castigar quando desobedecida; insufla nos filhos um respeito quase ditatorial pelo pai; inspeciona a limpeza da

---

<sup>46</sup> “Nas décadas de 50 a 60 do século XX, a frente sulista ocupava a maior expressão na migração para o oeste paranaense. São inúmeras as cidades da região que passaram a ser formadas por italianos, alemães e poloneses” (DEITOS, 2004, p. 46).

casa e dos materiais escolares; observa atentamente as atitudes com os outros, a postura diante dos problemas cotidianos; controla horários e amizades. Nessas pequenas atitudes diárias, desempenha seu papel na vida familiar: a educação dos filhos e a organização do cotidiano da família (cf. BRUSCHINI, 1990, p. 61).

Nossas mães, nascidas nos primeiros anos do século XX, cresceram numa época em que o destino da mulher resumia-se em ser esposa e mãe e o casamento significava a proteção, a segurança e a sobrevivência (cf. SAMARA, 2004, p. 51). Pertencentes à classe média, nossos avôs e avós as educaram para serem exemplos de esposas, de donas de casa e de mães, e elas reproduziram, ou tentaram reproduzir, em suas filhas os mesmos valores de sua educação. Esse processo não foi aceito num mar de tranquilidade, muitas mães de nossas colaboradoras trabalhavam fora para contribuir no sustento da casa e dos filhos e das filhas. A mãe de Mare dizia-lhe que não queria repetir a educação que recebera de sua mãe, e Ivete afirma que tenta criar seus filhos de forma diferente daquela como foi educada. São essas resistências que produzem questionamentos e alterações na educação de meninos e meninas.

O imaginário sobre o casamento enleia-se em novos e velhos sentidos. Ivete vê o casamento relacionado à libertação dos pais. Sandra o concebe como consequência da vida adulta e possibilidade de estar casada com o pai de seus filhos. Mare o significa como fuga da solidão, da vida de solteira e dos relacionamentos fortuitos que não satisfaziam mais seus dias. Como uma forma de conhecer melhor seu corpo e de viver sua sexualidade, o casamento foi apontado por Fernanda. Valéria não alimenta o desejo de se casar nos moldes tradicionais: vestido de noiva, véu, grinalda — e, vai além, considera o matrimônio como uma grande amizade baseada em sentimentos. Encontrar alguém dentro dos preceitos de sua religião é possibilidade de casamento para Eduarda.

Atualmente, muitos casamentos são alicerçados no prazer da presença das pessoas, uma na vida da outra, e não por obrigação religiosa ou familiar (cf. SINGLY, 2007, p. 131). Se no passado as pessoas encenavam suas relações no intento de manter uma imagem social, recentemente as pessoas encontram maiores dificuldades no cultivo de uma relação conjugal, se a satisfação emocional e sexual não pertencer ao cotidiano do casal (cf. POSTER, 1979, p. 219).

A partir do século XIX, o casamento, em geral, não se fundamentava só em valores econômicos; o amor romântico tornou-se um elo fundamental na união de duas pessoas (cf. GIDDENS, 1993, p. 36), “que tendeu a libertar o vínculo conjugal de laços de parentesco mais amplos e proporcionou-lhe um significado especial” (GIDDENS, 1993, p. 36). No casamento,

homens e mulheres eram vistos como companheiros num relacionamento emocional, tendo primazia sobre as obrigações com os filhos (cf. GIDDENS, 1993, p. 36).

Nas palavras de nossas colaboradoras, o casamento assume uma multiplicidade de significados, dos quais dois traços chamaram-me a atenção. O primeiro é que não é mais considerado como o principal aspecto na vida da mulher; o segundo é que há vivências do casamento como algo salutar em suas vidas.

A vivência da sexualidade, para as nossas colaboradoras, ocorre dentro do casamento. No entanto, como nos informa Mare, com o passar dos dias instaura-se a rotina e a conquista desaparece. Sandra e seu marido tinham divergências quanto a vários aspectos da vida a dois, as quais ela atribuiu à igreja e à família na formação dos tabus que lhe acompanham.

A grande diferença entre Veroni e seu marido é o valor atribuído ao sexo no casamento: para ela, o sexo não é tão significativo, enquanto para ele é de suma importância; em suas palavras, o importante no casamento é a sinceridade entre o casal, mesmo admitindo que nem sempre é assim. Desde o namoro sofre muito com o ciúme do marido descendente de italianos; esse sofrimento reside na incompreensão de suas reações, pois não lhe oferece motivos.

Para Fernanda, o casamento é o compartilhar da vida, de suas alegrias e tristezas, como também o lugar para viver a sua sexualidade.

No cerne da maioria das famílias, a religião ganha posição de destaque<sup>47</sup>. A relação entre família e religião “torna evidente uma questão estrutural na família: o conflito entre, de um lado, a afirmação da individualidade e, de outro, o respeito às obrigações e aos padrões próprios dos vínculos familiares” (COUTO, 2005, p. 207).

Família e religião impõem formas cristalizadas na vida de nossas colaboradoras. Para Mare, não houve pressão por parte de seu pai e de sua mãe para que seguisse uma religião, apenas explicaram-lhe a importância de uma da crença num ser superior. Na vida adulta, por respeito à religiosidade do marido, casou-se e batizou sua filha nessa mesma religião. Valéria cresceu num ambiente de opções religiosas diferenciadas: pai católico e mãe evangélica. Como não a pressionaram a seguir o caminho deles, buscou uma religião diferente.

Outras experiências aparecem. Sandra cresceu com uma mãe catequista e coordenadora de grupo de oração. Marlise viveu e cresceu dentro dos preceitos religiosos do catolicismo.

---

<sup>47</sup> A religião é considerada no decorrer deste texto “como crença na garantia sobrenatural de salvação, e técnicas destinadas a obter e conservar essa garantia. A garantia religiosa é **sobrenatural**, no sentido de situar-se além dos limites abarcados pelos poderes do homem, de agir ou poder agir onde tais poderes são impotentes e de ter um modo de ação misterioso e imperscrutável” (ABBAGNANO, 2003, p. 846; grifo do autor). Aqui, essa crença fundamenta-se nos preceitos religiosos do cristianismo, especialmente no catolicismo.

Margareth, na infância, tinha a missa como o compromisso dos domingos com o restante de sua família; na vida adulta, ela e sua irmã tornaram-se catequistas.

Na infância, Ivete não teve acesso a televisão, livros e revistas, proibidos por sua religião. Essa limitação causou-lhe a impressão de não pertencimento a este mundo. Casada, permaneceu na religião evangélica, na qual criou seus filhos e frequenta assiduamente.

Recordo-me de uma ocasião, acho que tinha 15 ou 16 anos, na qual, por orientação paterna e materna, participei de um encontro de jovens da Igreja Católica. Permaneci dois dias enclausurada entre orações, palestras, pregações e testemunhos. Jamais presenciei tantos desacordos entre a vida real e as palavras escutadas. Muito bem orientada por meu pai e minha mãe, não me atrevi a pronunciar alguma letra discordante nem qualquer gesto de contrariedade. Conservei-me petrificada, vigiando meu corpo e segurando minha boca. A cada palavra, minhas vísceras retorciam-se.

O primeiro alvo atacado foi o uso de métodos contraceptivos. Para o catolicismo, finalidade única do encontro sexual entre um homem e uma mulher é a procriação, dentro de uma relação abençoada por Deus e reconhecida pela sociedade. Nesse raciocínio, a utilização de contraceptivos seria uma heresia. Na busca de desobedientes, o palestrante instigou a autoacusação das adolescentes que afrontavam os ensinamentos religiosos católicos e faziam uso de pílulas. Constrangidas, algumas ergueram a mão. As mãos levantadas simbolizavam o pecado do sexo por prazer e a tentativa de controle da igreja da vida pessoal. Indagadas a respeito dos motivos que as haviam levado a cometer tal injúria, uma moça respondeu que tomava por causa de um mioma no útero. Ao retornar ao seu lugar, ela sentou-se e sussurrou: “A igreja nos induz à hipocrisia!” Suspirei aliviada: encontrava uma pessoa que compartilhava das mesmas consternações.

O discurso apologético da virgindade como obediência aos mandamentos religiosos e prenúncio aos hereges de efeitos abomináveis levaram-me a sentir o calor do fogo do inferno sob meus pés.

A obediência ou perplexidade diante de tantas “verdades católicas” provocou um silêncio sepulcral. Os corpos rejeitavam e as bocas calavam-se. Se antes dessa experiência não havia percebido a sexualidade como a dimensão mais importante da existência humana, a Igreja Católica me proporcionou esse aprendizado. Ao fazer as pessoas confessarem seus pecados carnis e ao lançar mão de tantos instrumentos para controlá-los, a igreja evidenciou a energia que envolve a sexualidade.

Hoje, compreendo que as modificações do catolicismo surgem a cada dia, demonstrando o quanto esse fenômeno religioso, cultural, político e social conserva-se intenso e mesclado às mais diferentes histórias e situações da vida das pessoas e da sociedade (cf. GEBARA, 2008, p. 27). Em meio às atribulações cotidianas, criamos mecanismos de consolo e de fuga, por meio dos quais pretendemos tornar nossas vidas mais suaves, mais suportáveis (cf. ALVES, 2007, p. 91).

A monogamia, a reprodução como única finalidade da sexualidade e a desqualificação geral do prazer sexual — os grandes princípios da moral sexual — precedem o surgimento do cristianismo no mundo romano. “Portanto, o cristianismo não é o responsável por toda essa série de proibições, de desqualificações, de limitações da sexualidade frequentemente atribuídas a ele” (FOUCAULT, 2006, p. 64). “A sua contribuição fundamental à história da sexualidade é a técnica de interiorização, a técnica de tomada de consciência, a técnica do despertar de si sobre si mesmo em relação as suas fraquezas, ao seu corpo, a sua sexualidade, a sua carne” (FOUCAULT, 2006, p. 71). Em outras palavras, trata-se de “um mecanismo de poder e controle, que era ao mesmo tempo um mecanismo de saber, de saber dos indivíduos, de saber sobre os indivíduos e em relação a eles próprios” (FOUCAULT, 2006, p. 72). “O corpo é examinado para sabermos que coisas indecorosas se preparam e se produzem nele” (FOUCAULT, 2006, p. 32). A doutrina cristã, ao reforçar a dualidade entre corpo e alma, atribuindo-lhes valores hierárquicos, “acentuou a visão negativa sobre o corpo e, conseqüentemente, sobre os prazeres advindos deles nas vivências sexuais” (FURLANI, 2003, p. 29).

Se, de um lado, o cristianismo encontrou uma maneira de instaurar o controle sobre a sexualidade das pessoas, concebendo-a como algo merecedor de desconfiança, uma vez que as conduzia a possíveis tentações e quedas, por outro, precisava do funcionamento desse corpo, dessa sexualidade, desses prazeres, visto que a sociedade mantinha suas necessidades de reprodução. Por conseguinte, era preciso “uma acepção moderada a respeito da sexualidade” (FOUCAULT, 2006, p. 71).

A Igreja Católica acolheu o ato sexual no casamento, ainda que com a finalidade de reprodução e como virtude de preservação da relação — por proteger a fidelidade (cf. VALDÉS, 2005, p. 322) — e “como uma possibilidade de purificar o pecado centrado nas relações sexuais, a despeito das desconfianças depositadas à sexualidade” (FOUCAULT, 2005b, p. 184).

No caso da nossa sociedade, com o cristianismo introduziu-se, lenta e progressivamente, uma mudança em relação às morais antigas, que eram essencialmente um estilo de liberdade, aqui compreendida “na sua forma plena e positiva [como] poder que se exerce sobre si mesmo, no

poder que se exerce sobre os outros” (FOUCAULT, 2003, p. 75). Existiam também certas normas de comportamento que regravam a conduta de cada um. Porém, na Antiguidade, a vontade de ser um sujeito moral e a busca de uma ética da existência consistia principalmente num “esforço para afirmar a liberdade do sujeito e para dar a sua própria vida uma forma na qual era possível se reconhecer, ser reconhecido pelos outros e na qual a própria posteridade podia encontrar um exemplo” (FOUCAULT, 2006, p. 289-290). “Da Antiguidade ao cristianismo, passou-se de uma moral que era essencialmente a busca de uma ética pessoal para uma moral como obediência a um sistema de regras” (FOUCAULT, 2006, p. 290). Na Antiguidade, a vontade da ética pessoal; com o cristianismo, a vontade de Deus e a relação com o outro na forma de um vínculo de obediência (cf. ORTEGA, 1999, p. 133).

As experiências religiosas — a forma como vivenciamos subjetivamente essa dimensão da vida social (cf. DUARTE, 2006, p. 21) —, modulam-se, variavelmente, na vida de cada pessoa e transformam-se no decorrer dessas vidas. Percebemos uma ligação intensa entre as nossas colaboradoras e a religião<sup>48</sup>: rezar a Deus, agradecer as bênçãos alcançadas, procurar ajuda na solução dos novos problemas e, ao mesmo tempo, significado para sua vida (cf. COUTO, 2005, p. 208). As pessoas cultivam um sentimento religioso, expressando a crença num Deus bondoso e benevolente, sensibilizado pelos sofrimentos de seus filhos, entusiasmado com suas alegrias e fortalecedor de suas esperanças (cf. GEBARA, 2008, p. 43).

As pessoas tecem com a religião relações mapeadas por diferentes caminhos e diversas manifestações. Elas se apropriam, ou não, dos princípios e ensinamentos da religião, também devido às relações estabelecidas no decorrer de suas vidas, bem como aos lugares em que vivem suas experiências e constituem suas identidades.

Quando nascemos ou nos mudamos para uma cidade, embebemo-nos em suas histórias, misturamo-nos com as culturas, enlaçamo-nos aos imaginários ali edificadas — enfim: herdamos e partilhamos das histórias de sua colonização e de seu povo.

Nossas colaboradoras residem no oeste do Paraná<sup>49</sup>, lugar esse que, a partir dos anos 30 do

---

<sup>48</sup> Esclareço ao leitor e à leitora que, das nove colaboradoras da pesquisa, sete identificaram-se como católicas, uma como evangélica e uma como espírita, sendo todas as religiões oriundas do cristianismo. Por isso, optei em trabalhar com os princípios gerais do cristianismo.

<sup>49</sup> “Região essa marcada pelo fluxo migratório de descendentes italianos e alemães dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul” (DEITOS, 2004, p. 40). “O modo de viver no oeste paranaense viu-se acrescido com os hábitos e valores dos gaúchos e catarinenses. Os gaúchos, sobretudo, trouxeram danças, músicas e trajes, expressões de linguagem e as comemorações introduzidas pelos Centros de Tradições Gaúchas” (TRINDADE; ANDREAZZA, 2001, p. 97).

século passado, convive com a migração de pessoas — na maioria católicas, com alguns protestantes (cf. DEITOS, 2004, p. 16) — procedentes, principalmente, dos outros estados sulinos. Nas atuais cidades de Cascavel e Toledo, houve concentração de colonos católicos descendentes de italianos, enquanto que na cidade de Marechal Cândido Rondon predominaram os descendentes de alemães protestantes (cf. LAZIER, 2003, p. 146).

Longe de sua terra natal, os migrantes encontraram no catolicismo uma identificação cultural, promovendo coesão e linguagem comum. Um sentimento de pertencer, de elo com as outras de pessoas, de estar junto com o outro. A religião mantinha uma ordem e estabelecia vínculos entre as pessoas e na sociedade. Os rituais em torno da religião — a capela, o padre, a missa e as orações — traziam uma sensação de conforto e amparo, necessária à nova vida e aos desafios que a terra desconhecida oferecia.

O imaginário católico construído pela Igreja Católica, na colonização do oeste paranaense, revelava-se de maneira ambígua e plural. Ora a igreja mostrava-se como instituição imbatível no tempo, cujos ensinamentos e princípios deviam ser respeitados e preservados pelos fiéis, e proclamada como a salvação dos povos. Ora assumia posições de cunho social, colocando-se em defesa dos menos favorecidos, assumindo causas sociais de denúncias de ações litigiosas (cf. DEITOS, 2004, p. 27). A ação da Igreja Católica, nesse espaço, tem uma trajetória intensa. Seu papel foi muito expressivo nos primeiros anos de colonização, e ainda hoje tem influência nos mais diversos grupos sociais<sup>50</sup>.

Assim, nossas colaboradoras conviveram desde seus primeiros anos de vida com a expressiva força da religião na vida política, econômica, cultural e social das pessoas e da sociedade. Apesar de resignificarem esse fenômeno em suas vidas, ainda há indícios de imaginários religiosos, em sua maioria católicos, e, fundamentalmente, a crença num Deus. Em suas palavras, um Deus concebido como ser bondoso, que perdoa nossos erros, ouve nossas angústias, dores e preces e ajuda a conduzir nossas vidas para os melhores caminhos. A religião, no passado e no presente, expressa uma grande determinação moral na sociedade (cf. CHIAVENATO, 2002, p. 17).

Para Sandra, a religião é uma forma de moralidade que transmite aos filhos. Margareth acredita que uma das causas da violência é a falta de religião na vida das pessoas. Ivete atribui sua conduta, considerada correta diante do marido, aos preceitos religiosos.

---

<sup>50</sup> Para uma leitura aprofundada referente à presença da igreja na colonização do oeste do Paraná, cf. Deitos (2004) e Mezzomo (2003).



A religião padroniza costumes e hábitos sociais<sup>51</sup>, incorporados a partir de convenções sociais e de um código de comportamento previamente estabelecido, instaurando a homogeneidade no comportamento da sociedade<sup>52</sup>, impondo o moralismo, a lógica do dever-ser (cf. MAFFESOLI, 2005d, p. 11).

Quantos de nós crescemos amedrontados pelas ameaças constantes do pecado e do castigo em respostas às nossas desobediências?

Algumas consideram necessário o controle da religião em suas vidas, inclusive na sexualidade, outras o questionam. Para Eduarda, a relação sexual com homem casado ou com várias pessoas ao mesmo tempo coaduna-se com a acepção católica de pecado. Fernanda desconhece a origem da noção de pecado em sua infância, mas lembra da sua forte presença, associada com a da proibição e a do castigo; em decorrência disso, vê rastros da religião em sua sexualidade. Marlise acredita que sua sexualidade foi contaminada pelo medo do pecado e da proibição. Ivete considera problemática a influência da religião em sua sexualidade, pois a repressão a levou ao desconhecimento de seu próprio corpo e a não sentir vontade de carícias, toques e beijos. Sandra, mesmo separada do marido, reconhece que não procura outro relacionamento por conta de ter uma concepção de casamento eterno. Mare percebe, em seus encontros familiares, uma relação fria entre maridos e esposas; em sua opinião, isso decorre da apologia do lugar social diferenciado para homens e mulheres materializada nos discursos dos padres da pequena cidade onde frequenta a missa com sua família.

Apesar dos conflitos vivenciados com os preceitos da religião que faz o papel de uma das amarras sociais, nossas colaboradoras a consideram importante em suas vidas.

A obediência às regras na vivência da sexualidade é alcançada pela família e pela religião na internalização do pecado no imaginário social. Em outras palavras, a desobediência aos preceitos da religião conduziria ao castigo e ao fogo do inferno. A prescrição da conduta apropriada ao católico encontra-se na Bíblia e nas palavras proferidas pelos padres do “alto de sua autoridade” como representantes terrenos das leis divinas. Por que esses aspectos são tão fortes em nossas vidas?

A religião compõe uma sinfonia de notas díspares. De um lado, as colaboradoras

---

<sup>51</sup> Trata-se aqui do conceito maffesoliano de hábito: “coisas estranhas ou novidades que se tornam progressivamente costumeiras” (MAFFESOLI, 2001a, p. 101).

<sup>52</sup> Cf. anotações da palestra do professor doutor Márcio Mariguela, proferida na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, no dia 6/5/07.

reconhecem o controle religioso em suas vidas, inclusive discordando de alguns preceitos do catolicismo e os desrespeitando; por outro lado, admitem a necessidade de uma orientação espiritual, de um consolo nas horas amargas, da crença num ser mais alto que as ouça, as ampare e as guie para o caminho do bem.

Inquieta-me a origem da fé perante algo ou alguém sobrenatural, que não conhecemos, que não enxergamos, que não escutamos, de que não comprovamos a existência e que é motivo de controvérsias seculares.

A tessitura da vida humana não se limita a fatos observáveis e racionais; também pertencem a nossa vida os sonhos, o lúdico, a imagem, o simbólico, a imaginação, as fantasias, o onírico: o mundo imaginário. Ao contrário do que o racionalismo ocidental defende<sup>53</sup>, o imaginário não é a negação do real, mas a criação de novas relações, de um modo de conhecimento que saiba integrar todos os aspectos considerados rotineiramente como secundários: o frívolo, a emoção, a aparência. Construindo uma hiper-racionalidade (cf. MAFFESOLI, 2005c, p. 11), não há como denegar nada daquilo que nos cerca neste mundo no qual estamos e que é, “ao mesmo tempo, sentimento e razão” (MAFFESOLI, 2005b, p. 59). No decurso da vida, estabelecemos relações sociais em que hipotecamos nossas carências, nossos desejos, nossas fantasias, nossas intuições. Somos homens e mulheres atraídos pela razão; ao mesmo tempo, somos seres desejosos, imaginativos, sonhadores, capazes de fabular, de criar, de simbolizar a realidade existente e a realidade possível (cf. TEVES, 1992, p. 7).

As religiões deixarão de existir se a humanidade perder seu poder de criar, de imaginar, de simbolizar. Como isso não é possível, não desaparecerão, e nos influenciam, porque somos seres dotados não apenas de razão... “Fantasiar, imaginar e sonhar são atitudes enraizadas na existência humana” (RECHIA, 2005, p. 30).

Nossa sexualidade é atravessada pelas relações que estabelecemos com as instituições religiosas e familiares.

---

<sup>53</sup> “É preciso compreender que o racionalismo, em sua pretensão científica, é particularmente inapto para perceber, ainda mais apreender, o aspecto denso, imagético, simbólico, da experiência vivida” (MAFFESOLI, 2005b, p. 27).

## Ser homem e ser mulher: um aprendizado social

Nas sociedades e nas relações entre as pessoas, “o tradicional e o moderno” (BRUSCHINI, 1990, p. 75) coexistem, nem sempre de forma harmoniosa. Vivemos ambivalências no que diz respeito a família, sexualidade e relações de gênero. Persistem as expectativas das sociedades e das culturas no ajustamento cotidiano das pessoas à padronização dos comportamentos, em face de que esses modelos são culturais e históricos, coabitam com novas organizações familiares e com relações conjugais mais livres (cf. FÁVERI, 2007, p. 355-356).

Presenciamos tentativas de homens e mulheres reinventarem, no seu dia a dia, imaginários cristalizados na sociedade sobre o masculino e o feminino (cf. DAUSTER, 1987, p. 105), que levam “ambos os sexos [...] a realizar mudanças fundamentais em seus pontos de vista e em seu comportamento, em relação um ao outro” (GIDDENS, 1993, p. 16).

No decorrer do século XX (cf. GIDDENS, 1993, p. 50), a mulher teve mais acesso à educação formal e conquistou um espaço maior no mercado de trabalho<sup>54</sup>, além de assumir o controle de seu corpo com a propagação dos métodos contraceptivos modernos<sup>55</sup>, o que possibilitou vivências de sexualidade desvinculadas da reprodução, mesmo com a crítica das religiões de matriz cristã. Os métodos contraceptivos acarretaram grandes mudanças na vida das mulheres, pois “a sexualidade tornou-se mais maleável, sujeita a ser assumida de diversas maneiras, e uma ‘propriedade’ potencial [da pessoa]” (GIDDENS, 1993, p. 37).

Outra modificação significativa foi a legalização do divórcio no Brasil<sup>56</sup>, em 1977<sup>57</sup>. Na família brasileira dos séculos XVI e XVII, o homem detinha a autoridade absoluta sobre a família, inclusive sobre a vida da mulher. A sexualidade da esposa conservava forte vínculo com a procriação, enquanto o marido podia viver sua sexualidade de maneira mais livre (cf. BRUSCHINI, 1990, p. 61-62). Era uma estrada com um único acesso, pois a liberdade sexual do

---

<sup>54</sup> Concorde com Ameno (2000, p. 58), para quem o ingresso feminino no mercado de trabalho decorreu “mais como necessidade na era da industrialização do que como uma conquista feminina propriamente dita”.

<sup>55</sup> “A ‘segunda revolução contraceptiva’, que aconteceu a partir do final dos anos 1960 nos países desenvolvidos, marca o fim de um processo secular. Ela se caracteriza pela difusão maciça de métodos contraceptivos médicos, que atuam sobre a fisiologia feminina (pílula, dispositivo intra-uterino ou DIU, esterilização feminina) e são controlados pela mulher” (BOZON, 2004, p. 43). “Na percepção contemporânea de sexualidade, as relações sexuais destinadas à procriação passaram a ser pensadas como uma realidade totalmente distinta das relações não destinadas à procriação” (BOZON, 2004, p. 45).

<sup>56</sup> “Sabemos que no Brasil, a partir do século XVIII, casais provenientes de diversas camadas sociais se divorciaram, resolução que era entendida legalmente pela Igreja e pelo Estado como separação de corpos e de bens, não abrindo para os cônjuges possibilidades de novas núpcias” (SAMARA, 2004, p. 67-68).

<sup>57</sup> Até 1977, a legislação brasileira previa apenas a possibilidade de desquite para os casais que desejavam se separar. Embora o(a) desquitado(a) não tivesse mais os deveres e direitos matrimoniais, os ex-cônjuges não podiam casar

homem não tolerava a da mulher.

Um dos motivos de intolerância articulava-se com a pretensa negação da sexualidade da mulher, pois reconhecê-la como ser detentor de desejos a igualaria ao homem, o que demandaria maior controle. Mas “como negar ou controlar o seu pensamento [ou a sexualidade da mulher] se ela continuava viva, pensando e desejando?” (CARNEIRO, 1987, p. 79) Afinal, homens e mulheres são seres de desejos — “essa pulsão que, premida pela falta, tende sucessivamente a sua satisfação” (MURARO, 1996, p. 323) — e a sexualidade mistura-se com a própria vida.

Comumente, imagina-se que o homem necessita de mais sexo que a mulher. Tal pensamento estaria embasado nas diferenças biológicas<sup>58</sup>: à masculinidade associa-se a agressividade, a racionalidade e a praticidade, isto é, a uma sexualidade ativa; à feminilidade, a emoção, a fraqueza, a passividade, a irracionalidade, uma sexualidade passiva. Os comportamentos masculinos e femininos são definidos pelas culturas e cabe ao homem e à mulher adaptar-se para serem reconhecidos como homem e mulher (cf. TORRÃO FILHO, 2005, p. 140). No entanto, não são as diferenças nas características sexuais entre homens e mulheres e, sim, a forma como são valorizadas ou representadas, “aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico” (LOURO, 2003a, p. 21). “Não há nada puramente ‘natural’ e ‘dado’ em tudo isso: ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura” (LOURO, 2008a, p. 18).

A vivência da sexualidade não segue uma rua de mão única: as pessoas vivem seus prazeres e desejos de formas variadas. Podemos viver nossa sexualidade com pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou, ainda, sem a outra pessoa. Nesse movimento, também nos identificamos, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim construímos nossas identidades de gênero (cf. LOURO, 2003a, p. 26). A identidade sexual e a de gênero são construídas ao longo de nossas vidas; não há como fixar um momento que possa ser considerado como aquele “em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja ‘assentada’ ou estabelecida” (LOURO, 2003a, p. 27).

Para compreender o conceito de gênero, precisamos assumir uma posição contrária à naturalização do feminino e do masculino (cf. LOURO 2006, p. 5), a fim de compreender “as

---

novamente. A Lei nº 6.515, conhecida como a “lei do divórcio” ou Lei Carneiro, em alusão a seu proponente, o senador Nelson Carneiro, foi aprovada em 26 de dezembro de 1977 (cf. FÁVERI, 2007, p. 336).

<sup>58</sup> Concordo com Louro (2003a, p. 22), quando esta autora afirma que “não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas”.

condições de existência de homens e mulheres em sociedades passadas e futuras” (VASCONCELOS; ANDRADE, 2004, p. 1).

Ao reconhecer que as diferenças e as desigualdades entre mulheres e homens são discursivamente construídas — e não apenas biologicamente determinadas —, deslocamos o foco de atenção da “mulher dominada em si” para a relação de poder em que as diferenças e desigualdades são produzidas, vividas e legitimadas. Compreendemos a pluralidade, o caráter conflituoso e provisório dos processos que delimitam possibilidades de se definir e viver o gênero em cada sociedade e nos diferentes segmentos culturais e sociais (cf. MEYER; RIBEIRO; RIBEIRO, 2004, p. 7). Dependendo das experiências que nos propomos a compreender, a discussão de gênero encontra-se ressignificada<sup>59</sup>.

A trajetória da experiência sexual masculina e feminina caracteriza-se pelas diferenças; não precisamente pelas impressas nos corpos, mas pelas expectativas e aspirações relacionadas às experiências sexuais balizadas pelo fato de se ser homem ou mulher na sociedade ocidental (cf. HEILBORN; BRANDÃO, 1999, p. 11). Em nossas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, práticas, imagens e representações, vivemos como masculinos e femininos, movimentando nossos lugares sociais, nossas formas de ser e estar nesse mundo (cf. LOURO, 2003a, p. 28). As identidades de gênero movem outros modos de ser homem e de ser mulher na sociedade atual. Desde que nascemos, vivenciamos experiências determinadas pelo fato de ser menino ou menina (cf. ROVERI, 2007, p. 2); a boneca à menina, o carrinho ao menino... Parece que existe um código secreto de permissão e proibição no rótulo dos brinquedos (cf. ROVERI, 2007, p. 3), pois estes foram transformados em importantes ícones no processo de produção de um imaginário de gênero (cf. BARRETO; SILVESTRI, 2008, p. 61). Para as meninas, o rosa, a maternidade, a beleza e as tarefas domésticas; para os meninos, o azul e o trabalho fora de casa na intenção de sustentar a futura família (cf. BRUSCHINI, 1990, p. 57-61). No entanto começamos a conviver com pequenas alterações nas relações entre os gêneros.

O azul e o rosa estão embaralhados. As roupas e os brinquedos mudaram bastante. Ocorreram mudanças nas imagens do cinema: assistimos histórias de meninas heroínas — por exemplo, *Encantadora de baleias*<sup>60</sup> — e de meninos interessados por uma arte vinculada

---

<sup>59</sup> Um exemplo da ressignificação na discussão de gênero é o estudo realizado por Merengué (2009).

<sup>60</sup> O filme, cujo título original é *Whale rider*, dirigido por Niki Caro e lançado no Brasil em fevereiro de 2004, conta a seguinte história: “A tribo Maori, que vive no leste da Nova Zelândia, acredita ser descendente de Paikea, o domador de baleias. Segundo a lenda, há milhares de anos a canoa de Paikea virou em cima de uma baleia e ele, cavalgando-a, liderou seu povo até um local para viver. A tradição da tribo Maori diz que o primeiro filho do chefe da tribo seria considerado descendente de Paikea e líder espiritual do povo. Porém, após a morte do atual líder, quem

culturalmente ao mundo “feminino” — por exemplo, *Billy Elliot*<sup>61</sup>. Várias são as mudanças em diferentes espaços sociais que misturam o feminino e o masculino. Apesar dessas mudanças, por que persiste de forma tão marcante, no imaginário de nossas colaboradoras, e talvez no nosso também, o masculino e o feminino como dois mundos separados?

Para estabelecer relações sociais menos desiguais entre homens e mulheres, há caminhos a percorrer na resignificação de gênero, o que implicará entender que o masculino e o feminino se misturam, se atravessam e se cruzam o tempo todo em nossas vidas. Dito de outra forma, a compreensão do feminino só é possível em relação ao masculino, e vice-versa (cf. TORRÃO FILHO, 2005, p. 145).

Ressignificamos cotidianamente, o ser mulher e o ser homem. Ao observar as características tradicionais direcionadas ao homem e à mulher, perceberemos que não há mais possibilidade de sustentar uma dicotomia rígida e imutável entre esses gêneros. Não existe modelo de mulher nem de homem: existem vários homens, várias mulheres... Nossas colaboradoras pintam uma tela com diferentes contornos e diversas cores do feminino em nossa sociedade.

Convivemos, no decorrer de nossas vidas, com pessoas de diferentes idades e trajetórias diversificadas. Experimentamos relações heterogêneas, contraditórias e, muitas vezes, padronizadas pelos papéis sociais atribuídos ao ser homem e mulher. Papéis sociais esses “produzidos numa determinada cultura, atravessado pela história, pela mentalidade de um tempo e de um lugar, e tantos quantos forem os elementos disponíveis nessa construção” (MERENGUÉ, 2009, p. 12).

Num contexto generalizado, convivemos em diferentes espaços sociais com algumas mulheres que associam a intimidade ao planejamento do casamento. Eduarda não guarda lembranças agradáveis de sua primeira relação sexual, pois esta não aconteceu como ela idealizara: no interior de um casamento abençoado pelos princípios religiosos. Veroni casou-se

---

assume o posto é sua irmã, Pai (Keisha Castle-Hughes), uma garota de apenas 11 anos. Apesar de ser corajosa e amada por todos, Pai precisa ainda enfrentar a resistência de seu avô, Koro (Rawiri Paratene), que insiste na manutenção da antiga tradição de que o chefe da tribo deve ser um homem” ([http://www.interfilmes.com/filme\\_13227\\_Encantadora.de.Baleias-\(Whale.Rider\).html](http://www.interfilmes.com/filme_13227_Encantadora.de.Baleias-(Whale.Rider).html)).

<sup>61</sup> Filme dirigido por Stephen Daldry, lançado no Brasil em 2001, que conta a história de “Billy Elliot (Jamie Bell) um garoto de 11 anos que vive numa pequena cidade da Inglaterra, onde o principal meio de sustento são as minas da cidade. Obrigado pelo pai a treinar boxe, Billy fica fascinado com a magia do balé, ao qual tem contato através de aulas de dança clássica que são realizadas na mesma academia onde pratica boxe. Incentivado pela professora de balé (Julie Walters), que vê em Billy um talento nato para a dança, ele resolve então pendurar as luvas de boxe e se dedicar de corpo e alma à dança, mesmo tendo que enfrentar a contrariedade de seu irmão e seu pai à sua nova atividade” (<http://www.adorocinema.com/filmes/billy-elliott/>).

virgem, pelo medo da gravidez e pelos ensinamentos da mãe<sup>62</sup>. Sandra assumiu a perda de sua virgindade como um desejo e pelas infâmias que sua mãe lhe proferia em algumas situações. Para as mulheres, a virgindade é ainda considerada como uma entrega; já para os homens, a primeira relação sexual é um ganho (cf. GIDDENS, 1993, p. 61). Elas associam a primeira relação sexual a um relacionamento; eles, a mais uma experiência social (cf. MARQUES, 2007, p. 7). As maneiras como nossas colaboradoras vivenciaram sua primeira relação sexual mostram o quanto as vivências sexuais diferem entre as pessoas. Portanto, a normatização e homogeneização através de dispositivos para o uso do corpo e seus prazeres não se dá sem resistências.

Convivemos com homens e com algumas mulheres que separam suas experiências sexuais dos outros aspectos de suas vidas. A separação entre sexo e amor, sexo e casamento torna-os capazes de viver com tranquilidade os namoros sérios ou casamento, assim como os casos extraconjugais (cf. GIDDENS, 1993, p. 132). Tanto os namorados de Eduarda, como o marido de Marlise viviam essa situação como se fosse biologicamente “natural”. Para eles, casamento e sexo eram coisas distintas.

As vivências modulam paisagens ambíguas do comportamento do homem e da mulher; havia, e ainda há, uma naturalização da sociedade quanto à infidelidade masculina, ao mesmo tempo em que a sexualidade feminina é reprimida, conservando-se o tabu da virgindade e a rejeição à traição da mulher, o que demonstra o predomínio de uma dupla moral sexual (cf. BRUSCHINI, 1990, p. 64). Se o homem trai mais que a mulher, não é por falta de desejo desta. A mulher aprendeu, desde tenra idade, a dissimular ou denegar seus desejos. A fidelidade ou a traição não são atributos naturais à mulher e ao homem e, sim, formas de viver instauradas pela sociedade na qual estamos inseridos e que balizam a forma como vivemos. As diferenças entre o homem e a mulher não são naturais, apesar de toda tentativa de naturalizá-las.

Ivete acredita que a mulher seja sexualmente mais “sossegada” que o homem, em virtude de perceber em seu marido uma disposição constante para o sexo. Não sabe explicar se essa diferença é natural, biológica ou social. Passou tantos anos ouvindo que o homem tem mais desejo sexual do que a mulher que acabou acreditando nessa opinião. Sandra reconhece que o homem e a mulher desempenham papéis sociais distintos, inclusive na cama. Para seu marido, a virilidade é essencial; ele tem necessidade de se sentir no comando e ela, astuciosamente, termina por deixá-lo acreditar nisso. Para Valéria, as diferenças extrapolam

---

<sup>62</sup> A apologia da virgindade como virtude “ visa reprimir toda e qualquer forma de vivência sexual que não conduza à procriação” ( FURLANI, 2003, p. 144).

a questão sexual, pois a mulher assumiu as responsabilidades historicamente delegadas ao homem na relação. A fidelidade sexual existe enquanto o homem e a mulher a considerem desejável ou essencial (cf. GIDDENS, 1993, p. 74).

Muitas mulheres aprenderam cedo que o homem “naturalmente” sente mais desejo sexual que a mulher. Passamos anos escutando o mesmo discurso e nos esquecemos de que as coisas culturais são invenções, convenções (cf. ALVES, 2007, p. 39). Assim, a crença de que o desejo sexual masculino é mais intenso que o da mulher é uma máxima que ficou inquestionável por muito tempo, escorada numa estrutura antropológica<sup>63</sup>, bem como por mitos e tabus que circulam na sexualidade masculina e feminina.

Considerando-se que a “diversidade sexual quantitativa e a necessidade incontrolável de sexo antes das relações conjugais podem ser consideradas ‘normais’” (FURLANI, 2003, p. 32), o adultério masculino, em muitas ocasiões, foi (e é) justificado pela “natureza do homem”, pelos mitos criados e aceitos pela sociedade. Esses argumentos, presentes no imaginário de homens e mulheres, revelam “a assimetria sexual construída nos diferentes significados da cultura” (FURLANI, 2003, p. 32).

A reação diante da traição masculina não se baseia mais somente na aceitação. Eduarda contou que, ao descobrir a traição dos namorados, terminava imediatamente as relações. Marlise, transgredindo ao instituído, ao descobrir as traições do marido, decidiu fazê-lo provar do mesmo remédio e o traiu seguidas vezes. Veroni defendeu que o alicerce do casamento seria a sinceridade entre o casal, caso contrário haveria risco de rompimento. A traição masculina não compõe mais o quadro “natural” de ser homem e ser mulher.

O homem e a mulher são considerados socialmente diferentes, e suas diferenças acarretaram profundas separações em termos da experiência, da criação e da educação (cf. GIDDENS, 1993, p. 71). Ser homem ou ser mulher é decisivo na instituição das representações e das práticas sexuais. A iniciativa no terreno sexual, bem como as traições conjugais tornaram-se aspectos peculiares da masculinidade (cf. LEAL, 2005, p. 80). “A sexualidade das mulheres era considerada essencialmente passiva, opinião que reforçou os atuais estereótipos” (GIDDENS, 1993, p. 145). No entanto, a infidelidade não é um atributo restrito ou “natural” ao homem. Nossa vida social embaralha-se entre o “dever-ser” — “o lado iluminado que explica a existência dos homens a partir de um conjunto de leis econômicas, políticas, educacionais”

---

<sup>63</sup> “Quer dizer, alguma coisa perdurando através dos séculos, achando sempre, bem ou mal, o modo de se exprimir” (MAFFESOLI, 2001a, p. 127-128).



(GUIMARÃES, 1996, p. 74; grifo da autora) — e o “querer-viver” — “*lado sombra*, [que] acentua a importância das múltiplas e minúsculas situações do cotidiano onde predomina a fragmentação e pluralidade do corpo social” (GUIMARÃES, 1996, p. 74; grifo da autora). A infidelidade pode ser aqui expressa como o “querer-viver” irrefreável da pessoa (cf. MAFFESOLI, 2005a, p. 39). Apesar das amarras sociais impostas cotidianamente as nossas vidas, em algum momento expressamos por meio de liberdades intersticiais o nosso “querer-viver”, o qual não se permite ser censurado por toda vida (cf. MAFFESOLI, 2005a, p. 41).

Independentemente de se tratar de homem ou de ser mulher, o movimento entre o “querer-viver” e o “dever-ser” possibilita manifestar nossas diferentes *personas* sem sentimentos de culpa. No entanto, é necessário sublinhar que o “querer-viver” revela-se em ações que buscam a afirmação de nossas identidades e não prejudicam a convivência com o outro, nem a sociedade. O “dever-ser” está atrelado à vivência dos papéis impostos socialmente, na igreja, na família, no casamento, na maternidade, no magistério e nos demais espaços sociais<sup>64</sup>. Pode ser que o homem expresse mais seu “querer-viver”, tendo em vista todo o discurso simbólico de cerceamento envolto na sexualidade feminina.

A respeito da educação das crianças, um dos aspectos sobre o qual podemos refletir é o tratamento diferenciado dispensado ao desenvolvimento do corpo dos filhos e das filhas. Quanto aos meninos, os pais comumente comentam orgulhosos com os amigos do tamanho do pênis do filho, ou lhe ensinam palavras eróticas nos primeiros anos de vida da criança, ou ainda profetizam o sucesso da vida sexual deles, associando-a a masculinidade e a virilidade. Já em relação ao corpo da menina, é recomendada discrição, sob o olhar vigilante da mãe e do pai.

Na discussão de gênero, precisamos nos vigiar para não incorrer numa visão estereotipada e dicotômica: a mulher-submissa e o homem-repressor. As relações incidem sobre o movimento da transitoriedade e da historicidade.

Revisitando o modelo de família patriarcal, temos uma nova leitura da família e do papel da mulher: vários sobressaltos ocorriam nas relações entre marido e esposa. Algumas mulheres, contrapondo-se ao que predominava nas relações matrimoniais, não aceitavam o adultério nem tampouco os maus-tratos. Logo, o comportamento feminino, por vezes, diferenciava-se do estereótipo de mulher dócil e submissa que vivia protegida no lar (cf. SAMARA, 2004, p. 85). De outra maneira, o papel da mulher, no processo histórico, não se resumiu às posições de passividade, como a história nos faz acreditar. “As formas de resistência são inúmeras e às vezes

---

<sup>64</sup> Essa discussão é inspirada nas obras de Maffesoli (2005a e 2005c).

ocultam-se sob uma aparente passividade” (VASCONCELOS; ANDRADE, 2004, p. 12).

“O que chamamos de homem e mulher não é produto da sexualidade biológica, mas sim de relações sociais baseadas em distintas estruturas de poder” (MORAES, 1998, p. 100). Assim, não são as diferenças biológicas entre homens e mulheres que determinam a relação assimétrica entre os gêneros (cf. TORRÃO FILHO, 2005, p. 138-139).

As relações entre homens e mulheres são, também, relações de poder, estabelecidas as diferentes práticas sociais, moduladas por constantes “negociações, avanços, recuos, consentimentos, revoltas, alianças [...] Os gêneros se produzem, portanto, nas relações de poder” (LOURO, 2003a, p. 39-41).

O poder “é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado” (FOUCAULT, 1995, p. 248). “O poder está em toda parte [...] não é uma instituição e nem uma estrutura, não é certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa de uma sociedade determinada” (FOUCAULT, 2005a, p. 89). “Não apenas nega, impede, coíbe, mas também, ‘faz’, produz, incita” (LOURO, 2003a, p. 40).

As posições de dominação e submissão ocorrem na circularidade e na flexibilidade; em outras palavras, o movimento entre submissão-domação e resistências desenha as relações sociais. Sandra vive uma situação de conflito: em sua infância e adolescência conviveu com a aceitação da mulher em ser menosprezada e submissa; na vida adulta, luta constantemente para viver de um modo diferente, suavizando esses traços de sua formação.

A multiplicidade de resistências cotidianas é inerente ao exercício do poder. Nossas colaboradoras revelaram que “submissões aparentes são de fato resistências reais” (MAFFESOLI, 1987, p. 27); não ocorrem somente com grandes rupturas ou revoluções, mas no cotidiano, nas pequenas brechas, nas pequenas ações, no movimento incessante entre submissão e criação, nos “minúsculos ‘desvios’ da vida cotidiana como prova de[suas] vitalidades” (MAFFESOLI, 1987, p. 125). Para Sandra, o fato de sustentar sua casa é uma forma de exercício de poder na relação com o marido. Marlise nega-se a certas práticas sexuais, por não querer “violentar-se” em prol do prazer de seu marido. Veroni desejava cursar a universidade, mas, no intento de não causar desavenças com seu marido, optou por um curso frequentado predominantemente por mulheres; seria uma situação de submissão ou uma estratégia para realizar seu desejo e, ao mesmo tempo, viver bem com seu marido?

Por meio de pequenas e discretas atitudes no cotidiano, elas conseguem tecer uma trama

resistente e colorida, entrecruzando os diversos fios da família e da religião na vivência de suas sexualidades e afirmando suas diferentes *personas*.

Assim, o poder exercido pelo pai, pela mãe e pela igreja, na vida dessas mulheres, é relativizado; em outras palavras, colocado em relação com as resistências. Nossas colaboradoras construíram em suas vidas formas astutas de fugir das imposições sob a máscara da submissão, sob a aparência da aceitação tendo seu fulcro em uma forma de autoconservação. Essas mulheres, ao não afirmarem em certos momentos sua singularidade, fazem como Ulisses, que, para escapar da caverna do ciclope, respondeu com o nome de “Ninguém”, a fim de desviar ou, ainda, quebrar “[os] constrangimentos do poder e as diversas imposições sociais” (MAFFESOLI, 2005c, p. 312).

A oposição binária entre homens e mulheres carrega em si as possibilidades de mudanças, uma vez que articula as práticas sociais e culturais, o conhecimento e o poder e contribui para produzir pessoas (cf. LOURO, 2008b, p. 59). As relações sociais assentam-se no movimento de mudanças e permanências, no cruzamento entre o novo e o velho, na imbricação de papéis sociais que se constroem e se reconstroem constantemente.

Algumas teorias advogam que o masculino e o feminino misturam-se, mesclam-se, entrecruzam-se num movimento sem fim<sup>65</sup>. No entanto, presos e presas a identidades fixas, únicas, singulares, não admitimos que as fronteiras<sup>66</sup> impostas possam ser transgredidas por pessoas que não se identificam exclusivamente com esse ou com aquele gênero.

O gênero e a sexualidade, resultados das instituições sociais, dos discursos e das práticas, conservam a instabilidade e a condição provisória de tudo que é histórico, cultural (cf. LOURO, 2008b, p. 17), isto é, “não são definições seguras e estáveis, mas históricas e cambiantes” (LOURO, 2003b, p. 5).

O movimento da vida obriga homens e mulheres de uma mesma geração a aceitar novas configurações na maneira de as pessoas viverem. Se, no passado, era incomum conhecer mulheres sozinhas, recentemente esse fato tornou-se habitual (cf. KOLONITAI, 2007, p. 78).

Eduarda indaga-se por que as pessoas precisam casar ou ter filhos e considera a liberdade como uma sensação prazerosa. Margareth, tempos atrás, queria muito se casar e pensava no

---

<sup>65</sup> Dentre essas teorias, destaco a teoria *queer*, que “representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora [...] pode ser vinculada às vertentes do pensamento ocidental contemporâneo que, ao longo do século XX, problematizaram noções clássicas de sujeito, de identidade, de agência, de identificação” (LOURO, 2008b, p. 39-40). “Permite pensar a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais de gênero, mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação” (LOURO, 2008b, p. 47).

<sup>66</sup> “Fronteiras”, aqui, são entendidas como o “lugar de relação, de encontro, de cruzamento e de confronto. Separam e, ao mesmo tempo, põem em contato culturas e grupos” (LOURO, 2008b, p. 19).

casamento como a fuga da solidão; não pensa mais assim: para ela, o casamento pode ser uma forma de viver a solidão acompanhada. Sandra, depois de uma separação recente, quer viver um pouco sozinha e realizar antigos projetos pessoais. Valéria aproveita a vida com os amigos e as amigas, sem esperar que surja um grande amor, e ressalta que, se encontrar alguém, essa pessoa terá que combinar com seu estilo de viver.

Outra mudança significativa na vida das pessoas — em especial na das mulheres — consiste na maternidade como uma escolha para viver, em meio a outras, diferentes identificações na sociedade. A contracepção moderna, em particular a pílula contraceptiva, proporcionou à mulher a escolha da maternidade por meio de um controle socialmente aceito (cf. SCAVONE, 2001, p. 51). A vontade de ser mãe se entrelaça com a preocupação de seguir uma carreira profissional, pois as responsabilidades com o filho recaem em geral nos ombros da mulher (cf. SCAVONE, 2001, p. 56). A maternidade pertence aos desejos de muitas mulheres; no entanto, o compartilhar das obrigações de forma igualitária com o pai da criança torna-se fator decisivo na sua escolha de ser ou não mãe. Não obstante as mudanças ocorridas, muitas relações entre os homens e as mulheres permanecem assentadas na desigualdade (cf. SCAVONE, 2001, p. 57).

Nossas colaboradoras nos mostram que a maternidade é vivida num emaranhado de fios tecidos em meio às suas demais *personas*. Sandra optou por realizar antigos projetos depois que seus filhos crescerem. Marlise, ao constatar a traição do marido, não o abandonou, porque descobriu a sua segunda gravidez; titubeou inúmeras vezes ao lhe ocorrer a ideia de separar-se, por conta da relação de seu marido com seu filho e sua filha, e permanece casada.

No imaginário social, a imagem da Virgem Maria é frequentemente relacionada à maternidade. Em decorrência disso, a mãe é considerada assexuada e purificada. Seu oposto seria a imagem de Eva, mulher sensual, pecadora e livre, que teria induzido o homem ao pecado (cf. RAGO, 1997, p. 82).

Há uma forte carga simbólica na figura da mulher. Ora é considerada como mãe resignada que renuncia a seus planos profissionais, sonhos e desejos pessoais em prol do bem-estar do marido e dos filhos; ora como professora competente e dedicada, tida como exemplo de boa conduta moral aos alunos; ora ainda como uma doce mulher que se curva diante do marido e satisfaz as obrigações matrimoniais. Mas também há as mulheres que já desviaram desse “dever-ser” e afirmam cada vez mais seu “querer-viver”. Nossas colaboradoras — deslizando em suas sinceridades sucessivas: mulheres, amantes, professoras, mãe, irmãs, filhas... —, protagonistas de histórias fortes, alimentam diariamente seus sonhos e seus desejos, orgulham-se de suas

realizações pessoais e profissionais, reaprendem com as dores sofridas e alegrias vividas e evidenciam que vivemos uma transição no mundo feminino.

Se, de um lado, desejamos agradar o outro<sup>67</sup>, somos tratadas como posse em algumas ocasiões, receamos em certos momentos romper relações e, em alguns casos, consideramos o casamento como segurança e proteção, por outro, nas resistências diárias, sutis, veladas, construímos resistências, não aceitamos tranquilamente a traição e aprendemos, aos poucos, a viver o ato sexual como libertação e a sexualidade como a busca do prazer. Vivemos nossos dias em meio ao movimento de mudanças e permanências, com resistências anódinas e polimorfos, e, mediante atitudes corrosivas, causamos um curto-circuito nos modelos cristalizados de ser mulher.

---

<sup>67</sup> Concorde com Furlani (2003, p. 28), quando afirma que, “na grande maioria das sociedades, mesmo que tenha havido grandes mudanças ao longo dos anos (especialmente nas sociedades ocidentais pós-revolução sexual da década de 60 do século XX), é a mulher que, mais constantemente, no modelo heterossexual hegemônico de relacionamento, busca agradar o homem”.

## O obedecer e o transgredir na vivência das sexualidades

Conversando com outros profissionais de educação (professores e professoras de uma universidade e de escolas da minha cidade de origem) a respeito de minha pesquisa, ouvi diferentes questionamentos, que elucidam os imaginários de sexualidade presentes em nossa sociedade. Narro-os de forma sucinta: por que discutir um conteúdo que não pertence à maioria dos currículos dos cursos de formação de professor? Como trabalhará a questão biológica necessária a esta pesquisa? Você aprenderá a fazer sexo para depois ensinar aos alunos? Como será a parte prática da tese ou apenas ficará na teoria? Vivenciará muitas dificuldades teóricas em sua pesquisa, visto que não tem formação na área de psicologia.

A polissemia de significados e sentidos nos comentários revela a persistência de uma visão reducionista, “biologizante” e naturalizada da sexualidade, e limitada ao sexo.

A compreensão que possuímos acerca de corpo constrói-se a partir das relações estabelecidas na sociedade, nas famílias, nas instâncias culturais, nas imagens televisivas, nos apelos do consumo, misturando-se aos sonhos, aos desejos, aos medos, aos mitos, aos valores. O corpo, como criação cultural (cf. ALVES, 2007, p. 20), é “um texto a ser lido” (SOARES, 2004, p. 109), com uma linguagem própria para se comunicar com o mundo e com o outro (cf. CARMO, 2000, p. 82).

Nossos corpos são nomeados conforme se ajustem ou não às normas culturais. Em outras palavras: “A forma como cada cultura considera adequado o uso dos corpos diz respeito às ideias dominantes na sociedade, em cada momento histórico” (HEILBORN, 2006, p. 5). Cada cultura constrói padrões de beleza diferenciados<sup>68</sup>. Construimos outros corpos nas intervenções cirúrgicas e nas salas das academias; compramos revistas que trazem nas capas as dietas milagrosas das estrelas e cremes que não cabem em nosso orçamento mensal. Tudo na busca do corpo ideal propagandeado pelos meios de comunicação. As modelos esguias são exemplos para as adolescentes e os atores musculosos uma inspiração para os adolescentes que depositam toda sua confiança em centímetros de músculos. Para Veroni, seus pensamentos relacionados à sexualidade a levam à imagem de mulher, mas não a de qualquer mulher e, sim, a daquela que suscita olhares pela beleza do corpo, pelo desenho do rosto e pelo balanço viçoso dos cabelos, um símbolo sexual.

---

<sup>68</sup> Como exemplo da diversidade cultural a respeito dos padrões de beleza, os dentes, na sociedade brasileira, são considerados como o cartão de visita de uma pessoa; já em algumas sociedades africanas, há o costume de modificá-los, como parte de cerimônias de iniciação sexual. Entre os costumes e as crenças dos Yapese, habitantes de uma das ilhas Carolinas, o escurecimento dos dentes tem função de atrativo sexual (cf. FURLANI, 2003, p. 22).

Vivemos numa sociedade do culto ao corpo — não de qualquer corpo: há um padrão de corpo sonhado e desejado, o das “estrelas” que cruzam o “tapete vermelho”. As propagandas veiculadas pela televisão fascina os olhos dos telespectadores com a presença maciça de corpos bonitos, bronzeados, saudáveis e atléticos.

Na cultura, os corpos são o que são. Se a pele é branca ou não, se os cabelos são louros ou pretos, lisos ou encaracolados, o tamanho dos seios ou da cintura, a vagina ou o pênis são, “sempre, significados culturalmente e é assim que se tornam (ou não) marcas de raça, de gênero, de etnia, até mesmo de classe e de nacionalidade” (LOURO, 2008b, p. 75; grifo do autor).

O corpo e o cuidado com este, assim como as máscaras e os adornos, constituem-se meios, entre outros, de situar as pessoas umas em relação às outras: é o corpo como “causa e efeito de comunicação” (MAFFESOLI, 2005c, p. 165).

O corpo é a materialidade da cultura, do social, do histórico. Nosso corpo físico é o local de nossa sexualidade, mas esta não se limita a ele. Nossa sexualidade envolve crenças, ideologias, rituais, imaginações, símbolos, convenções (cf. LOURO, 2007, p. 11) e representações no uso do corpo e de seus prazeres (cf. WEEKS, 2007, 43).

Ainda que entre a maioria das pessoas prevaleça seu significado de algo íntimo e natural, ligado aos órgãos sexuais ou aos hormônios (cf. ALTMANN; MARTINS, 2007, p. 134), a sexualidade extrapola a biologia. Construimos nossa sexualidade nas trocas com o mundo e com os outros; criamos sentidos e significados de sexualidade (cf. GUIMARÃES, 1995, p. 31). Em outras palavras, seus significados e conteúdos alteram-se ao longo da história, nas diferentes sociedades e nos diferentes grupos sociais numa mesma sociedade, bem como no decorrer da vida da mesma pessoa (cf. LOYOLA, 1999, p. 36).

O termo “sexualidade” surgiu no início do Século XIX. O uso da palavra ocorreu relacionado a outros acontecimentos: “o desenvolvimento de campos de conhecimentos diversos [...]; a instauração de um conjunto de regras e de normas [...]”, algumas novas, outras tradicionais, apoiadas em “em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; como também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos” (FOUCAULT, 2003, p. 9).

Assistimos, na sociedade ocidental, à produção de dispositivos — “discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 1995, p. 244) — da sexualidade. O dispositivo da sexualidade prolifera, inova, inventa, penetra nos corpos de

maneira mais detalhada e controla as pessoas de maneira cada vez mais global (cf. FOUCAULT, 2005a, p. 101).

Se a sexualidade é um conjunto dos efeitos produzidos nos corpos e nas relações sociais por um dispositivo, precisamos reconhecer que este não conduz aos mesmos efeitos e não padroniza comportamentos (cf. FOUCAULT, 2005a, p. 120). Apesar das tentativas sociais de homogeneizar a sexualidade por meio de discursos normatizadores e da construção de “verdades”, as pessoas descobrem maneiras particulares de viverem suas sexualidades.

Na história da humanidade, existem dois grandes procedimentos para produzir a verdade sobre o sexo. Na arte erótica — *ars erotica* —, a verdade é extraída do próprio prazer, compreendido como prática e experiência. O prazer não era considerado por meio de uma lei absoluta do permitido e do proibido e, sim, por “sua intensidade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma” (FOUCAULT, 2005a, p. 57). Na sociedade ocidental, pratica-se a *scientia sexualis*, desenvolvida a partir do século XIX: a verdade do sexo é alcançada por intermédio de “procedimentos que se ordenam, quanto ao essencial, em função de uma forma de poder-saber rigorosamente oposta à arte das iniciações e ao segredo magistral, que é a confissão”; nessa sociedade, “não se ensina a fazer amor, a obter o prazer, a dar prazer aos outros, a maximizar, a intensificar seu próprio prazer pelo prazer dos outros” (FOUCAULT, 2005a, p. 57-58).

A confissão<sup>69</sup>, como matriz que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo, perdeu sua situação ritual e exclusiva, propagando-se e sendo empregada nas mais diversas relações (cf. FOUCAULT, 2005a, p. 62). Confessamos constantemente nossa sexualidade: nossos pensamentos, nossas obsessões, nossos desejos, nossas imagens, nossos sonhos, nossos prazeres — ao médico, ao padre, aos professores, às professoras, aos pais, às mães, aos amigos, às amigas, aos companheiros e às companheiras... Os dispositivos que controlam as sexualidades, ao mesmo tempo, possibilitam a criação de brechas, de desvios, de fugas e de errâncias desses controles...

As narrativas de nossas colaboradoras são repletas de diferentes olhares e significados sobre a sexualidade. Para Eduarda, sexualidade é a beleza da pessoa. É o charme, o contorno suave do rosto, o cabelo de brilho intenso e os quadris bonitos e definidos. Ivete considera que a sexualidade é com ela mesma e com o outro, como também o conhecimento de seu corpo; é o olhar-se no espelho, aceitando a forma de seu corpo e os sinais do tempo; é

---

<sup>69</sup> “Por confissão, entendo ‘procedimentos pelos quais se incita o sujeito a produzir sobre sua sexualidade um discurso de verdade que é capaz de ter efeitos sobre o próprio sujeito’ (FOUCAULT, 1995, p. 264).



tocar a pele do outro sentindo a maciez e a temperatura.

A sexualidade, para Mare, é o caminhar, o falar, o toque no cabelo e o sorriso. Consiste na forma como transformamos as coisas comuns em prazer. Em suas palavras, prazer é a sensação de bem-estar. Margareth compreende a sexualidade como o jeito de ser de cada pessoa, nossas ações perante o outro, como nos percebemos e nos expressamos com o nosso corpo. Nossas expressões nas diversas relações sociais: no trabalho, nas amizades e nas relações amorosas. Sandra trata a sexualidade como a convivência com outras pessoas, a fala, o toque, o beijo e a intimidade. Para ela, a expressão mais profunda de sexualidade é o ato sexual em si.

Fernanda compreende a sexualidade como o desenvolvimento do corpo. As atitudes e os pensamentos sobre a vida sexual, os prazeres, os sentimentos, os desejos e os anseios. Para Valéria, a sexualidade é o conhecimento e o respeito ao nosso corpo. Marlise reaprendeu com o tempo a tornar a sexualidade um prazer<sup>70</sup>, o qual é expresso de várias formas. É o movimento do corpo livre no espaço. Olhando-o, sentindo-o e, se desejar, tocá-lo.

Nas narrativas das nossas colaboradoras, encontramos um imaginário *aesthetico* — “do prazer dos sentidos experimentado em comum” (MAFFESOLI, 2005c, p. 71) — sobre suas sexualidades. Sentir a pele das pessoas por meio toque, vê-las com suas cores, seus contornos e suas singularidades, perceber os movimentos do seu próprio corpo e do corpo do outro fundam “o prazer dos sentidos [o qual] é constitutivo do impulso vital, ele ‘faz’ sociedade, funda a socialidade primordial” (MAFFESOLI, 2005c, p. 84).

O corpo como o local dos sentidos e dos prazeres. Deleitar-nos com os prazeres da vida não nos transforma em pessoas vulneráveis, “mas [é] exatamente o que engendra um tipo de homem [e de mulher] capaz de elaborar a cultura que conhecemos” (MAFFESOLI, 2005c, p. 78). O prazer dos sentidos como uma religação: “o que me liga aos outros, o que faz com que, junto a outros, eu tenha confiança no mundo que partilhamos” (MAFFESOLI, 2005c, p. 76).

Nossas colaboradoras saboreiam a ética da estética — “essa compreensão do laço social e partir desses parâmetros não racionais, que são o sonho, o lúdico, o imaginário e o prazer dos

---

<sup>70</sup> Compartilho a opinião de Maffesoli (2001a, p. 126), para quem “o prazer não deve ser forçosamente compreendido como expressão de um egoísmo consumado. Já o disse, há em numerosas civilizações uma ligação estreita entre a ‘preocupação consigo’, ‘o uso dos prazeres’ (para retomar expressões de Foucault) e o bem comum. [...]. Está na lógica do prazer de sair de si. É talvez o gozo místico que leva a comungar com a divindade, é talvez, mais trivialmente, o fato de ‘explodir-se’ na relação com o outro”.

sentidos” (MAFFESOLI, 2005c, p. 74) — nas vivências de suas sexualidades. O prazer dos sentidos é uma das linhas no traçado da sexualidade. No imaginário de nossas colaboradoras, outras imagens reverberam.

Os movimentos, o contorno e o ritmo dos corpos se entrelaçando ao som harmonioso e expressivo do tango ou do mambo são a imagem de sexualidade, para Eduarda. Na mesma direção, Marlise considera a música uma possibilidade de expressão da sexualidade. Margareth sente-se livre através da dança. A sexualidade é a liberdade do corpo e da alma da pessoa, é expressão de vida. As imagens de música e dança cruzadas com as de corpo em movimento evidenciam que “a música e a exacerbação das paixões estão em constante relação” (MAFFESOLI, 2005a, p. 68). O corpo dança e, ao descobrir seus limites, descobre sua liberdade. O corpo pavoneia-se em festas coletivas ou em momentos pessoais; seduzido pelas músicas, esquiva-se do “dever-ser” e entrega-se ao “querer-viver”, aos prazeres de instantes presentes e de estar junto com o outro.

As narrativas das professoras mostram que cada pessoa vive e experimenta formas inusitadas de sexualidade, oscilando entre o permitido e o proibido. Nessa perspectiva, precisamos nos libertar de modelos, de estereótipos, “de conhecimentos sociais previamente concebidos, os quais conduzem o pensar e o agir sobre o mundo, a um único sentido, a uma única direção” (JESUS, 2007, p. 191), os quais nos conduzem a pensar e a viver a sexualidade dentro de uma possibilidade única, fixa e rígida.

A vivência de nossa sexualidade abarca racionalidades, mas não se reduz a estas. Esta envolve formas e maneiras de evidenciar a procura dos prazeres — as quais são cruzadas por nossos pensamentos, nossas crenças, nossos mitos, nossos preconceitos, nossos tabus, nossas imagens —, bem como o desejo de estar com o outro (ou não) e o afetivo que molduram o uso do nosso corpo e de seus prazeres. “A sexualidade se manifesta, então, a todo o momento, em todo e qualquer espaço em que o sujeito, meninos e meninas, homens e mulheres, está inserido” (JESUS, 2007, p. 190).

A relação entre as intimidades objetivas, os limites que as sociedades nos impõem e as subjetividades (cf. MAFFESOLI, 2001b, p. 80) desenham o mosaico da vivência da nossa sexualidade. Por mais que sejamos tolhidos, somos sexuados. A sexualidade está ali, latente, latejando, pulsando. Creio que nossa luta cotidiana seria viver a sexualidade de uma forma mais tranquila, numa aventura sem começo nem fim e, fundamentalmente, “escapando” da culpa cristã. Cada pessoa reage de uma forma; umas conseguem se libertar das injunções familiares e

religiosas, mas outras sucumbem a estas... Outras se livram bem, alguns mais ou menos e, outras, ainda, abafam tanto que adoecem...

Por muitas vezes, truncamos nossos desejos no jaleco e nossas fantasias na caixa de giz, esquecendo que não somos mulher “ou” professora; somos professora “e” mulher “e” mãe “e” amiga “e” amante “e”... Vivemos nossas identificações sucessivas (cf. MAFFESOLI, 2005c, p. 309)<sup>71</sup>. Somos muitas pessoas ao mesmo tempo. Sandra é mãe, profissional, dona de casa e mulher. Suas sinceridades sucessivas jamais lhe serviram de argumento para não manter relações sexuais com o marido. Em algumas vezes, nem queria; em outras, usou-as como vingança pelos deslizes do marido. Marlise, no início de seu casamento, sujeitava-se aos caprichos e desejos do marido; com o passar do tempo, conquistou seu espaço; hoje é mãe, mulher, professora e, acima de tudo, sabe o que quer.

Durante seus dias e noites, são professoras, são mães, são donas de casa, são amantes, são solitárias, são filhas, são irmãs. Pessoas que vivem várias vidas; em todas, elas mesmas, deslizando em meio às várias *personas*. O fato é que não nos resumimos a uma simples identidade: desempenhamos papéis diversos por meio de identificações múltiplas (cf. MAFFESOLI, 2001a, p. 78).

No percurso de nossa existência, mudamos diversas vezes, construímos diferentes eus, vivemos diversas vidas numa só. O contorno de nossa vida não é rígido, oscilamos entre a necessidade de segurança afetiva, de equilíbrio biológico, de planos vindouros e dos pequenos desvios cotidianos, das fugas, na exploração do estranho, nas errâncias (cf. MAFFESOLI, 2001a, p. 80).

Somos plurais. Às vezes, mostramos às pessoas algo bem diferente daquilo que realmente somos (cf. MAFFESOLI, 2005c, p. 313), vivemos nossas *personas* numa teatralidade social. Temos “identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias” (LOURO, 2003, p. 24). Vivemos a saudade do lar, pelo que tem de seguro, de coercitivo e de sufocante, e a sedução pela aventura, pelo desejo do outro lugar e do lugar nenhum, pela vida que se abre com suas angústias e incertezas (cf. MAFFESOLI, 2001a, p. 147).

Quantas vezes nos flagramos sendo obedientes às regras de comportamento impostas pela família e religião e, em outras vezes, transgredimos de modo astuto essas mesmas regras? Somos pessoas errantes, vivendo nossa pluralidade e a duplicidade de nossas existências (cf.

---

<sup>71</sup> A pessoa “não se resume a uma simples identidade, mas [...] desempenha papéis diversos através de identificações múltiplas” (MAFFESOLI, 2001a, p. 78).

MAFFESOLI, 2001a, p. 16). É pela duplicidade, mais ou menos consciente, que as pessoas aparentemente enquadradas aos padrões sociais conseguem sobreviver às diferentes imposições destes (cf. MAFFESOLI, 2001c, p. 97).

Nosso comportamento sexual não é definido *a priori*; no percurso de nossas vidas ressignificamos inúmeras vezes nossas experiências sexuais (cf. BOZON, 2004, p. 98). Nascemos e morremos lentamente no transcorrer dos dias. Talvez esse seja nosso maior temor: temos identificações múltiplas e, por vezes, contraditórias. Identificações plurais que podem conviver ao mesmo tempo ou sucessivamente. Nossa vida é errante (cf. MAFFESOLI, 2001a, p. 118), embora nem sempre admitamos ou percebamos isso...

O livro da vida das pessoas é escrito com diferentes tintas; com as cores do fechamento, do controle, do estável, das certezas, das seguranças mesclando-se com as da duplicidade.

Às vezes, pintamos nossos dias com as cores do enquadramento social. Vivemos nossas sexualidades numa aparência de que aceitamos os papéis impostos pela sociedade e resistimos em sair da mesmice cotidiana que sufoca nosso “querer-viver”. Agimos escondendo de nós mesmos nossos desejos, nossas vontades, nossas necessidades, nosso “lado de sombra”. Por vezes, os modelos estão tão arraigados em nossas entranhas que nos permitimos viver somente o oficializado, o aceito e o considerado normal. Passamos nossas vidas encenando os papéis do que se considera ser boa moça e bom rapaz; seguimos os rituais religiosos apreendidos na infância no seio familiar; sonhamos com o casamento perfeito e, se porventura, o mesmo não nos trazer satisfação, resistimos em realizar uma ruptura. Seguimos nossos dias “polianos”, pouco questionando nossas vidas e, se o fizemos, é no mais absoluto segredo, às vezes às escondidas de nós mesmas, e os outros jamais saberão.

Em outras vezes, pintamos várias páginas do livro de nossa vida, esquivando-nos das imposições geradas pela sociedade, abusando da liberdade, aniquilando nossas autocertezas (cf. MAFFESOLI, 2001a, p. 94), aprendendo a ética da estética<sup>72</sup>, partilhando emoções e prazeres comuns (cf. MAFFESOLI, 2001a, p. 125). Com a ética, aprendemos a conviver com as diferenças e o estranhamento<sup>73</sup>, realizando um trabalho de interrogação sobre nós mesmas, de nossos valores diante da vida e das pessoas.

---

<sup>72</sup> Compartilho do conceito maffesoliano de estética, ou seja, “vibrar em comum, sentir em uníssono, experimentar coletivamente, tudo o que permite a cada um, movido pelo ideal comunitário, de sentir-se daqui e em casa neste mundo” (MAFFESOLI, 2005d, p. 8).

<sup>73</sup> Cf. anotações da palestra do professor doutor Márcio Mariguela, proferida na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, no dia 6/5/07.

Descobrimos uma relação hedonista com a vida e com as pessoas. Tornamo-nos errantes<sup>74</sup> e nômades<sup>75</sup>, seduzimo-nos pela fugacidade dos momentos, pela impermanência das coisas, das pessoas e dos relacionamentos, pela sucessão de instantes, pelo perene encontro e desencontro consigo e com o outro, pela intensidade da comunhão com as pessoas, pela alegria em celebrar a vida, rompendo com o paradigma da estabilidade das relações e da constância das pessoas. Satisfazemo-nos com as aventuras do desconhecido, com os encontros clandestinos, com as brechas dos desvios cotidianos, com o desejo de transgredir as fronteiras da lógica racionalista dos relacionamentos entre as pessoas (cf. MAFFESOLI, 2001a, p. 29 e p. 65). A transgressão compreendida como criação positiva e potencializadora da ação humana. Transgredir por meio de fugas, desvios, corrosões, liberdades intersticiais e anódinas, as imposições do lado iluminado da sociedade. As astúcias cotidianas preservam nosso “querer-viver”, possibilitando-nos viver nossas diferentes identificações.<sup>76</sup>

Cada um de nós possui diferentes *personas*. Somos como Hermes e seus pés alados! Os pés assentados nas responsabilidades e as asas para fugir destas, quando o “querer-viver” irrompe, recusando-se à rotina diária (cf. MAFFESOLI, 2001a, p. 96). A vida oscila entre a clausura e a abertura (cf. MAFFESOLI, 2001a, p. 99); vivemos nossas identidades múltiplas e às vezes contraditórias (cf. MAFFESOLI, 2001a, p. 118).

O que nos incomoda e nos assusta é assumir ou compreender que somos e vivemos escapando do trilho linear da viagem que é viver. Por muitas vezes, não admitimos ser duplos, errantes, diferentes. Em decorrência disso, comportamo-nos conforme a expectativa da sociedade; se nos atrevemos, é longe dos olhares dela.

Fomos social e culturalmente educados para seguir um modelo de homem e de mulher e, se por acaso não nos encaixamos neste modelo, sentimo-nos excluídos pela sociedade. Somos excluídos por nós mesmos e pelas pessoas que sofrem do medo do novo e do estranho. Ser normal é ser igual.

As experiências da nossa sexualidade revestem-se ora do “querer-viver”, ora do “dever-ser” da sociedade, da família e da religião. Ainda que a religião e a família interfiram na forma

---

<sup>74</sup> “Com as do errante que reencontramos em diversos períodos históricos e em diversas civilizações, e que traduzem bem a necessidade de aventura, o prazer dos encontros efêmeros, o desejo do outro lugar, e em definitivo a busca de uma fusão comunitária” (MAFFESOLI, 2001a, p. 65).

<sup>75</sup> “O nomadismo é a expressão de um sonho imemorial que o embrutecimento do que está instituído, o cinismo econômico, a reificação social ou o conformismo intelectual jamais chega, a ocultar totalmente” (MAFFESOLI, 2001a, p. 41).

<sup>76</sup> Essa discussão foi inspirada na leitura de Maffesoli (2005a) e Sousa Filho (2009).

como vivemos nossa sexualidade, inculcando-nos a noção de “pecado”, essa interferência não ocorre sem resistências, pois ao longo de nossas vidas construímos continuamente errâncias, fugas, desvios... Com frequência, não conseguimos romper definitivamente com esses valores que estão fortemente arraigados em nosso imaginário; mas conseguimos desviar de diversas injunções sociais que não estão em sintonia com o nosso “querer-viver”.

A vida das pessoas se reduz, exclusivamente, ao instituído, ao “dever-ser”? Não creio. Mesmo sem perceber ou compreender, somos duplos, somos errantes. Também possuímos nosso “querer-viver”, essa pulsão que nos lança na realização de nossos desejos e impulsos, nos conduz a nossos cantos mais velados, na busca incessante do prazer de viver instantes presentes...

Compreender a sexualidade é perambular por caminhos ambivalentes. De um lado, as imposições sociais — a família, a igreja, a escola, o trabalho... —; de outro, a nossa subjetividade — como percebemos, como sentimos, como simbolizamos, como nos relacionamos com o mundo e com as pessoas. Ambas não se excluem; ao contrário, entrecruzam-se num balé sem fim. Perguntas com respostas provisórias, dúvidas latentes. A sexualidade, ao tentarmos defini-la, não se deixa engessar, escorrega entre os dedos das mãos, como os grãos de areia. Não se limita às explicações científicas, mas se mistura às águas das sensibilidades, dos sentimentos, do afetivo, das imagens, das relações dionisíacas... Dito de outro modo: ao imaginário.

## CAMINHO TRILHADO

Completo o caminho desse momento com a angústia dos caminhos que poderia ter percorrido e não percorri, por ansiedade de chegar, tal como Ulisses em sua viagem — que acabou por não perceber, como lhe lembrou Tirésias, que a vida é o caminho. Deambulei por um caminho que me era um tanto estranho, como, por exemplo, a história oral e o imaginário. No entanto, acreditei no caminho a ser trilhado e termino vislumbrando muitos outros que percorrerei fundamentada com o que aprendi nessa viagem.

Escolhi como um dos meus companheiros de viagem um sociólogo do cotidiano para discutir sexualidade. Identifiquei-me com Maffesoli, porque ele ressalta em suas obras a errância, o desvio, a duplicidade, o nomadismo, o movimento entre as lógicas do “dever-ser” e do “querer-viver” e a compreensão da sexualidade como uma forma de socialidade. Encontrei também, na sua leitura, uma discussão encarnada fundamentalmente no dia a dia, repleta de vida. Ele foi um dos grandes incentivadores da minha aventura de navegar em águas desconhecidas. Muitos são os caminhos para a problematização do imaginário da sexualidade; dentre as possibilidades, escolhi uma.

A sexualidade é inerente a nossa vida e é atravessada por diversas teias de significados e campos do conhecimento. Envolve-se com nosso corpo, em nossos desejos e prazeres; ao mesmo tempo, com a significação, o simbólico, as imagens, os mitos, os tabus, os preconceitos, as crenças e os comportamentos. Movimenta-se entre o social e o cultural, e, nesse movimento, cada pessoa cria e recria formas subjetivas de vivenciar a sexualidade.

Os primeiros passos desse caminho vêm de longa data. Nos contatos com professoras e professores, em cursos de extensão, percebia que suas falas eram repletas de mitos, preconceitos e tabus referentes à sexualidade. Em face disso, considerei que as pessoas só reproduziam os padrões sociais e obedeciam às imposições sociais. Ao iniciar o doutorado, sustentava a hipótese de que a vivência das sexualidades baseava-se na repressão e na reprodução. Ledo engano!

As narrativas das professoras — recheadas de vida, de história, de memórias, de experiências — descortinaram um mosaico de ambivalências. A religião e a família — a ameaça do pecado e do castigo, do proibido e do permitido, do certo e do errado, do homem e da mulher — são marcas expressivas no imaginário de sexualidade dessas mulheres. No entanto, elas construíram, no decorrer de suas vidas, minúsculas criações, pequenos desvios, fugas imperceptíveis e formas astutas de driblar os princípios institucionais apreendidos nos primeiros anos de suas existências. A circularidade entre o “dever-ser” e o “querer-viver” evidencia que,

apesar das imposições sociais da igreja e da família, as professoras criam formas de fugir do instituído: prova disso são as narrativas.

As narrativas assinalam que vivemos uma transição no mundo feminino. Entrecruzam-se permanências com fugas anódinas, polimorfas, sutis, veladas, singelas. Essas mulheres, talvez outras Mares, Sandras, Margareths, Veronis, Valerias, Marlises, Eduardas, Fernandas, Ivetes e Andréas, por meio de labirintos subterrâneos, revolvem o chão do instituído, abrem brechas nos imaginários endurecidos de sexualidade e vivem suas diferentes mulheres.

Na feitura da tese, por muitas vezes, fui traída por meu imaginário cristalizado. Não é fácil tarefa romper com valores sociais arraigados em nosso modo de viver a sexualidade. O imaginário de sexualidade das professoras enleia-se ao meu, ao seu, ao nosso imaginário, numa ciranda sem fim.

Findo esse momento, com a convicção de que não respondi a todos os meus anseios, o caminho também se fez com imperfeições, ondulações e ranhuras...

Um novo caminho se inicia hoje...



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. Revisão da tradução e tradução dos novos textos de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ALTMANN, Helena; MARTINS, José Carlos. Políticas da sexualidade no cotidiano escolar. In: CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; MARIGUELA, Márcio (Orgs.). **Cotidiano escolar**: emergência e invenção. Piracicaba: Jacintha Editores, 2007, p. 131-150.

ALVES, Rubem. **O que é religião?** 8ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da História Oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

AMENO, Agenita. **A função social dos amantes**: na preservação do casamento monogâmico. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BARRETO, Flávia de Oliveira; SILVESTRI, Mônica Ledo. Relações dialógicas interculturais: brinquedos e gêneros. In: RIBEIRO, Cláudia Maria; SOUZA, Ila Maria Silva de (Orgs.). **Educação Inclusiva**: tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção. Lavras: Ed. Ufla, 2008, p. 59-71.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. **Magia, técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 114-119 (Obras Escolhidas, 1).

\_\_\_\_\_. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia, técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221 (Obras Escolhidas, 1).

\_\_\_\_\_. **Rua de mão única**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987 (Obras Escolhidas, 2).  
BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. **Mulher, casa e família**: cotidiano nas camadas médias paulistanas. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Vértice/Editora Revista dos Tribunais, 1990.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade(s) e infância(s)**: a sexualidade como um tema transversal. Coordenação de Ulisses F. Araújo. São Paulo: Moderna; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1999 (Educação em pauta: temas transversais).

CARMO, Paulo Sérgio de. **Merleau-Ponty**: uma introdução. São Paulo: Educ, 2000.

CARNEIRO, Maria José. A desagradável família de Nelson Rodrigues. In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto (Org.). **Uma nova família?** O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987, p. 69-82.

CHIAVENATO, Júlio José. **Religião:** da origem à ideologia. 2ª ed. São Paulo: FUNPEC Editora, 2002.

COUTO, Márcia Thereza. Gênero e comportamento reprodutivo no contexto de famílias em pluralismo religioso. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org) et al. **Sexualidade, família e ethos religioso.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 207-246.

CULT. São Paulo, Editora Bregantini, ano 9, nº 106, set. 2006 (Dossiê Cult).

DARTIGUES, André. **O que é fenomenologia?** Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 9ª ed. São Paulo: Centauro, 2005.

DAUSTER, Tânia. A invenção do amor: amor, sexo e família em camadas médias urbanas. In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto (Org.). **Uma nova família?** O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987, p. 99-111.

DEITOS, Nilceu Jacob. **A presença da igreja no oeste do Paraná:** a construção do imaginário católico(1930-1990). Tese(Doutorado em História)— Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

DUARTE, Luiz Fernando Dias et al. Família, reprodução e ethos religioso: subjetivismo e naturalismo como valores estruturantes. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias (Org.) et al. **Família e religião.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006, p. 15-50.

EMER, Ivo Oss. **Desenvolvimento histórico do oeste do Paraná e a construção da escola.** Dissertação (Mestrado em Educação) — Departamento de Administração de Sistemas Educacionais, Instituto de Estudos Avançados em Educação, Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1991.

FÁVERI, Marlene de. Desquite e divórcio: a polêmica e as repercussões na imprensa. **Caderno Espaço Feminino.** Uberlândia, Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher (Neguem) da Universidade Federal de Uberlândia, v. 17, nº 1, p. 335-357, jan./jul.2007.

FONTANA, Roseli A. Cação. **Como nos tornamos professoras?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Ditos & escritos V:** ética, sexualidade, política. Organização e seleção de textos de Manoel Barros de Motta; tradução de Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade III:** o cuidado de si. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. 8ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005b.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 16ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005a.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e revisão técnica de J. A. Guilhon Albuquerque. 10ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. 11ª reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1995.

FURLANI, Jimena. **Mitos e tabus da sexualidade humana.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

\_\_\_\_\_. Sexos, sexualidades e gêneros: monstrosidades no currículo da educação sexual. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 28, 16-19 out. 2005, Caxambu, MG. **GE 23 — Grupo de Estudos Gênero, Sexualidade e Educação:** trabalhos e pôsteres. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/28/inicio.htm>. Acesso em: 2 fev. 2009.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Seis teses sobre as “teses”. **Revista Cult.** São Paulo, Editora Bregantini, ano 9, nº 106, p. 50-53, set. 2006 (Dossiê Cult).

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Imagens entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de (Org.) *et al.* **Por uma cultura da infância.** São Paulo: Autores Associados, 2002, p. 49-68.

\_\_\_\_\_. Memória, história e (re)invenção educacional: uma tessitura coletiva na escola pública. In: MENEZES, Maria Cristina (Org.). **Educação, memória, história:** possibilidades, leituras. São Paulo: Mercado das Letras, 2004, p. 287-330.

\_\_\_\_\_. Percepções culturais do mundo da escola: em busca da rememoração. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DO ENSINO DE HISTÓRIA, III, 15-17 set 1997, Campinas, SP. **Anais...** Campinas: Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1999, p. 99-108.

GATTAZ, André Castanheira. **Braços da resistência:** uma história oral da imigração espanhola. São Paulo: Xamã, 1996.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud:** a educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GEBARA, Ivone. **O que é cristianismo.** São Paulo: Brasiliense, 2008.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade:** sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GUIMARÃES, Áurea Maria. **A depredação escolar e a dinâmica da violência.** Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1990.

\_\_\_\_\_. Indisciplina e violência: a ambiguidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.) **Indisciplina na escola:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996, p. 73-82.

\_\_\_\_\_. O imaginário da violência e a escola. In: TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez;

PORTO, Maria do Rosário Silveira (Orgs.). **O imaginário do medo e cultura da violência na escola**. Niterói: Intertexto, 2004, p. 59-71.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação sexual na escola: mito e realidade**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

HEILBORN, Maria Luiza. Entre as tramas da sexualidade brasileira. **Revistas Estudos Feministas**. Florianópolis, Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, v. 14, nº 1, p. 1-16, jan./abr. 2006.

HEILBORN, Maria Luiza; BRANDÃO, Elaine Reis. Introdução: ciências sociais e sexualidade. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p. 7-17.

HYPOLITO, Álvaro L. Moreira. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero**. Campinas: Papyrus, 1997.

JESUS, Rilda Maria Bispo de. Implicações da ação docente sobre as questões de sexualidade e gênero na escola. **Revista Faced**. Salvador, Universidade Federal da Bahia, nº 11, p. 189-199, jan./jun. 2007.

KOLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

KONDER, Leandro. **Walter Benjamin: o marxismo da melancolia**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LAZIER, Hermógenes. **Paraná: terra de todas as gentes e de muita história**. Francisco Beltrão: Grafit, 2003.

LEAL, Andréa Fachel. Práticas sexuais no contexto da conjugalidade: o que implica a intimidade? In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.) et al. **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 61-84.

LOURO, Guacira Lopes. Corpos que escapam. *Labrys Estudos Feministas*. Número 4, ago./dez. 2003b. Disponível em:

<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/guacira1.htm>. Acesso em: 2 fev. 2009.

\_\_\_\_\_. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Proposições: Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação/Unicamp**. Campinas, v. 19, nº 2 (56), p. 17-23, maio/ago. 2008a (Dossiê: Educação, gênero e sexualidade).

\_\_\_\_\_. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 29, 15-18 out. 2006, Caxambu, MG. **GT 23 — Gênero, Sexualidade e Educação: trabalhos aprovados/trabalhos encomendados**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/29portal.htm>. Acesso em: 2 fev. 2009.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003a.

\_\_\_\_\_. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2ª ed. 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 7-34.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho**: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008b.

LOYOLA, Maria Andréa. A sexualidade como objeto das ciências humanas. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). **Sexualidade**: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p. 31-39.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na História Oral contemporânea. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos & abusos da História Oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 15-25.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Tradução de Alípio de Souza Filho. Natal: Argos, 2001c.

\_\_\_\_\_. **A sombra de Dioniso**: contribuição a uma sociologia da orgia. Tradução de Rogério de Almeida. 2ª ed. São Paulo: Zouk, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Contemplação do mundo**. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

\_\_\_\_\_. **Dinâmica da violência**. Tradução de Cristina M. V. França. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais/Edições Vértice, 1987.

\_\_\_\_\_. **Elogio da razão sensível**. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005b.

\_\_\_\_\_. **No fundo das aparências**. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005c.

\_\_\_\_\_. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS mídia cultura e tecnologia**. Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul, nº 15, p. 74-82, ago. 2001b.

\_\_\_\_\_. **O mistério da conjunção**: ensaio sobre comunicação, corpo e socialidade. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005d.

\_\_\_\_\_. **O ritmo da vida**: variações sobre o imaginário pós-moderno. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2007.

\_\_\_\_\_. **Sobre o nomadismo**: vagabundagens pós-modernas. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001a.

MARQUES, Ana Cristina. **A primeira relação sexual**: contextos e significados. Lisboa: Centro de Investigação e Estudos em Sociologia (Cies), 2007 (CIES e-Working Paper N. 32/2007).

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Canto de Morte Kaiowá**: história oral de vida. São Paulo: Loyola, 1991.

\_\_\_\_\_. Definindo História Oral e memória. **Cadernos Ceru**. São Paulo, n. 5, série 2, p. 52-60. 1994.

\_\_\_\_\_. **Manual de História Oral**. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MELO, Sonia Maria Martins de. **Corpos no espelho**: a percepção da corporeidade em professoras. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

MERENGUÉ, Devanir. **Poderes, papéis**: um estudo preliminar sobre gêneros na contemporaneidade. Monografia (Especialização em Supervisão e Didática Psicodramáticas) — Universidade Católica de Goiás, Instituto de Psicodrama e Psicodrama de Grupo de Campinas. Campinas, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Ciências do homem e fenomenologia**. Tradução, prefácio e notas de Salma Tannus Muchall. São Paulo: Saraiva, 1973.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MEYER, Dagmar E. Estermann; RIBEIRO, Cláudia; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Gênero, sexualidade e educação: “olhares” sobre algumas das perspectivas teórico-metodológicas que instituem um novo GE. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 27, 21-24 nov. 2004, Caxambu, MG. **Trabalhos encomendados**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/inicio.htm>. Acesso em: 2 fev. 2009.

MEZZOMO, Frank Antonio. Religião e colonização: uma abordagem histórica. **Educere - Revista de Educação da UNIPAR**. Umuarama, Coordenação de Editoração e Divulgação Científica da Universidade Paranaense (Unipar), v. 3, nº 1, p. 69-80, jan./jun. 2003.

MIOTO, Regina Célia Tamaro. **Educação e família**. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1989.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Uso e limites da categoria gênero. **Cadernos Pagu**. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu da Universidade Estadual de Campinas, v. 11, p. 99-105, 1998.

MURARO, Rose Marie. **Sexualidade da mulher brasileira**: corpo e classe social no Brasil. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Ventos, 1996.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética em Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

POSTER, Marx. **Teoria crítica da família**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar (Brasil, 1890-1930). 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

RECHIA, Tânia Maria. **O imaginário da violência em Minha Vida em Cor-de-Rosa**. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.

ROVERI, Fernanda Theodoro. A boneca Barbie e a educação das meninas: um mundo de disfarces. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 30, 7-10 out. 2007, Caxambu, MG. **GT 23 — Gênero, Sexualidade e Educação**: trabalhos. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/index.htm>. Acesso em: 2 fev. 2009.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 2004 (Coleção Tudo é história, 71).

SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface — Comunicação, Saúde, Educação**. Botucatu, Fundação UNI e UNESP, v. 5, nº 8, p. 47-60, fev. 2001.

SINGLY, François de. **Sociologia da família moderna**. Tradução de Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SOARES, Carmen Lúcia. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: SOARES, Carmen Lúcia. **Corpo e história**. 2ª ed. Campinas: Autores Associados, 2004, p. 109-129.

SOUSA FILHO, Alípio de. **Ideologia e transgressão**. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/alipiosousa>. Acesso em: 30 ago. 2009.

TEVES, Nilda. O imaginário na configuração da realidade social. In: TEVES, Nilda (Org.). **Imaginário social e educação**. Rio de Janeiro: Gryphus/Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992, p. 3-33.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu da Universidade Estadual de Campinas, nº 24, p. 127-152, jan./jun. 2005.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; ANDREAZZA, Maria Luiza. **Cultura e educação no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.

VALDÉS, Teresa. Socialização em sexualidade no Chile: adolescentes de camadas populares urbanas. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.) *et al.* **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 315-342.

VASCONCELOS, Fábio; ANDRADE, Maria Celeste de Moura. A mulher professora: gênero e constituição da identidade docente. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 27, 21-24 nov. 2004, Caxambu, MG. **GT 23 — Grupo de Estudos Gênero, Sexualidade e Educação**: textos de trabalhos e pôsteres. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/inicio.htm>. Acesso em: 2 fev. 2009.

WEBLER, Rita Melânia; RISTOW, Márcia Regina. O mal-estar e os riscos da profissão docente. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista**. Cascavel, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, v. 6, nº 11, 2006. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/csaemrevista/article/view/366/277>. Acesso em: 10 mar. 2008.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª ed., 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 35- 82.



## **ANEXOS**

## **Anexo 1. Roteiro das entrevistas**

- Apresentação da pesquisa

- Anotações necessárias de cada colaborador:

Idade:

Formação acadêmica:

Endereço residencial para correspondência:

Email:

Telefone:

- Você poderia falar um pouco da sua vida? Como foi sua infância, a relação com os seus pais, seus irmãos, seus amigos, seus namorados, com a escola, com a religião, com a política, com a sexualidade?

- O que você mais gosta de fazer: ler, escutar música, praticar esportes, ir ao cinema, ficar na internet. (Se disser cinema: que tipo de filmes gosta, qual o filme que mais a marcou, que foi mais significativo. Se disser livro, música, fazer as mesmas perguntas)?

- Quais os espaços culturais que frequenta? Por quê?

- Que outros espaços frequenta? Por quê? (igreja, sindicato, instituições filantrópicas)

- Qual a importância da religião em sua vida hoje? E como ela interfere em sua sexualidade?

- Qual a importância da família em sua vida hoje? E como ela interfere em sua sexualidade?

- Qual a importância do casamento em sua vida hoje? E como ele interfere em sua sexualidade?

- Qual a importância da profissão em sua vida hoje? E como ela interfere em sua sexualidade?

- Estamos falando tanto em sexualidade, mas afinal, pra você, o que é sexualidade?

- Se eu dissesse que não haveria entrevista e solicitasse uma imagem que expressasse o que é sexualidade para você, que imagem você me traria? Pode ser o quadro de um artista plástico, a cena de um filme, uma cena do seu cotidiano, do seu passado. E se eu lhe pedisse uma frase, uma poesia?

**Anexo 2. Carta de autorização do uso do depoimento sem a identificação do nome da colaboradora da pesquisa**

### **Carta de Autorização**

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº. \_\_\_\_\_, declaro aprovar a textualização do depoimento oral que concedi a Andréa Cristina Martelli, RG nº 4.956.018-4, professora do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_/.

Autorizo que o depoimento, por mim concedido, possa ser utilizado para fins de estudos acadêmicos e culturais no âmbito da educação.

Também declaro não autorizar a identificação do meu nome, como uma das colaboradoras da pesquisa.

\_\_\_\_\_

Cascavel, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**Anexo 3. Carta de autorização do uso do depoimento com a identificação do nome da colaboradora da pesquisa**

**Carta de Autorização**

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº. \_\_\_\_\_, declaro aprovar a textualização do depoimento oral que concedi a Andréa Cristina Martelli, RG nº. 4.956.018-4, professora do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_/.

Autorizo que o depoimento, por mim concedido, possa ser utilizado para fins de estudos acadêmicos e culturais no âmbito da educação.

Também declaro autorizar a identificação do meu nome, como uma das colaboradoras da pesquisa.

\_\_\_\_\_

Cascavel, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_